O Teu Filho Vive!

- Mensagens de um soldado da Grande Guerra, á mãe do além -

Grace D. Boylan

Tradução: amadeu António

O Teu Filho Vive
Mensagens de um Soldado da Primeira Guerra Mundial à Sua Mãe a partir da Vida Após a Morte

Grace D. Boylan

Introdução de
Gary E. Schwartz, PhD, 2014

Índice

Introdução à Edição Dover
Prefácio
Teu Filho Vive

Introdução à Edição Dover

«Mãe, sê corajosa. Estou vivo e amo-te. Mas o meu corpo está com os milhares de filhos de outras mães perto de Lens. Faz chegar este facto a outras pessoas, se puderes. É terrível para nós quando sofrem, e não conseguimos entrar em contacto convosco para vos dizer que estamos bem. Este é um método desajeitado. Hei de encontrar algo mais fácil. Ainda estou confuso.»

Bob

PODERÁ ESTE LIVRO ser verdadeiro?

Em 1918, foi publicado anonimamente um livro pela Little, Brown, and Company que alegava conter mensagens em código Morse transmitidas por telegrafia sem fios. Por si só, isto não é controverso. O que é controverso é que as mensagens, redigidas sob a forma de cartas, teriam sido compostas por um soldado falecido chamado Bob — um engenheiro eletrotécnico com formação em código Morse — e inicialmente enviadas à sua mãe enlutada através do telégrafo sem fios.

Segundo a mãe, «O uso do telégrafo sem fios foi rapidamente abandonado em favor da escrita automática, mais conhecida, simplesmente por uma questão de conveniência.»

A mãe acrescenta: «Isto levará, naturalmente, os céticos a afirmar que estas mensagens são emanações subconscientes da autora — nada mais nem menos.»

Em resposta às perguntas do editor acerca da autenticidade das cartas, a autora que acabou por compilar as cartas da mãe respondeu:

«Peço-vos que encarem o livro como verdade, sem provas de qualquer espécie, contendo em si mesmo a sua explicação e o seu apelo.»

Quase cem anos depois, esta coleção de cartas alegadamente «transmitidas sem fios», bem como de cartas «escritas automaticamente» a partir do outro lado, está a ser republicada pela Dover Publications.

O editor da Dover Publications encontrou na internet a seguinte informação (http://www.imdb.com/name/nm0102161/bio). O sítio afirma que uma mulher chamada Grace Duffie Boylan foi a mãe que escreveu o livro e o publicou inicialmente de forma anónima. Afirma ainda que Boylan «viria mais tarde a insistir que a sua história era verdadeira e que ela era a mãe do soldado falecido». O sítio acrescenta que «anos depois, Peter O'Fallon basearia o seu filme *A Rumor of Angels* (2000) na comovente história de Boylan».

Surge então a questão: haverá alguma razão para levar este livro a sério?

Poderemos ler estas belas e inspiradoras cartas e concluir que são algo mais do que ficção criativa?

Existem duas razões principais pelas quais considero que devemos encarar este livro como algo mais do que ficção científica do início do século XX ou os delírios inconscientes de uma mãe em luto. Antes de explicar essas duas razões, permitam-me dizer brevemente quem sou, para que possam decidir se as minhas razões para levar este livro a sério merecem também a vossa consideração.

Sou um cientista académico sénior que investiga a hipótese da sobrevivência da consciência após a morte física há quase duas décadas. Escrevi quatro livros contendo investigação experimental e aplicada extensa que aborda cuidadosamente a possibilidade da vida após a morte física. Esses livros são: *The Living Energy Universe, The Afterlife Experiments, The Truth about Medium* e *The Sacred Promise*.

Resumidamente, obtive o meu doutoramento em psicofisiologia e psicologia da personalidade na Universidade de Harvard em 1971. Fui professor assistente em Harvard e professor catedrático na Universidade de Yale antes de ingressar na Universidade do Arizona em 1988. Publiquei mais de 450 artigos científicos e capítulos, incluindo seis artigos na revista *Science*, e fui coeditor de 11 livros académicos. Dirigi numerosos laboratórios e centros, incluindo o Yale Psychophysiology Center, o Human Energy Systems Laboratory, o Center for Frontier Medicine in Biofield Science e o Laboratory for Advances in Consciousness and Health. Atualmente sou Professor de Psicologia, Medicina, Neurologia, Psiquiatria e Cirurgia na Universidade do Arizona. Partilho estes dados do meu percurso académico para que possam compreender melhor de que forma as minhas razões para levar este livro a sério assentam numa sólida formação e experiência profissionais.

A primeira razão é que muitas das afirmações alegadamente recebidas de Bob no início do século XX são compatíveis com as

evidências mais avançadas obtidas pela investigação do século XXI sobre a vida após a morte. Seguem-se alguns exemplos de afirmações atribuídas a Bob (recuadas e entre aspas) que estão em conformidade com a investigação contemporânea:

«Mas parece que adquirimos a capacidade de ouvir tudo o que nos é dirigido pessoalmente, através de qualquer distância. É assim que nos alcançam. E aquilo que agora tentamos fazer é conseguir que nos ouçam tão bem como nós vos ouvimos. Por favor, coloque isto em itálico quando publicar o que digo.»

Todos os médiuns genuínos que testei em condições laboratoriais controladas — e já são mais de duas dezenas — afirmam que alguma versão desta declaração de Bob é verdadeira. Além disso, muitas das nossas experiências envolvem médiuns que realizam leituras a distâncias de centenas ou milhares de quilómetros, sendo essas leituras geralmente muito precisas.

«O nosso uso dos termos "aqui" e "ali" é provavelmente enganador. Nesta fase, como já expliquei, não estamos separados de vós; quero dizer que não estamos afastados das influências e condições da Terra.»

Esta afirmação, expressa de diferentes formas, é relatada com frequência pelos médiuns de investigação. O subtítulo de *The Sacred Promise* é *How Science is Discovering Spirit's Collaboration with us in our Daily Lives*. As evidências sugerem fortemente que não só «Eles» são influenciados, em certa medida, pelas «condições da Terra», como também podem influenciar-nos a nós e à Terra em diversos graus.

«Procura lembrar-te, querida mãe, de que não sei muito mais do que sabia quando te deixei. Ou seja, não me foi concedida qualquer sabedoria especial. Contudo, as minhas perceções tornaram-se mais vivas e a minha inclinação natural é encorajada. Tenho todas as oportunidades para aprender.»

Nas cerca de mil leituras de investigação a que assisti ao longo das últimas duas décadas, praticamente todas revelaram espíritos do outro lado que conservam as suas personalidades fundamentais e que não estão muito mais avançados em termos da sua compreensão do cosmos ou da sua sabedoria acerca dele. Além disso, existem evidências substanciais de que os espíritos continuam a aprender e a evoluir após a morte física.

«Parecemos tal como éramos em carne e osso. É quase como se apenas tivéssemos saído da nossa pele, como fazem as serpentes. Um processo natural, familiar às pessoas simples, mas demasiado simples para ser considerado por aqueles caçadores de borboletas que tentam capturar a alma na sua rede. Por favor, corta essa parte, mãe. Podes, contudo, manter a comparação com a serpente; penso que contém alguma verdade.»

Para que fique registado, não me recordo de alguma vez ter ouvido qualquer dos médiuns que testei comparar espontaneamente o processo da «morte» — ou seja, da «transição» — com uma serpente a mudar de pele. Pelo contrário, utilizam frequentemente a metáfora da metamorfose da borboleta. Contudo, todos os médiuns que testei indicam que os espíritos surgem do outro lado de forma semelhante à que tinham na Terra (muitas vezes aparentando uma idade mais jovem). A metáfora da serpente funciona efetivamente.

«E, por entre todos estes outros pensamentos e acima deles, existe algo que os impregna com uma espécie de fragrância emocionante. Penso que é o amor, mãe.»

Todos os médiuns genuínos que testei afirmaram que aquilo que une as pessoas após a transição é o amor. Discuto a hipótese da sobrevivência do amor em todos os meus livros. Posso acrescentar que Rhonda E. Schwartz, minha esposa, publicou um livro que documenta evidências do sucesso da sua mãe em

continuar a comunicar com Rhonda após a própria morte; o título do livro é *Love Eternal*. A descrição de Bob do amor espiritual como «uma espécie de fragrância emocionante» é original, poética e apropriada.

«Quero apenas dizer que estou a melhorar na visão espiritual. Quando começámos anteriormente, recordas-te, eu só conseguia ver o óbvio: corpos destruídos de carne e de pedra. Hoje vejo as estruturas imortais.»

Sob certos aspetos, esta é uma das conclusões conceptuais mais profundas reveladas neste livro. Quando era professor em Yale, desenvolvi uma fórmula matemática para «sistemas de informação-energia» dentro de «sistemas materiais» que possuem uma espécie de imortalidade. A física dos fotões — tanto das frequências visíveis como invisíveis da luz — possui uma forma de imortalidade. A afirmação de Bob de que está a aprofundar esta compreensão é compatível não apenas com a física contemporânea, mas também com a aparente evolução das almas após a transição.

Espero que agora compreendam por que motivo vejo algum valor nas afirmações relatadas neste livro. Existe, contudo, uma segunda razão para o levar a sério, e essa razão diz respeito à alegação mais controversa da obra: a de que Bob conseguiu utilizar um telégrafo sem fios para transmitir mensagens.

Porque admito a possibilidade de esta alegação ser verdadeira?

Em primeiro lugar, os meus colegas e eu temos conduzido investigação pioneira que indica que os espíritos podem aprender a manipular de forma fiável sensores eletrónicos sensíveis (num grau significativamente superior ao acaso).

Por exemplo, no capítulo 14 de *The Sacred Promise*, intitulado «The Holy Grail of Spirit Communication», apresento, em linguagem acessível, resultados de experiências recentemente publicadas que indicam como espíritos individuais, quando solicitados, podem utilizar um «sistema de fotomultiplicador de silício» para produzir rajadas aumentadas de fotões numa câmara completamente escura. E, curiosamente, estamos atualmente a integrar esta tecnologia com procedimentos digitais de código Morse para determinar se espíritos específicos conseguem aprender a utilizá-la para comunicar.

Em segundo lugar, tive o privilégio de tomar conhecimento de certos espíritos que, desde a sua partida, conseguem por vezes produzir fenómenos físicos verdadeiramente anómalos. Um exemplo notável encontra-se documentado no filme *The Life After Death Project*, de Paul Davids. O documentário inclui leituras realizadas por médiuns de investigação, bem como evidências de que o falecido Forrest J. Ackerman utilizou com sucesso um protótipo de «Soul Phone».

Celebração com Prudência

Para que fique claro, não pretendo sugerir que todas as afirmações deste livro sejam necessariamente exatas ou verdadeiras. Duvido seriamente disso.

Ao mesmo tempo, a principal mensagem que se retira desta obra é compatível com o conjunto global das evidências científicas, e devemos honrar Bob e a sua mãe repetindo-a aqui:

«Querida mãe, estás a comportar-te como uma muralha de tijolo. Digo-te que vamos fazer esta peça sobre a mortalidade atravessar a ribalta. E ela tem de ser conhecida como verdade. Não quero dizer exatamente isso. Mas sabes o que me vai na mente. Se pudesses ouvir os clamores que nos chegam de mães, pais, esposas e órfãos, compreenderias com que constância

planeio e reflito sobre esta questão. Se apenas conseguisses fazê-los compreender que não existe morte.»

(Itálicos de Bob.)

Esta é a grande mensagem de um soldado à sua mãe. Provavelmente nunca saberemos ao certo a verdade sobre a origem e a história deste livro. O que podemos saber com certeza é que as mensagens de esperança celebradas nesta obra merecem a nossa reflexão atenta e a nossa sincera gratidão.

Gary E. Schwartz, PhD

Gary E. Schwartz, PhD, é Professor de Psicologia, Medicina, Neurologia, Psiquiatria e Cirurgia e Diretor do Laboratory for Advances in Consciousness and Health da Universidade do Arizona. É também Presidente da Eternea. Entre os seus livros contam-se *The Afterlife Experiments*, *The G.O.D. Experiments*, *The Energy Healing Experiments* e *The Sacred Promise*.

PREFÁCIO

AO PUBLICAREM ANONIMAMENTE um livro desta natureza, os editores consideram necessário apresentar algumas

palavras de explicação. O manuscrito foi recebido de uma autora que lhes era conhecida, acompanhado da seguinte carta:

«As notas para este manuscrito chegaram à minha posse há vários meses, mas não encontrei forma de o submeter para publicação até agora, quando a pungente dor do mundo leva todos os corações a oferecer tudo o que puderem de consolo.

«Estou convencida de que as cartas, apresentadas de forma simples, deste soldado morto na Flandres contêm conforto para todos aqueles que hoje choram os seus mortos ou que terão de os chorar no futuro. Gostaria de ver estas cartas amplamente divulgadas através de um livro de baixo custo.»

Convencidos da sinceridade da autora e compreendendo que estas mensagens de um soldado americano não eram comunicações espíritas comuns, os editores pediram mais informações. A autora respondeu:

«Peço-vos que encarem o livro como verdade, sem provas de qualquer espécie, contendo em si mesmo a sua explicação e o seu apelo.»

Este livro é publicado com a esperança de cumprir o desejo da autora — proporcionar consolo àqueles a quem a guerra exigiu os corpos dos seus entes queridos. A sua mensagem, expressa numa das comunicações de Bob à sua mãe, é: «Não existe morte. A vida continua sem impedimento nem limitação. A única coisa que aflige os homens que chegam aqui é o facto de aqueles que os amavam estarem em agonia.»

TEU FILHO VIVE

TODAS AS NOITES, QUANDO ESTOU em casa — e tenho permanecido em casa com bastante regularidade nestes dias, tricotando intermináveis meadas de lã cinzenta para fazer

meias destinadas aos rapazes nas trincheiras — subo ao quarto do Bob e vagueio entre as suas coisas, tocando nas suas roupas ainda impregnadas do cheiro do tabaco, da forma tola que é própria das mães.

O quarto de um homem é um lugar estranho — quando o homem já partiu. Este, do outro lado do corredor em relação ao meu, foi o que Bob escolheu para si quando deixou o berçário. Não foi a sua primeira escolha. Quando anunciou que já não queria que o vigiassem durante a noite, escolheu e apropriou-se do quarto de hóspedes situado na parte mais afastada da casa, mudando-se para lá com o seu cão e um porquinho-da-índia. Passou ali a noite sem um único queixume. Mas, na manhã seguinte, informou-me de que achava que devia ficar perto de mim, caso eu precisasse da sua ajuda. Mudou-se, e o quarto tornou-se um volume inteiro da sua história desde os cinco anos de idade.

É um registo do seu percurso desde essa época até ao dia em que os clarins o chamaram para longe. Os livros das estantes vão desde os *Contos da Mãe Gansa* até Kant e toda a sua linhagem de pensadores, passando depois por aquilo que Morse lançou e Marconi fez florescer. Estes últimos são os livros mais manuseados. Bob dedicou-se à telegrafia como uma faísca se entrega às ondas do éter. Foi um dos primeiros a erguer uma antena de telegrafia sem fios sobre a própria casa e, naturalmente, eu tive de estudar e fazer experiências com ele.

Obrigou-me a aprender o código e a ser a destinatária das suas mensagens. Quando olho para trás, impressionam-me os métodos usados pelo Destino que molda os nossos fins. Se não tivesse adquirido aquele rudimento da ciência da telegrafia através das nossas brincadeiras, não teria ouvido uma mensagem que — mas disso falarei mais adiante.

Para mim, era algo aborrecido passar o tempo a tentar dominar uma coisa tão complexa como a telegrafia sem fios; e, naturalmente, nunca cheguei a ser competente. Mas, quando o esforço inicial passou e ambos adquirimos alguma rapidez e capacidade de receção, tornou-se muito divertido; e tínhamos um segredo entre nós que nos fazia companheiros. Costumávamos sentar-nos aqui neste quarto e captar segredos diplomáticos que, felizmente, não conseguíamos decifrar, e mensagens internacionais que, infelizmente, creio agora, também não conseguíamos interpretar. E quando Bob começou verdadeiramente a enfrentar a matemática que haveria de abrir caminho para a profissão de engenheiro eletrotécnico que adotara com tanto entusiasmo, passava os tempos livres a tentar simplificar o já simples aparelho de Marconi.

Estávamos aqui juntos no dia em que Milly, a criada, trouxe a correspondência da tarde e entregou a Bob um envelope comprido com aspeto oficial, que continha uma ordem de Washington para desmontar imediatamente o equipamento de telegrafia sem fios. Tínhamos ouvido dizer que os amadores estavam a tornar-se incómodos — até mesmo no espaço; mas foi um choque descobrir que fazíamos parte dessa lista. Bob transformou-se literalmente num jovem deus do trovão quando se colocou diante do aparelho e transmitiu os seus protestos para a capital.

Sempre que olho para aquele canto do quarto recordo a sua expressão quando estava «furioso», como costumava dizer a pequena Myra Kelly. É um rapaz bonito, alto, atlético, de traços fortes e olhos azuis, com o cabelo escuro penteado para trás segundo a moda tão geralmente adotada pelos jovens de Nova Iorque. Vestia a roupa de trabalho quando ocorreu o episódio de que falo: calças cinzentas, colarinho baixo e gravata macia. Estava tenso de indignação.

Sugeri que talvez estivesse a acontecer alguma coisa que nós não compreendíamos. Ele respondeu que devia ser informado da razão pela qual o estavam a mandar fazer aquilo e que tencionava descobrir que raio pretendia o governo. Não descobrimos grande coisa. Mas a mensagem seca ordenando o imediato desmantelamento não tardou. Bob ofereceu alguma resistência. Eu disse-lhe que nunca tínhamos sido obrigados a praticar a obediência perante a autoridade e que, por isso, nos custava; mas que, como americanos unidos pelo bem comum numa causa comum, o correto seria cumprir qualquer exigência e perguntar depois porquê.

Não cedeu sem lutar; mas acabou por ceder.

— É uma maldita vergonha — resmungou ao regressar pela janela com as múltiplas antenas nos braços e enrolar os fios numa bobina sobre a mesa. — Tenho a certeza de que estava prestes a descobrir uma forma de eliminar muita desta tralha.

Sentou-se na borda da mesa e balançou inquietamente as longas pernas.

— Raios — repetiu, irritado. — Vou contratar uma pequena onda etérica só para mim. Ora, mãe, James... — referia-se a William James, de Harvard, uma figura quase lendária aos seus olhos — ... James diz que todos os meios de comunicação entre mentes estão ao nosso alcance e disponíveis. A sua utilização apenas espera pelo desenvolvimento da inteligência humana.

Começou a arrumar as bobinas e as várias peças que trouxera para dentro, mas decidiu deixar o recetor onde estava até encontrar uma forma de lhe dar uso em laboratório. Deixei-o a fumegar, literalmente envolto numa névoa azulada, e desci para tomar chá.

A nossa casa é uma das antigas residências do Hudson, abaixo de Tarrytown. Nasci aqui, casei aqui e aqui fiquei viúva; e foi também aqui que Bob viu pela primeira vez a luz da Terra. As pessoas que vivem connosco e nos servem são, por sua vez, servidas por nós. Sentimo-nos verdadeiramente parte desta terra. Vivemos de forma simples e tivemos apenas as experiências normais de uma confortável família americana, na igreja, na sociedade e no lar. Quero insistir nesta existência equilibrada e nada imaginativa por causa do que terei de contar mais adiante.

Milly trouxe o carrinho do chá e Bob desceu para se juntar a mim. Continuava irritado, mas comeu um frasco inteiro de compota de ameixa e acabou com o pão todo, até eu lhe recordar que faltavam apenas duas horas para o jantar.

— Vamos sair — exclamou, levantando-se e rindo. — Caminhar ou remar? Qual preferes? Vou buscar-te o casaco e o lenço.

Escolhi o rio. Sabia que a canoa o manteria ocupado e senti que os seus nervos precisavam de acalmar. Saímos e descemos até ao local onde a pequena embarcação batia suavemente com a proa no cais e, poucos minutos depois, Bob impulsionava-a com a sua vigorosa remada universitária em direção à esquadra ancorada no rio. Sempre gostámos de partilhar grandes momentos — o rapaz e eu. E aquele era um grande momento. Remámos por entre os navios e observámo-los com orgulho no coração.

— Parecem invencíveis, não parecem? — disse eu, com a voz embargada.

Ele lançou-me um olhar rápido.

— Mãe, foi exatamente isso que disseste no dia em que passámos diante do *Lusitania*.

O meu coração afundou-se dolorosamente. Pareceu-me que a luz desaparecia do céu. Bob continuava a olhar fixamente, como se também tivesse visto subitamente diante de si algo que durante muito tempo passara despercebido.

— O que eu quero saber — disparou — é isto: porque não estamos em guerra com a Alemanha, se a Alemanha está em guerra connosco?

Interrompeu-se para me gritar que não balançasse o barco. Penso que quase o afundei. Porque, de repente, compreendi o que tinha interrompido as nossas experiências com a telegrafia sem fios. Todos os acontecimentos das últimas semanas, que me tinham parecido insignificantes, assumiram uma enorme importância.

— Vamos para casa — disse eu, debilmente. — E não me fales. O nosso país está em guerra... e eu só me apercebi disso neste instante.

Ele concentrou toda a sua atenção em afastar-se dos navios e evitar a forte ondulação provocada por um pequeno rebocador. Perguntei-me se seria a luz do entardecer que lhe alterava tanto o rosto quando finalmente disse:

— Sabes o que isso significa, mãe?

E respondi, sem dizer a verdade:

— Sei o que significa.

De repente sorriu e, ao desembarcarmos, lançou-me uma pá cheia de água.

— Ah, sua mãe espartana! — riu-se. — Essa história de «volta com o escudo ou sobre ele» não combina com uma traquinas rechonchuda como tu. Anda, vou correr contigo até casa.

Mas permaneci onde estava.

— Robert, não... — gemi. — Sou uma mulher velha com um filho que vai para os canhões.

Ele voltou para trás e passou-me o braço pelos ombros, porque eu tremia.

— Não podemos começar a guerra por nossa conta — disse. — Temos de esperar por Washington. Portanto, anima-te. Quem sabe se alguma coisa não acontecerá para a evitar?

Mas eu sabia que aconteceria. Sabia-o tão bem como soube, meses depois, quando a guerra foi declarada.

Entretanto, continuámos a viver normalmente, exceto pelo facto de eu me dedicar intensamente à Cruz Vermelha e ao auxílio aos países estrangeiros, afastando-me de algumas das atividades dos meus clubes. Bob entrou para Columbia e regressava aos fins de semana, ocasiões em que eu organizava as habituais reuniões em casa, frequentadas por tantas raparigas bonitas que ele não conseguia apaixonar-se por nenhuma. Havia quem pensasse que eu queria monopolizar o meu filho e afastá-lo do seu próprio amor e felicidade.

Mas ele sabia que eu não interferia na sua vida. Era apenas uma veterana a mostrar um bom caminho, deixando o jovem livre para descobrir um melhor, se conseguisse. Fiquei, contudo, algo surpreendida ao ver passar as semanas e continuar sem estar apaixonado. Penso que a sua mente estava sobretudo ocupada com as experiências elétricas e que ainda se preocupava com a estação de telegrafia desmontada, passando muitas horas, quando deveria andar a divertir-se, junto do aparelho que continua sobre aquela mesa.

— Valha-me Deus, mãe — dizia ele. — Não consigo livrar-me da sensação de que preciso de levar esta ciência ao mais alto

nível! Os alemães estão a utilizá-la de formas que desconhecemos. E, se for chamado a combater, como naturalmente serei, quero ter um trunfo escondido que vença o inimigo no próprio terreno dele. Qualquer outra pessoa se riria ao ouvir-me dizer isto, mas tenho um pressentimento de que serei necessário numa função muito específica antes de vencermos esta guerra. E guarda bem as minhas palavras: um dia, quando estiveres aqui neste velho quarto, ouvirás notícias do teu pequeno Robbie! Vou montar o equipamento da melhor forma possível, respeitando as restrições, e quando estiver em França verei se consigo imaginar um sistema de retransmissão ou qualquer coisa semelhante para entrar em contacto contigo.

Na altura não julguei isso possível. Mas recordei as suas palavras quando a velha casa não passava de um amontoado solitário e cinzento de divisões vazias e ele já tinha partido com a sua unidade ao primeiro apelo às armas.

O que senti ao ver o meu único filho partir para a guerra foi exatamente o que outras mães sentiram e sentirão à medida que mais e mais jovens forem entregues ao seu país. Mas aquilo que tenho ainda para revelar é algo que todos os pais e mães deveriam conhecer. E vou contá-lo de forma simples.

Bob foi colocado num Corpo de Engenheiros e rapidamente obteve a patente de segundo-tenente. Esteve entre os primeiros a atravessar o oceano. Recebi uma dúzia de cartas enviadas de «Algures em França» e não foi difícil perceber o seu entusiasmo e o seu espírito. Sentia-se realizado com o trabalho árduo e com a perspetiva de dar combate ao alemão. Tinha conseguido qualificar-se para o serviço de telegrafia sem fios, para sua enorme satisfação, e já participara numa missão de reconhecimento. O próprio Pershing o tinha elogiado. Avisava-me para não me preocupar se demorasse a receber notícias, pois as cartas tinham dificuldade em chegar ao destino.

Depois chegou outra carta, contando episódios divertidos da vida no campo e o lado mais alegre da condição militar. Acrescentava que eu tinha sido uma verdadeira companheira para ele e que o tinha ajudado a tornar-se homem.

Trouxe essa carta para o quarto dele e estava a lê-la, rindo e chorando alternadamente, como fazem as mulheres, quando o aparelho de telegrafia sem fios transmitiu o sinal de «atenção». Corri para o manipulador e, instantes depois, recebi a mensagem que Bob prometera encontrar forma de me enviar para ali. Tenho-a diante de mim tal como a traduzi do código Morse, acrescentando apenas a pontuação:

«Mãe, sê corajosa. Estou vivo e amo-te. Mas o meu corpo está com os milhares de filhos de outras mães perto de Lens. Faz chegar este facto a outras pessoas, se puderes. É terrível para nós quando sofrem, e não conseguimos entrar em contacto convosco para vos dizer que estamos bem. Este é um método desajeitado. Hei de encontrar algo mais fácil. Ainda estou confuso. Bob.»

Assim, a notícia de que o meu filho tinha sido morto chegou-me pela sua própria inteligência, através dos métodos que tínhamos usado juntos nas nossas experiências neste mesmo quarto. E assim a transcrevo, como ele me mandou fazer, para que todos a vejam e possam convencer-se da sua sinceridade.

Não tenho explicações nem provas além das que aqui são apresentadas. Um homem que morreu em combate e continua vivo, capaz de comunicar com a pessoa que lhe é mais próxima em simpatia espiritual, tem de apresentar os seus próprios argumentos. Não possuo conhecimento das leis ou limitações psíquicas estabelecidas. Mas sei aquilo que sei.

As minhas próprias emoções, os capítulos mais ou menos movimentados da minha vida e das vidas dos que me rodeiam nada têm que ver com este livro de cartas vindas de lugares

distantes. Bob e eu queremos aliviar, tanto quanto possível, a angústia intolerável do mundo. Nada houve de espetacular ou notável na sua morte. Um mês mais tarde, os jornais publicaram o seu nome entre centenas de outros abatidos pelos canhões alemães. Deve ter comunicado comigo muito pouco tempo depois de cair. E, do princípio ao fim, o seu desejo urgente foi — e continua a ser — tranquilizar e consolar as famílias dos soldados «falecidos».

Nas mensagens que se seguem, apresentadas pela ordem em que foram recebidas, muitos encontrarão uma naturalidade que lhes parecerá absurda. Sentirão que, como acontece em todas as experiências que ultrapassam os limites dos sentidos materiais, as comunicações espirituais estão excessivamente misturadas com a Terra. Compreendo esse ponto de vista. Sempre me afastei dos livros que alegavam ter origem espiritual porque sentia que a alma autora não estava intelectualmente acima do nível humano mais comum.

Eu queria a prova de uma angelicidade imediata: omnisciente, omnividente, perfeita em sabedoria. Mas estou agora convencida de que os processos de educação entre os mundos são, em certa medida, semelhantes; e sinto-me profundamente consolada ao perceber que Bob Bennett continua a ser Bob Bennett.

Afetuoso, coloquial e familiar — mas com uma esfera de atividade enormemente ampliada e completamente livre das limitações físicas e da estreita duração dos anos.

Até ao momento em que comecei a preparar a publicação, recebi comunicações do meu filho quase diariamente. Algumas delas são cartas pessoais que não incluirei nesta obra, para evitar que alguém possa, no futuro, romper o anonimato que nos é necessário. Mas todas aquelas que me parecem esclarecer um

pouco o mistério e simplificar os métodos de intercâmbio mental são apresentadas tal como foram recebidas.

Como se verá numa carta inicial, o uso da telegrafia sem fios foi rapidamente abandonado em favor da escrita automática, mais conhecida, simplesmente por uma questão de conveniência. Isto levará, naturalmente, os céticos a afirmar que estas mensagens são emanações subconscientes da autora — nada mais nem menos.

Pois bem, talvez o sejam. Não posso afirmar que não o sejam. Porque não sei o que é a subconsciencialidade. De que matéria é feita. De onde vem ou para onde vai. Talvez seja a ponte, a ligação entre a parte mortal e a parte imortal do ser humano. Talvez seja a vida inerente que todos os cientistas, do primeiro ao último, procuraram sem encontrar; esse obstáculo invisível sobre o qual todas as teorias bem construídas dos átomos e dos eletrões acabam por tropeçar e cair. Se a subconsciencialidade é uma dessas coisas, então é mais do que provável que o meu rapaz esteja a utilizar os seus canais de comunicação. Porque eles devem estar suficientemente desimpedidos do lado dele do caminho. Na verdade, como se verá nestas notas, se não estivéssemos adormecidos junto dos nossos quadros de ligação, talvez todos pudéssemos comunicar com a mesma facilidade e espontaneidade com que as pessoas comuns enviam telegramas umas às outras todos os dias.

Bob insiste na simplicidade do processo. Faz-me compreender que não há necessidade de toda a parafernália exterior de mistério, truques obscuros, gabinetes, intermediários ignorantes, transes, contemplações de bolas de cristal e todas essas coisas. Insiste na descoberta de que o mortal realmente se reveste de imortalidade. Tem dificuldade em descrever qual é a diferença no que chamamos mundo espiritual: as formas de viver, comer, beber e vestir-se. «Pelo que consigo ver», diz numa das suas cartas mais recentes, «este é um lugar onde cada um pode

seguir as suas próprias inclinações; por exemplo, continuo a trabalhar na telegrafia sem fios, tal como queria fazer antes de chegar aqui. Neste momento vivo num acampamento com muitos outros rapazes.»

Ao reler as suas cartas, não me parece que ele tenha revelado os segredos do novo ambiente em que vive. Não parece esconder nada deliberadamente; mas a minha curiosidade acerca de quem é quem no Céu e as minhas perguntas sobre questões teológicas continuam sem resposta. Talvez a Diplomacia Superior retenha essas informações, ou talvez ainda não sejamos suficientemente esclarecidos para compreender sequer estas coisas com que nos deparamos continuamente. Eu não compreendo minimamente os fenómenos mais simples da natureza visível, mas, se Bob não me explica como obtém as suas roupas nem sugere quem realiza o trabalho nesses lugares distantes, sou levada a pensar que há algo de apócrifo nas suas mensagens. E, por causa dessa incredulidade, volto à atitude comum: uma mulher que chora o seu filho e não consegue encontrar consolo.

A fé parece ter cumprido praticamente todas as tarefas que lhe foram atribuídas, exceto o reconhecimento do livre progresso da alma libertada. «Provas, provas», clamamos nós. Mas não há provas. E assim algum homem sombrio constrói um credo a partir da sua escassa compreensão. Coloca o Céu muito acima e o Inferno muito abaixo, e entre ambos um Deus fraco e violento. Se eu não tivesse a certeza de que estas comunicações são autênticas, mensagens literais do meu filho para mim, ainda assim preferiria aceitar uma fé agradável por confiança do que uma desagradável nas mesmas condições.

Uma única coisa é certa: a inevitabilidade daquela mudança que a maioria de nós chama «morte» e que poetas visionários, como Wordsworth, chamam «transição». As palavras são sinónimas. O meu rapaz levou-me a compreender a sensatez e a

simplicidade naturais com que a vida familiar continua quando terminamos este trabalho de sala de aula e prosseguimos para lugares distantes. Penso que existem analogias por toda a natureza: milhões de pequenas criaturas encerradas em conchas, cujos nomes desconheço, e tantos outros organismos minúsculos passam por sucessivas mudanças e desenvolvimentos que não são menos maravilhosos do que a emergência da alma para fora do corpo.

Aqueles que passaram pela morte descobriram que ela é fácil; especialmente os que partiram no estrondo da batalha ou em desastres súbitos e tremendos. Bob fala disso por experiência direta. E, a partir de agora, as suas cartas devem transmitir o consolo que tanto deseja oferecer:

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Carta Número 2 (por telegrafia sem fios)

Atenção: Façam chegar isto a todos: não há horror na morte. Num momento eu estava no meio da ação, com a minha companhia, e no minuto seguinte o tenente Wells tocou-me no braço e disse: «O nosso comando atravessou. Vamos.» Pensei que se referia ao rio e segui-o através da barragem de fogo cruzado que os Tommies tinham montado, até uma encosta que eu não tinha notado antes: um lugar limpo, não enegrecido pelos canhões.

Havia ali muitos rapazes que eu conhecia, bem como tropas desconhecidas. Mas pareciam estranhos. Olhei para mim próprio. Continuava vestido de verde-azeitona, sem dúvida. Mas o uniforme não era cáqui; parecia ser feito de uma matéria mais subtil. Não tinha arma. Alcancei Wells.

«Que diabo se passa comigo, connosco todos?» perguntei.

Ele respondeu:

«Bob, estamos mortos.»

Ao princípio não acreditei. Sentia-me perfeitamente bem. Mas os homens estavam em movimento e entrei na formação. Quando atravessámos as barreiras de arame farpado alemãs e passámos diante dos obuses, compreendi que o corpo que podia ser ferido tinha ficado no campo vermelho da batalha. Então pensei em ti. Enviei essa mensagem sem fios a partir de uma estação inimiga no campo.

O oficial responsável não me podia ver. Mas ouviu-me, suponho eu, pela forma como os seus olhos se arregalaram. De qualquer modo, disparou alguns tiros na minha direção. Hoje estou a utilizar um aparelho abandonado numa trincheira, dependendo de retransmissões. Segundo Wells, fomos destacados para serviço aqui por enquanto.

Não sei como ele sabe. Parece que, embora não tenhamos qualquer poder sobrenatural para desviar ou deter balas, podemos confortar e tranquilizar aqueles que estão prestes a juntar-se a nós. Tem-se falado muito da presença de alguém que se supõe ser o Salvador junto dos moribundos. Não me admiraria que fosse verdade. A capacidade de acreditar aumenta com a experiência. Mas, por enquanto, não tenho mais conhecimento real do que qualquer dos outros rapazes. Informar-te-ei à medida que for obtendo mais informações. Outros, como eu, receberão e retransmitirão as mensagens.

Número Três (por telegrafia sem fios)

Atenção: À medida que observo esta guerra, começa a formar-se na minha mente uma compreensão curiosa do seu propósito e do seu resultado final. Os soldados são a elite da humanidade. A juventude corajosa e irrepreensível que alcançou a

maturidade na Terra para formar uma democracia ideal nesta existência que, segundo me dizem, tem carácter permanente. Estou a expressar mal a grande ideia. Mas sabes o que quero dizer, mãe.

Talvez venha a tornar-me mais claro. Wells está a transformar-se numa autêntica autoridade. Alguns dos rapazes estão assustados, e outros mostram-se sombrios e infelizes; creio que têm saudades de casa. Principalmente os homens casados. Se conseguissem entrar em contacto com os seus familiares, tudo ficaria bem. É por isso que quero tentar simplificar algum sistema de comunicação. Tu nunca me falhaste; e agora, se conseguires fixar firmemente na tua mente que eu sou eu, não aquilo a que vulgarmente chamam um fantasma, mas um ser tão real como sempre fui, podemos iniciar algo que valha a pena. Tem de começar com alguém tão equilibrado como tu. Estão a chamar-me.

Carta Número 4 (por telegrafia sem fios)

Atenção: Encontrámos a palavra-chave quando concordámos em usar a palavra «Atenção» nos nossos exercícios de telegrafia sem fios. É a palavra que abre o ouvido interior, ou secreto, para ouvir vozes que de outra forma seriam inaudíveis. Compreendes-me? Quero dizer que, quando desejares falar comigo, deves concentrar a tua mente chamando as tuas próprias faculdades — sobretudo aquelas que raramente utilizas — à «atenção». Vê se elas não respondem. Talvez exija prática, mas dizem-me que não existe razão alguma, em quaisquer mundos — repara no plural — para que não possamos conversar com a maior facilidade e sem recurso a qualquer mecanismo. Sobe amanhã e experimenta. Vamos ver se consigo projetar diretamente o meu pensamento para o teu.

Traz lápis e bloco de notas, se quiseres. Mas um dos homens daqui, que sabe tudo acerca da escrita automática, afirma que não existe qualquer orientação do lápis por mãos invisíveis. A pessoa apenas toma ditado. É melhor trazeres o lápis. Vais querer registar isto exatamente como é para os nossos propósitos. Hei de descobrir tudo o que puder, mas neste momento estamos ocupados com trabalho de assistência. Alguns dos rapazes são muito novos e nós ajudamo-los a adaptar-se. Explicar-te-ei essas faculdades pouco usadas quando souber mais sobre elas.

Nota da editora. Tentei escrever automaticamente nessa tarde, mas aquilo que obtive não me satisfez. Parecia-me que estava a fabricar a mensagem. Desisti e chamei Bob pela telegrafia sem fios, como costumava fazer. Ele não respondeu. Tentei novamente com o lápis e obtive algumas palavras. Mas, depois disso, avançámos com crescente facilidade e liberdade através desse método. As mensagens sem numeração que se seguem foram todas escritas automaticamente.

Isto é mais difícil — será preciso praticar. Mas pode ser feito.

Procura compreender que o pensamento é a única coisa absolutamente ilimitada. Podes enviar o teu pensamento para o lugar mais remoto com a mesma facilidade com que o diriges para algo na tua vizinhança imediata. A ciência ainda não explicou porquê. A comunicação através do espaço não é mais misteriosa do que isso. Quero demonstrar isto, mãe. Não apenas por nossa causa. Mas porque o pobre velho mundo precisa de consolo. Se conseguirmos convencer as pessoas de que isto é verdade, poderemos ir muito longe na eliminação da tristeza. Tenho de partir.

Não recorras a médiuns. Alguns são genuínos, naturalmente. Mas o sinal do dólar tende a encobrir a fraude. Se quiseres entrar em contacto connosco, entra em contacto. Ou seja, recolhe-te a

um canto tranquilo e escuta com o teu ouvido interior. As tuas perceções mais subtis e menos utilizadas. Depois de alguma prática, conseguirás realmente ouvir aquilo que estou a dizer. Isto foi-me explicado por um homem que veio instruir-nos. Penso, por minha conta, que terás de libertar a tua mente da preocupação e do preconceito antes de conseguirmos avançar muito. Qualquer pessoa que queira pode lançar um fio mental que será captado. Mas deves «ter cuidado com os estranhos!» Cita isso. Existem velhacos prontos a intrometer-se em todas as conversas e a confundir tudo, se lhes for permitido. Mantém os teus fios livres de interferências.

Perguntas como manter esses velhacos afastados — e quem ou o que eles são. Não sei exatamente quem são. Tentarei descobrir. Mas é preciso «estabelecer uma lei». Isto soa ocultista, e eu não quero que haja nada de assustador ou antinatural nestas cartas. Mas é a expressão que ouço frequentemente em relação a esta dificuldade específica. Parece que esses intercetadores não conseguem passar, a menos que lhes permitas enganar-te. Dizes: «Não aceitarei espíritos mal-intencionados» — ou algo semelhante — e eles vão-se embora. Não sei por que razão isso é eficaz. Mas é.

Acabo de regressar do serviço. Quando digo regressar, quero dizer que voltei ao que posso descrever como quartel-general de campanha. À medida que me vou habituando às condições daqui, percebo que existem cerca de mil homens neste lugar, alguns deles rapazes do meu regimento. Somos realmente aquilo que poderia ser chamado unidades de ambulância ou da Cruz Vermelha, trabalhando para aliviar o sofrimento dos feridos e orientar os recém-chegados. Mãe, a alma deixa o corpo como um rapaz sai a correr da porta da escola. Isto é, de forma súbita e com alegria. Mas existe um período de confusão em que um homem precisa de um amigo. Cita isso. Nós somos esses amigos.

Penso que esta é a melhor explicação que posso dar. Disse-te que Jack Wells atravessou comigo. Agora partiu. Disseram-me que passamos para outros departamentos de utilidade à medida que chegam outros mais adequados a este trabalho de assistência. Contar-te-ei tudo o que puder.

Queixas-te de que não consegues formar uma verdadeira ideia das condições daqui a partir do que te conto. Quero que sejas capaz de tomar o meu ditado como uma campeã e, entretanto, tentarei compreender melhor este lugar. Até agora, nada é muito diferente do que conhecíamos antes da mudança. Vamos e voltamos e prestamos serviço. Mas evidentemente não somos vistos. Não parecemos necessitar de alimento nem de sono. Suponho que absorvemos humidade. Creio que os nossos corpos subtis são compostos de forma semelhante às nuvens. Mas não sei. Seja como for, o coração do teu rapaz continua no lugar certo.

Vejo a tua mente como um ecrã branco e sei que posso escrever nela. Vamos fazer deste livro um trabalho regular. Naturalmente, podes editar o texto que recebes. Mas não lhe acrescentes floreados literários, está bem? Quando estivermos bem entrosados, conta isto a algumas outras mães. Mas ensina-as a estabelecer comunicação com os seus próprios filhos.

Penso que será melhor esperares até sentires que sou eu a chamar-te. Temos deveres importantes que não devemos abandonar. Quanto a contar isto aos outros: é para isso que estamos a fazer este trabalho, não é? Uma espécie de «consolai, consolai o meu povo». Mas devemos ser muito sensatos e equilibrados. Não creio que deva tentar obter mensagens para outras pessoas.

Cada homem deve ser o seu próprio médium; esse é o melhor plano. A natureza humana tenderá a duvidar da autenticidade de uma carta vinda deste lado. A fé detém-se precisamente neste

limiar. Mas mostra a alguns amigos que necessitem deste género particular de consolo aquilo que sabes. Não recues quando se rirem de ti. Tudo isto faz parte da grande tarefa que assumimos.

Não sabemos absolutamente nada sobre o desfecho da guerra. Alguns dos instrutores — já chegou um grande número deles e convivem connosco de forma amigável — referem-se a calamidades passadas em que a raça humana foi praticamente destruída e a Terra reformada e repovoada. Vista sob essa perspetiva, não é algo tão terrível de contemplar. Porque devemos partir do facto de que a alma é imortal. Não existe morte para o indivíduo. Como tantas pessoas — mesmo homens de mentalidade materialista — reconhecem, o corpo é uma veste substituível e não conta verdadeiramente na história do homem. Parece que existiu um número interminável de raças e nações que desapareceram na obscuridade. Prosseguiram para outros mundos, tal como esta raça atual terá de prosseguir. Não sei por que razão se permite que uma civilização atinja um elevado grau de desenvolvimento antes de ser apagada do quadro. Mas essa tem sido a regra e, portanto, o Criador deve ter um propósito.

Perguntei a um dos instrutores, e ele respondeu que a Terra é um planeta preparatório. A raça humana está destinada a uma existência superior e é conduzida ao mais elevado grau de aperfeiçoamento necessário para elevar a média geral. Ou seja: o elevado grau de inteligência da maioria ajuda a elevar os menos desenvolvidos na escala. Começamos a nova existência exatamente onde terminámos a anterior. Quanto mais tivermos adquirido, maior será o nosso progresso em condições muito mais favoráveis. Isto ainda não está claro. Hei de compreender melhor a ideia.

Há vários cães connosco. Não sei se são cães astrais ou não. Parecem-me exatamente iguais aos de antes e acompanham-nos,

ajudando-nos no nosso trabalho. Os rapazes que chegam ficam simplesmente encantados ao vê-los.

Jack Wells voltou para junto de nós e está agora no comando direto da nossa companhia. Foi visitar a mãe e está radiante. Ela encontra-se algures por aqui. Partiu há muito tempo. Mas um dos mensageiros encontrou-o para ela e ele recebeu autorização imediata para ir vê-la. Isso pareceu-me magnífico. Mais tarde contar-me-á tudo. Estamos muito ocupados.

Não tentes segurar o lápis de forma diferente da habitual, querida mãe. Não sou eu quem guia o teu lápis. Pelo que consigo compreender, limito-me a ditar estas cartas, através de uma forma aperfeiçoada de telepatia, à tua mente. És tu quem escreve. É tudo extremamente simples. Eu falo realmente, e tu ouves. Por favor, transmite isso ao nosso público. Todos possuímos perceções e faculdades capazes de nos elevar acima do homem comum.

O problema é que não suspeitamos dos nossos próprios poderes. Não te deixes conduzir para um labirinto de razões que expliquem por que motivo isto não pode existir. O que existe, existe. Se uma teoria da consciência cósmica explicar estas comunicações a alguém; se essa pessoa considerar que a tua mente as retira de um reservatório que contém matéria de sonho e ecos intangíveis do pensamento de todas as épocas, deixa-a pensar assim. Não discutas.

É curioso que as pessoas estejam sempre dispostas a aceitar os credos mais difíceis e a acreditar nas doutrinas mais evasivas. São uma combinação de credulidade e dúvida obstinada. Naturalmente, os seus olhos abrir-se-ão no devido tempo. Mas imagina a paz de espírito que estão a perder.

Também há cavalos aqui. Bons e velhos companheiros, que encostam o focinho ao ombro de um homem. Ainda não posso responder por eles, nem pelos cães!

Disse-te que não nos é concedido qualquer poder sobre as balas. Que podemos consolar, mas não salvar daquilo a que chamam morte. Descobri que isso não é inteiramente verdade. Hoje, Jack Wells mandou-me permanecer junto de um jovem tenente e influenciá-lo para um lado ou para o outro, a fim de evitar o perigo. Foi assim que descobri que as minhas perceções são muito mais sensíveis do que eram antes de eu partir. Consigo calcular a velocidade e determinar a trajetória dos projéteis. Permaneci ao lado desse oficial e fui orientando os seus movimentos, impedindo que fosse atingido.

Perguntei a Wells se aquilo constituía uma resposta à oração.

Wells respondeu:

— Não. O jovem é inventor e tem pela frente uma tarefa importante para o mundo.

Um homem mais velho interveio:

— As orações são atendidas. Não tenhas qualquer dúvida sobre isso. Mas não são atendidas de acordo com a forma material como as pessoas encaram as coisas.

Não compreendi suficientemente bem a explicação para me atrever a repeti-la. Provavelmente saberei mais à medida que avançar.

Querida mãe, estás a comportar-te de forma admirável. Digo-te que vamos conseguir levar esta peça sobre a mortalidade para além da ribalta. E ela terá de ser reconhecida como verdade. Não quero dizer exatamente isso. Mas sabes o que me vai na mente. Se pudesses ouvir os clamores que nos chegam de mães, pais, esposas e órfãos, compreenderias quanto tempo passo a pensar e a refletir sobre esta questão.

Se ao menos conseguisses fazê-los entender que não existe morte. Se ao menos conseguisses fazê-los saber que podem

chamar os seus próprios entes queridos e ouvir deles próprios que tudo está bem para além daquilo que verdadeiramente foi chamado «o véu». Nem sequer é tanto quanto isso. Um véu é um tecido mais ou menos resistente. Nós estamos separados dos nossos familiares vivos (escrevi vivos; por favor, risca essa palavra, porque daria a entender que nós estamos mortos, e não estamos) apenas por aquelas faculdades adormecidas do vosso lado de que já te falei. Incentiva o desenvolvimento imediato dessas faculdades. Segundo me dizem, em breve surgirão instrutores capazes de despertar esses sentidos adormecidos. Quando isso acontecer, estaremos face a face.

Ainda não consigo ler a tua mente. Fala comigo como falarias se pudesses ver o meu rosto. Imagina que estamos sentados no escuro, mas plenamente conscientes da presença um do outro. Se alguma vez precisares particularmente de mim, não hesites em chamar-me; ou em qualquer outro momento. Se eu não te ouvir, alguém transmitirá a mensagem até que ela me chegue. Tenho estado tão absorvido por estes acontecimentos estranhos que posso ter parecido frio.

Mas, querida mãe, nunca te amei tanto como agora. E compreendo muito melhor do que antes todas as subtilezas maravilhosas do teu amor por mim enquanto teu filho. Sei que sentes falta do toque da minha mão, do meu aperto forte e avermelhado, que suportavas sem te queixares. Mas tem a certeza de que continuo a ser Bob, o teu Bob, e de que teremos todo o tempo que existe para estarmos juntos.

Lembras-te do choque que sentimos quando aquela senhora que conheces editou um livro de cartas vindas deste lado, em que se falava muito de roupas, comida e bebida? Penso que um daqueles espíritos travessos de que te falei anteriormente a enganou. Como expliquei, existem aqui muitas inteligências que se divertem a pregar partidas aos crédulos sempre que conseguem

entrar na onda etérica utilizada pelos comunicantes. Naturalmente, não sou competente para fazer afirmações categóricas. Mas penso que as condições aqui são inteiramente espirituais. O corpo físico e as suas funções ficaram para trás. Apenas permanecem as emoções da alma.

Gostaria de conseguir explicar isto de forma mais clara. Quero ser um correspondente digno de confiança e mostrar que, embora a máquina humana cesse com o corpo, todos os êxtases refinados que constituíam as alegrias da Terra acompanham o espírito. Eu próprio apareço exatamente como me viste pela última vez. Mas estou sem dúvida revestido dessa mesma substância vaporosa semelhante a uma nuvem que compõe o meu corpo. Sou o mesmo e, ao mesmo tempo, não sou o mesmo: libertado das condições grosseiras que acompanham a humanidade e, ainda assim, capaz de amar e das expressões mais elevadas do matrimónio. Terei oportunidade de aprender com precisão estas coisas e contar-tas-ei — tão francamente como sempre te contei assuntos que os rapazes geralmente escondem das mães.

Ainda não vi ninguém com asas. Percorremos qualquer número de quilómetros sem fadiga. Isso é uma coisa boa, porque não ouvi dizer que aqui se defenda o descanso do trabalho. Contudo, descansamos os outros. Aliviamos os rapazes nas trincheiras — eles perguntam-se como conseguem dormir tão confortavelmente sobre o solo duro e húmido — e, há várias noites, tenho mantido um rapaz doente nos meus braços. Estes deveres ocupam-nos quase todo o tempo, mas a nossa energia permanece intacta e nunca nos cansamos.

Ouço continuamente falar da presença do Salvador nos campos de batalha. Penso que isso deve ser verdade. De qualquer modo, os moribundos têm a certeza de que Ele esteve com eles e sentem-se felizes. Falam do Seu amor.

Conta isto às mães.

Jack Wells conversou comigo ontem à noite e fez-me uma descrição extraordinária daquilo que viu durante a sua visita. A mãe dele soube que ele tinha chegado ao Oeste e enviou um mensageiro para o procurar. Parece que os mensageiros são algo diferentes de nós. Falarei disso mais tarde. Jack acompanhou esse mensageiro. Atravessaram o invólucro da Terra. Ou, pelo menos, encontraram alguma saída.

Pelo que Jack conseguiu compreender, o mundo que julgávamos tão tremendamente poderoso é, na realidade, semelhante à menor esfera de um conjunto de esferas encaixadas, como aquelas que os artesãos orientais esculpem em marfim. Uma dentro da outra, sabes. É preciso atravessar uma para aceder à seguinte, de maior dimensão. Assim, segundo compreendi, os mundos espirituais do nosso sistema solar encontram-se suspensos no espaço não separadamente, mas em conjunto, cada um no seu próprio eixo, embora todos se movam harmoniosamente como um só. O progresso da alma faz-se através dessas esferas até ao mais elevado desenvolvimento. A Terra é a forma material ou mais baixa.

Muitas vezes nos interrogámos sobre a razão pela qual Cristo veio salvar um pequeno planeta quando parecia pertencer igualmente a todo o Universo. Mas parece que esta é a infância da humanidade. Foi aqui que se estabeleceu a raça humana, uma ordem independente da criação destinada a adquirir, através do conhecimento do pecado, da dor e do sacrifício, a força necessária para preparar os homens para a liderança entre seres superiores.

A mãe de Jack encontra-se no mundo seguinte e, pelo que ele diz, eu não estava correto quanto ao modo de vida aí existente. A mãe recebeu-o numa casa onde outros membros da família o aguardavam, e foi simplesmente um reencontro feliz. Embora

tivesse consciência de que todos tinham passado pela experiência da morte, não conseguia notar qualquer alteração na sua aparência. Vestiam aquilo que pareciam ser tecidos, embora provavelmente fossem compostos dessa substância vaporosa, e pareciam comer, beber e viver de forma muito semelhante à da Terra.

Diz-se que os negócios são conduzidos segundo princípios ideais e que a agricultura atingiu a perfeição. Existem muitos químicos e inventores a trabalhar no desenvolvimento de recursos e, como os diferentes globos comunicam entre si, a Terra beneficia dessas descobertas. Costuma utilizar-se frequentemente uma comparação que me parece boa.

Imagina o sistema de planetas encerrado num invólucro atmosférico final, como se fossem várias salas de uma escola. Todas as portas estão abertas à entrada e saída de qualquer pessoa, elevada ou humilde, em toda a escola; as separações são mentais. Um aluno pode saltar qualquer grau se possuir capacidade para isso. Aqueles que se qualificam na Terra podem entrar em classes ou condições mais avançadas.

Quanto ao regresso ou reencarnação de um espírito, não possuo informação. Sei que muitos regressam várias vezes. Ainda não compreendo como isso acontece nem se é voluntário ou resultado de uma lei imposta. Espero não ter de voltar. Preferia aventurar-me pelos outros mundos. Não poderia continuar a ser o teu filho; e prefiro-te a ti a qualquer outra mãe.

A mãe e a irmã de Jack são instrutoras. A função daqueles que conhecem as leis desse lugar consiste em ensinar os outros. Ruth Wells morreu num acidente de automóvel um ou dois dias antes do casamento. O seu noivo alistou-se entre os canadianos e realizou um excelente trabalho na aviação. Partiu desta vida enquanto Jack estava lá e dirigiu-se imediatamente para Ruth,

acompanhado por um mensageiro que ela enviara para vigiar a sua chegada.

Agora encontram-se incorporados numa única forma. Ainda não compreendo bem isso. Terei de observar casais para perceber o que significa. Mas dizem-me que homem e mulher são, na realidade, um só. Cada um é metade de um todo. Quando são verdadeiros companheiros, unem-se. A questão dos casamentos múltiplos resolve-se desta maneira. Os companheiros autênticos reencontram-se, enquanto os restantes encontram os seus complementos. É um assunto difícil. Melhor deixá-lo de lado até eu o compreender melhor. Não sei qual dos dois domina essa personalidade dupla. Conversei sobre o tema com um grupo de rapazes recém-chegados e nenhum de nós gostou muito da ideia.

Perguntas onde estou. Neste momento encontro-me em Verdun e arredores, e raramente me afastei da minha divisão. Como já te disse, alguns de nós estão destacados para serviço de escolta. Quando os rapazes «partem para Oeste» — cita essa expressão — nós recebemo-los e guiamos através da Linha Invisível. A maioria sente-se perfeitamente bem quando chega. Mas alguns estão confusos ou assustados. Sobretudo por causa da dor daqueles que deixaram para trás. Procura tornar isto claro para as famílias. Os rapazes estão bem. Não choreis por eles. Cada lágrima tortura os mortos. Sabei que continuam a amar os seus familiares e aguardam ansiosamente o reencontro. Tenho de partir.

A coisa mais importante que devemos considerar é esta: estamos tão vivos como sempre estivemos e os laços de amor continuam. Isto não significa necessariamente os laços de parentesco. O amor é a força dominante. Por exemplo, o facto de eu ser teu filho, nascido do teu corpo, não é aquilo que nos unirá nesta vida mais avançada. Existe um vínculo mais subtil que nada

tem a ver com a consanguinidade. Creio que a melhor expressão para isso é afinidade ou simpatia espiritual.

Mas ainda não estou suficientemente avançado para fazer afirmações definitivas ou autorizadas. Apenas quero iniciar toda esta mensagem de consolo a partir de uma única certeza:

Não existe morte.

Isto está a ser escrito durante uma pausa numa batalha. Perguntei ao instrutor por que razão os soldados alemães são tão devotados ao Kaiser, como foi possível que a crença cega de milhões de pessoas se fixasse nesse único homem fraco e louco. Porque ele é louco.

Foi-me explicado que uma onda mesmerista se espalhou pela Germânia, desde o trono até às fronteiras mais distantes, desde o tempo em que governava o avô de Guilherme. Mesmer, o austríaco, pôs então em movimento forças que tem mantido desde então através da mente do atual Kaiser.

Não sei se isso é um dado científico ou uma opinião pessoal.

O homem que mo disse é-me estranho. Pode não ter qualquer informação verdadeira.

Mãe, descobri outra coisa a partir deste ponto de vista. Há pouco ou nenhum medo da morte entre os homens que vão para a batalha. A alma parece lembrar-se, de repente, de que talvez esteja prestes a repetir uma experiência interessante. O lado físico do soldado é dominado pelo espiritual e suportado com uma espécie de alegria eletrizante. O homem mais insignificante surpreende, por vezes, os seus camaradas com demonstrações de coragem. Esta é a razão. A este propósito, devo mencionar o Cooper.

Lembrar-se-á de que lhe escrevi acerca dele quando me alistei: ele parecia ser a única nódoa no brasão do nosso

regimento. Um «rapazinho maricas» choramingas, que tinha medo de voltar para casa escuro. Todos nos perguntávamos como é que ele aguentou o interrogatório do examinador e foi aceite. Ele terá rezado, muito provavelmente, para que fosse recusado. Bem, ele veio para o Oeste desde a minha última carta. Aconteceu que eu estava por perto quando a granada caiu na trincheira e vi-o agarrá-la nos braços e sair com ela antes de explodir. Salvou uma companhia inteira: entre eles, muitos feridos. Fui com ele por cima do parapeito e gritei: «Bravos, Cooper, velho amigo!» Então a bomba desfez a sua mortalidade, e ele viu-me. Saímos do campo juntos, e levei-o para trás, para os montes, onde o grupo especial de socorristas chefiado por Jack Wells lhe deu as boas-vindas. Ele está bem e é um valente entre nós. Dê notícias à mãe dele.

Recebi a sua palavra sobre as dificuldades que está a encontrar ao transmitir a informação. Não é curioso que a mente humana rejeite instintivamente a resposta mais fácil para um problema? Lembra-se de como rimos daquele epitáfio numa pequena lápide branca na Nova Inglaterra:

«Já que tão depressa acabei,

pergunto para que comecei?»

Bem, transmita o conforto que puder, mas não tente convencer ninguém de que comunica comigo. Provavelmente seria levada para uma cela acolchoada se contasse tudo o que vamos conversar. Porque sinto que em breve iremos mais longe. Wells diz que uma nova companhia nos vai render, e nós «seguiremos para o nosso destino».

O Cooper está num medo pânico por causa da mãe. Ela está furiosa de dor, e ele não pode comunicar com ela. Ela é como muitos cristãos. Subscreve um credo, mas não acredita nele. Se ela pegasse apenas no lápis e deixasse o Cooper fazer o resto! Então ela viria a saber que o filho e todos os outros filhos estão

vivos e só são impedidos de estar felizes e cheios de novas e esplêndidas ambições pelas lágrimas daqueles que amam na Terra. Chorar é natural, mas realmente não é natural não ter esperança.

Percebi aquela dica que me telegrafou sobre criticar os cristãos. Vê que ainda preciso do seu excelente juízo. Lembro-me do seu velho princípio de que nenhuma causa se ganha com críticas. E acredito que temos uma causa, mãe. Claro que esta questão da escrita automática, como lhe chama, é antiga e geralmente desacreditada. Alguns grandes pensadores independentes sabem que é genuína na sua essência. Mas a maioria das pessoas são como os do Missouri. É preciso mostrar-lhes algo que não pode ser mostrado aos sentidos materiais antes de consentirem em ser consolados. É uma pena, não é?

Se pudesse ver como os rapazes daqui se sentem, saberia porque insisto na divulgação deste plano de comunicação. Pode haver um melhor. Mas ainda não sei dele. Arranje duas ou três das mulheres mais sensatas que conheça que tenham perdido entes queridos – e quase toda a gente já perdeu ou vai perder – e convença-as a tentar. Mostre-lhes como faz. Diga-lhes que não há mistério nem treta. Aborde a Sra. K., ela é sensata.

Ponha-a totalmente ao corrente – mostre-lhe estas cartas se quiser. Diga-lhe para espalhar a verdade. Sabe como se sente quando foi cruel ou injusta, ou algo assim, com alguém de quem realmente gosta. Mal pode esperar para fazer as pazes. Esse é o problema de ambos os lados, para os que cruzam a linha e para os que ficam. A dor é principalmente remorso por coisas feitas ou deixadas por fazer, e não há oportunidade de fazer as pazes. O Cooper diz que foi um patife com a mãe, e ouviu-a recentemente a chorar que tinha sido dura com ele quando ele era pequeno. Como poderiam resolver as coisas rapidamente se ela soubesse

que ele está mais perto dela, em presença real e em simpatia, do que nunca esteve antes.

Quero falar das pequenas coisas que lhe magoam o coração. Lembra-se de quando me deu uma palmada com a escova de cabelo: e mil vespas da memória a picam. Riamo-nos! Assim como riríamos se as recordássemos juntas quando me pudesse ver a sorrir. O que importa agora – e sempre – é o amor compreensivo que nos une. Temos a coisa especial que nos trará cara a cara outra vez! Somos mãe e filho. Mas somos mais do que isso. Somos amigos. É isso que conta.

Fui informado disto por um instrutor do Algures no Espaço. Vê que ainda estamos bem perto de si, no invólucro da Terra, destacados para os campos de batalha para serviço aos feridos e aos mortos. Ponha «mortos» entre aspas. É uma palavra mal aplicada. Mas tal como os oficiais franceses estão a ser enviados para os acantonamentos americanos para ensinar métodos avançados de combate às nossas tropas, também professores experientes deste lado se movem entre nós, preparando-nos para encontrar e compreender novas condições. Eles parecem e são homens.

Pelo que posso perceber, vamos para um mundo muito real: um globo dividido em partes de terra e água: uma das estrelas mais próximas, talvez. Vou descobrir isso. Somos, segundo me informam, muito parecidos com o que éramos antes de virmos; exceto que já não estamos limitados nem prejudicados pelo corpo de carne e osso que ocupávamos anteriormente. Fomos «ressuscitados em corpos espirituais», tal como diz o velho Livro. Mas é o espírito que vivifica, não é? Portanto, aí está. Ainda somos pessoas – e também não somos pessoas paradas – ninguém é mudo aqui, pelo que posso saber.

Voltando aos mundos. Ouço dizer que vamos oscilar no velho e fiável sistema solar com o resto de vocês. Parece que a Mãe Terra sempre usou o seu título certo. Ouvi dizer que a Terra é o berço, ou a incubadora, da raça humana, e que os outros planetas, todos intercomunicáveis, são habitados por aqueles que passaram pela experiência terrena. Pode haver outras Mães-planetas. Não sei. Mas «o Seu reino domina sobre todos».

Não tentei escrever-lhe ultimamente, porque estive no trabalho dia e noite. O mundo para onde vamos será, de facto, o País dos Jovens. Tantos rapazes estão a chegar. E eles estão bem. Faça chegar essa palavra. Faça questão de a fazer chegar. A única coisa que perturba os homens que aqui vêm é o facto de os que os amam estarem em agonia. Ataque esse lado da questão com a sua velha coragem e diga às mães, aos pais, às irmãs e às esposas para pararem de chorar. Nenhum homem suporta a visão de lágrimas, o som de soluços. Eles sentem-no muito pior aqui, porque não podem entrar em contacto para confortar. É horrível.

Parecerá estranho quando disser que não nos preocupamos muito com qualquer dor física que os nossos familiares sofram. Isso é uma coisa transitória. Sabemos o que ela é. Mas ainda somos capazes de angústia mental. Essa é a matéria do inferno. E cada lágrima derramada na Terra cai sobre um coração aqui. Um lamento chega continuamente até nós de todos os lados. Faça-os parar.

Sei que não pode fazer muito para espalhar esta verdade. Mas faça alguma coisa. Que lhe importa o que os vizinhos pensam? Se alguns conseguirem realmente contactar-nos, a notícia espalhar-se-á. Diga-lhes que não há nada de solene nem misterioso nisso. Reúna algumas mulheres. Eu virei e trarei um operador. Expliquei-me? Se não puder enviar mensagens sozinha – e algumas não podem agora –, transmite-as tal como fazemos quando entramos num Western Union ou Postal e escrevemos os

nossos telegramas noturnos. É uma boa recetora porque fizemos todo aquele trabalho de rádio juntos quando eu era criança. Arranje as mulheres: não as intelectuais que sabem demais para acreditar em algo tão natural como a comunicação interespacial. Mas mães simples e caseiras. Enganei-me acerca da Sra. K. Demasiada sabedoria deixou-a louca. Pense em alguém mais simples, mais convincente.

Deixe claro que esta comunicação é dada da minha mente para a sua tão claramente como um velho na 26 Broadway fala com o seu secretário sobre outras riquezas invisíveis. É melhor não dizer isso. O que quero fazer é livrar este sistema de todas as suas características confusas e místicas. Marque um encontro para mim: estarei presente, mentalmente; depois sente-se e receba as minhas mensagens abertamente, diante das pessoas. Toda a gente teme o desconhecido e menospreza o banal.

As limitações da visão humana e o âmbito restrito da perceção humana do som são o que nos separa. Não que estejamos para sempre, mesmo em pensamento, a pairar à volta dos nossos entes na Terra. Isso seria bastante horrível, não seria? Observamos as conveniências e esperamos por convites. Apenas enquanto tentamos estabelecer comunicações, fazemos visitas frequentes.

Depois disso, tratamos dos nossos negócios e enviamos as nossas mensagens por operadores, de onde quer que estejamos – e faremos visitas como os rapazes vão a casa no Natal ou nos aniversários. Se enviar chamados muito urgentes, temos de responder. Mas não fará isso quando souber que temos um trabalho importante a fazer no nosso ambiente. Ainda não sei qual será o meu caso. Pode ser engenharia elétrica ou algum desenvolvimento de telegrafia sem fios. Espero que seja algo que conduza a um entendimento entre os mundos.

Pergunta quem mais está aqui além dos soldados. Neste grupo específico estão apenas os homens e mulheres designados para o serviço de campo. Maioritariamente soldados e enfermeiras da Cruz Vermelha. Mas encontrámos muitas mulheres no campo de batalha e entre os feridos. Estas são mães e esposas que estão deste lado, e cuidam dos seus. Dizem-me que a guerra pôs em ação todas estas forças espirituais. Há uma mobilização aqui da geração imediatamente ligada às tropas – pais, mães e parentes próximos – para atender estes rapazes e trazê-los para fora.

Ainda estamos no invólucro da Terra. Jack Wells diz que podemos ser transferidos para a América. Daria tudo por um pouco de pré-conhecimento agora. Mas ainda não progredimos o suficiente para reclamar isso. Claro que as nossas intuições são mais aguçadas do que antes de sairmos. É mais ou menos isso. E todos pensamos que a América está coberta por uma rede de traição alemã e por um perigo insuspeitado vindo de dentro. Há demônios astutos, na carne e fora dela, a conspirar contra os Estados Unidos. Esta nossa jovem terra gigante não deve ser vencida. A vitória final deve ser com a nossa bandeira. Que as mulheres se mantenham firmes. Peça-lhes que façam como você está a fazer. Sim, eu sei. Peça-lhes que vendam as suas joias e que despejem todos os luxos no fundo de guerra. Contar-lhe-ei tudo o que for aprendendo.

Um homem do Corpo de Fuzileiros – – acaba de chegar a esta estação de repouso com uma rapariga. Ele está atordoado e parece não a reconhecer. Ela é uma colega de escola dele e, muito provavelmente, guardou um pequeno romance guardado na alma. Espero que ele se lembre dela quando se orientar. Ela está deste lado há vários anos. Vê-la à volta dele faz-me pensar que gostaria de ter uma coisinha bonita assim a esvoaçar à minha volta.

Mãe querida, quando estiver a escrever por mim, tenha cuidado para não interpolar. Você não o faz muito. Mas queremos

que isto seja bastante direto, não queremos? O nosso único objetivo agora é levar este conforto – esta possibilidade de comunicação entre os vivos visíveis e invisíveis – àqueles que choram. Não sente qualquer cansaço ou tensão, sente? O seu braço não fica dormente? Porque haveria de haver algum efeito desse tipo? Isto é simplesmente transferência de pensamento, ditado.

Uma coisa perfeitamente natural. Leve outras a entrar em comunicação com estes rapazes que querem interromper enquanto falo consigo. Estou assediado para lhe dar endereços. Mas se conseguir que alguma editora aceite estas notas, acho que será a melhor maneira de obter audiência. Tente a – – ou a – –. Ambas são boas firmas e de pensamento liberal.

Espero poder avançar em breve para um local onde possa entrar em ação. Acredito que a minha mente vai ficar mais clara e mais rápida a agir do que antes. Tenciono trabalhar em dispositivos para combater as máquinas alemãs. Se tiver sucesso, entrarei em contacto com Edison, se ele ainda estiver no jogo aí. Entretanto, tratarei do meu trabalho de aliviar as feridas causadas pelas armas. Ensinaram-nos a fazer isso; caso contrário, haveria grande sofrimento. Tenho de ir agora.

Vamos partir imediatamente para o Exterior. Outras companhias vieram ocupar os nossos lugares no campo. Estou claramente agitado. Não sei se poderei entrar em contacto consigo ou não. Certamente tentarei. De qualquer forma, saberá que estou bem e que um dia estaremos juntos outra vez. Seja uma pequena desportista corajosa e não chore. Sentirei as suas lágrimas se o fizer. E isso tornar-me-á infeliz. Está tudo bem. Sem dúvida alguma. Espero poder visitá-la. De qualquer forma, somos mãe e filho e – amigos, sempre.

Ainda estou na atmosfera. Tínhamo-nos preparado para partir para um destino não nomeado: pois outros chegaram para ocupar os nossos lugares como socorristas no campo de batalha. Alguns homens, ou suponho que sejam anjos, vieram para nos servir de escolta. Jack Wells pôs o nosso grupo – cerca de quarenta – em forma, e ficámos em formação de marcha numa pequena colina até ser dada a ordem de partida. Não voámos nem flutuámos nem nada disso. Apenas marchámos a um bom ritmo acelerado. A única coisa estranha nisso era que não nos importávamos com obstáculos naturais como florestas ou rios, mas atravessávamo-nos ou passávamos por cima deles. Isso era ao ar livre. Mas não atravessávamos edifícios fechados ou paredes. Em todos os momentos procurávamos as aberturas ou portões. Perguntei ao homem (anjo) se tínhamos realmente volume ou peso. Ele respondeu-me. Mas não percebi suficientemente bem para o tornar claro, receio. Acho que ele quis dizer que os nossos corpos são mais pesados, ou mais densos, que o ar. À medida que estes factos me forem sendo revelados, contar-lhe-ei.

Passámos por várias aldeias, uma das quais eu tinha visto a caminho da linha. Tinha sido bombardeada e destruída. Havia corpos humanos por todo o lado. Pareciam, e eram, nada mais do que tantas carapaças ou coberturas abandonadas. Deste ponto de vista, a morte não é mais do que mudar de uma casa para outra. Na maioria dos casos, a separação da alma e do corpo estava completa.

Onde ainda havia algum apego ao corpo por parte do eu, alguns de nós esperaram para confortar e animar. De vez em quando, encontrávamos um espírito assustado ou atordoado; e ajudávamos ali. Mas havia muitos homens e mulheres deste lado presentes entre as ruínas, e o seu cuidado especial parecia ser as crianças. Alguns seres (anjos) carregam literalmente os pequeninos ao colo.

Eu supus que deixaríamos a atmosfera da Terra ascendendo a regiões mais elevadas. Todos somos mais ou menos influenciados pela «Ascensão» de Rafael, suponho. Mas parece que há pontos de saída alcançados por canais definidos. Portos de partida. De momento, não posso dizer-lhe onde fica aquele que nos foi atribuído, porque fomos chamados de volta. E a maneira de nos chamarem vai interessá-la. A marcha já ia bem encaminhada quando houve uma ordem de «meia-volta, volver» e começámos a voltar.

Jack Wells marchava com o Homem no comando – ainda não aprendi o seu nome nem como chamá-lo – quando ele se virou e disse que tinha ordens para regressar. Como recebeu as ordens intrigou-me. Não havia mensageiros nem meios mecânicos como telefones ou rádio. Mas parece que adquirimos a capacidade de ouvir qualquer coisa que nos seja dirigida, pessoalmente, através de qualquer quantidade de espaço. É assim que nos alcança. E o que estamos a tentar fazer agora é que nos ouça tão bem como nós a ouvimos.

Por favor, coloque isto em itálico quando imprimir o que digo. Gostaria que lesse Swedenborg novamente e comparasse o que ele diz com o que eu possa vir a contar-lhe. Lembra-se de que lemos um livro dele juntos naquele inverno em que tive de ficar em casa. Espero ver algumas das nossas grandes forças deste lado, ou para além deste lado em particular, à medida que prossigo. Quando isso será, não posso adivinhar. Parece que ainda somos necessários nos campos de batalha, onde o nosso trabalho é aliviar os feridos. Isso somos capazes de fazer. Enfatize isto, mãe. Porque para cada rapaz que é ferido ou aterrorizado, há um consolador. Escrevi-lhe que ouvimos, continuamente, que o Salvador é visto frequentemente nos campos. Por vezes, não me atrevi a olhar, quando senti, mais do que vi, uma luz estranha e

suave. Ainda não estou pronto para olhar agora. Mas não há dúvida de que Ele se move entre os soldados. Sou chamado.

Recebo todas as suas mensagens, mãe. Só posso responder a algumas perguntas.

Em parte porque ainda não tenho a certeza de muitas coisas aqui e em parte porque parece não haver meio de comunicação para certas condições. Isto é: quando ultrapassamos o habitual, ficamos para além do meio comum da linguagem. As palavras que conhecemos são insuficientes para expressar as nossas revelações. Claro que, até nos movermos para os Grandes Lugares, estamos realmente em pé de igualdade com se eu também estivesse na carne. Mas quando os Grandes Lugares forem alcançados, terei mais dificuldade em transmitir as minhas informações. Pelo menos, assim suponho. Agora, de qualquer forma, devo continuar no éter por algum tempo. Deverei recolher bastantes novidades para si. Se me detiver em coisas que parecem das menos importantes, talvez seja por causa deste ângulo de visão. Ora, o assunto de toda a importância para os rapazes aqui é que os seus familiares saibam que eles estão vivos e bem e cheios de intenso entusiasmo e ambição. Pegue na Bíblia e leia-a com isto que lhe estou a dizer em mente. Espero que, com o tempo, possa descrever-lhe cenas e costumes – à maneira do viajante observador –, mas agora o que deve aprender é isto:

Neste lugar intermédio, que não é totalmente material nem totalmente espiritual, estamos ocupados e tão felizes, ou estaríamos, se não fossem os soluços e as lágrimas dos nossos familiares. Por favor, não se entregue à tristeza, mãe. E, pelo amor de Deus (isto é literalmente pelo amor de Deus), peça aos que choram que parem de chorar e que deixem de usar roupas pretas.

Regressámos aos nossos antigos quartéis numa colina acima de Verdun. O combate é contínuo, e há muito para fazermos. Muitos estão a sair. Charlie Spenser veio a vaguear pelo campo de uma maneira atordoada. Ficou contente por me ver e não sonhava que eu tivesse sido transformado. Ele não se conforma com a morte porque está apaixonado por uma rapariga na Terra. Isso parece desfazer a filosofia.

Um homem pode deixar todos os outros com calma resignada, mas não a rapariga que ama. Ele está em grande agonia mental, e vou pedir a um dos nossos instrutores que o oriente. O anjo entrou na minha tenda e falou com Spenser. Tenho de deixar claro na minha mente o que ele disse antes de o transmitir a si; o sentido é simplesmente este: Cada ser criado é a metade de outro ser criado. Quando essas duas metades se juntam, é o casamento. Pode haver muitas alianças na vida de uma pessoa. Mas apenas um casamento. Isso soa como o negócio das almas gémeas de que tanto ouvimos falar noutra época. Mas não pensaria que soa assim se ouvisse este anjo explicar. Hei de chegar ao seu verdadeiro significado e escreverei mais.

É o seguinte: Não há separações para aqueles que pertencem um ao outro. Enfatize «pertencem». A rapariga de Spenser virá ter com ele aqui se for a sua outra metade, e o casamento deles será consumado no céu. Perguntei ao anjo e se a rapariga se casasse, e ele surpreendeu-me ao dizer que provavelmente se casaria, que certamente o deveria fazer. Que ela deveria cumprir a lei do seu ser na Terra como esposa e mãe.

Feito isso, ela encontrará o seu companheiro espiritual, e o homem que fora seu marido na Terra encontrará o seu próprio complemento. Tudo soou simples e bastante familiar. Penso que não ficará chocada quando considerar realmente que não estamos a lidar com a vida efémera do corpo, mas com a verdade eterna, a alma. Há algumas coisas que quero perguntar ao Homem quando

conseguir arranjar coragem para tal. Entre elas, se alguém que não tenha estado apaixonado, como dizemos, na Terra, pode esperar tal experiência aqui. Descobri-lo-ei e avisá-la-ei.

Recebo qualquer pensamento, julgo eu, que me seja dirigido. Não posso comprometer-me a dizer como ou porquê. Na verdade, não estou informado sobre estas coisas. Não sei porquê, tal como não sabia, na aula, porque é que um raio de luz é branco e outro é violeta. Li o que os cientistas diziam, claro, e fique-me por aí. Os factos deles não entravam na minha compreensão.

Se alguma vez enviar outra mensagem aos nossos velhos vizinhos, depois disto estar feito, vou instá-los a abrir as suas mentes a muitas coisas. Deste ponto de vista, tenho bastante certeza de que, por mais louca que uma proposição possa parecer, é certo que contém um elemento de verdade. Se milhões de papéis empoeirados perdidos nas prateleiras do Instituto da Propriedade Industrial pudessem ser trazidos à luz, não tenho dúvida de que o velho Como-é-que-ele-se-chama encontraria entre eles um ponto de apoio para a sua alavanca, para poder andar por aí a mover a Terra.

Isso lembra-me que não devemos parar de empurrar estes factos contra preconceitos e dificuldades. Reduza-os à máxima simplicidade. A uma frase, se puder. A vida é contínua e as almas seguem em frente. Essa é a grande verdade. Todas as outras coisas podem ser-lhe acrescentadas. Muitas coisas que digo não são autoritárias. Mas esta coisa é. Olhe na Bíblia, com estes óculos postos, e veja. Quanto a modos de vida, hábitos dos anjos, filosofias e opiniões, os meus relatos são provavelmente tão precisos como os do viajante comum num país desconhecido. Mas corrigirei qualquer afirmação errada à medida que for avançando e aprendendo mais. A nossa principal tarefa, agora, é estabelecer linhas definidas de comunicação.

O combate voltou a deslocar-se para cerca do local onde caí. Pense em mim ainda a fazer a parte de um homem, mesmo na batalha. Nós não combatemos. Formamos a divisão de socorro e levamos conforto e ajuda aos feridos. Muitos dos soldados veem-nos; isso não significa, sempre, que sejam homens moribundos. Eles parecem ter visão supranormal. Não gosto desta palavra. Mas deixemo-la estar.

Eu estava a aliviar um rapaz nos meus braços; mas ele era muito novo e queria a mãe. Não pude confortá-lo. Alguém ao meu lado disse: «Eu levo-o.» Não pude levantar os olhos. Mas sabia Quem era. Que as mães ouçam isto.

Por favor, não elabore nada do que lhe digo, querida. Tenho de ir. Um batalhão inteiro está a sair.

Não encontrei nenhum parente. Sabe que ainda estamos na Terra. Alguns dos rapazes que têm familiares em lugares distantes obtêm licença para ir vê-los. Mas sinto que o meu trabalho é aqui mesmo. Há pouco, levantei um porta-estandarte ferido e, juntos, impedimos que a bandeira tocasse o chão. Essa parecia ser a sua principal preocupação. Segurei-o até chegar o socorro e prometi esperar, caso ele viesse para o Oeste. Mas ele vai recuperar. Uma rapariga do hospital da Cruz Vermelha estava a trabalhar sozinha, tão corajosa como qualquer um, apesar de um contra-ataque de gloriosas fúrias em azul-horizonte a ter separado dos seus amigos. Uma granada atingiu-a; e mais tarde ela deixou-me guiá-la para o Silêncio. Ela parece-se com uma das raparigas McL——. Mas está atordoada e não pode dizer o nome. Ficará boa em breve.

Não posso dizer quando acabará. Quando ou como. Ninguém, exceto Deus, sabe que plano está a ser evoluído deste caos de mundos. Não acredite em profecias, exceto nas do Livro. Refiro-me à Bíblia. Não estou a guiar a sua mão. Não compreende? Os meus pensamentos fluem para a sua mente, e os seus pensamentos

fluem para a minha. Arranje alguma imagem – o movimento das marés, talvez – para fixar esta verdade. Para trás e para a frente, carregando e libertando, entregando às costas e recebendo delas.

Estamos a progredir admiravelmente e, à medida que avançamos, penso que descobriremos facilidades ainda maiores de expressão. Penso que a comunicação teria sido estabelecida e aceite como uma coisa perfeitamente natural se a mente humana não tivesse oposto tantos obstáculos. A humanidade faz imagens para representar Deus, inventa máquinas para melhorar o Seu dom da perceção e recusa-se a dar crédito a vozes e visões que não são feitas pelo homem. É melhor cortá-los (os obstáculos). As críticas não nos levam a lado nenhum.

Estou tão ocupado que não penso em dizer as coisas amorosas que sei que anseia ouvir. Mas nunca a amei mais do que agora. Sei mais sobre si e sobre as mães de todo o lado.

A rapariga da Cruz Vermelha que trouxe através da linha não é uma das McL——. Mas é bonita, alegre e trabalhadora. Está constantemente connosco no campo. Os seus pais vivem em Wisconsin, mas ela diz que terão de esperar até virem para aqui para saberem que ela está bem. Eles acreditam na imortalidade da alma. Mas a prova da sua crença assusta-os. O nome dela é Ann. Por vezes, ouve a mãe chorar. Então é difícil para ela.

Muitas mulheres estão aqui agora. E o seu trabalho é sobretudo entre os bebés e os jovens mortos. Há muitos destes. Os pequenos são muito populares. Um berçário foi construído numa colina sombreada. Temos o mesmo sol e os mesmos planetas que iluminam vocês.

Mulheres e homens trabalham juntos em harmonia natural. Há preferências e afastamentos e alguns namoros. Mas, na maior parte, a tarefa em mãos ocupa-nos a todos. Não sei como será à medida que avançarmos. Este é um grande campo de receção.

Parece ter sido escolhido por engenheiros e estabelecido como um acantonamento modelo. Estou impressionado com o sistema que não se impõe como sistema. Sim. Vestimo-nos e despimo-nos. Há uma intendência geral que distribui as nossas roupas à maneira militar. Não sei como são obtidas originalmente. A princípio, o tecido parecia diferente do material do uniforme que deixei na Flandres. Mas agora não noto nada de peculiar nele. Talvez esteja habituado e tenha esquecido o antigo.

Sei que sente a minha falta, mãe. E que está muito ansiosa para vir. Mas mantenha-se firme até receber o sinal. Mantenha-se firme, está a ouvir-me, querida? E avise todos com quem fale contra o suicídio. Não deduzo do que ouço que maldições aflijam qualquer pobre alma que cometa esse erro. Mas a morte autoinfligida desarruma e atrasa os planos que estão a ser moldados para o indivíduo. Cada detalhe da vida é trabalhado com uma minúcia só possível na geometria espiritual.

Uma rutura súbita obriga a reconstruir toda a teoria. Pode ser preciso habilidade para dizer o que tem a dizer e, ao mesmo tempo, impedir que os corações partidos se atirem através da linha invisível. Claro que eles querem reencontrar os seus queridos. Mas isso será mais tarde. Ninguém é recebido aqui agora, exceto soldados designados para o serviço, homens e mulheres da Cruz Vermelha e militares, e aqueles que vêm da zona de guerra com a morte.

Desenvolveu-se uma grande coisa que mostra para onde os ventos de Deus começam a soprar. Fui designado para captar rádio das linhas inimigas e transmiti-lo aos Aliados. Trabalhei dia e noite nisso. Foi dada todas as oportunidades ao Huno para lutar uma luta leal. Agora, parece, os anjos estão a armar-se contra ele.

Não há maldição ligada a coisa alguma, pelo que posso descobrir. As leis são finamente ajustadas, e os seus princípios

são imutáveis, no essencial. Mas Deus pode mudar as leis, até as Suas. Não há nada em todos os mundos que prejudique a grande corrida que a alma faz em direção à perfeição. Nós, aqui, estamos bem no início dela. A rapariga, Ann, diz que a imensidão do trabalho à frente apavoraria a sua mãe mais do que a ameaça do inferno. Ela está tão cansada.

Você e as suas semelhantes não sabem realmente que o mundo está cheio de mulheres cansadas de trabalhar. Tão cansadas que odeiam a ideia do céu, a menos que isso signifique descanso. Afinal de contas, não cabe a nós traçar o céu. Não sei o que é ou onde fica, ou se existe tal estado. Só queremos contar o que sabemos. E isso é: a vida não é apagada pela guerra ou por qualquer outra calamidade. O Huno não pode matar a alma de uma mulher, de uma árvore ou de si mesmo.

Nenhuma das minhas afirmações sobre assuntos menos importantes deve ser tomada como certeza, a menos que cite os nossos instrutores. Eles podem não ser infalíveis, mas presumo que o sejam. Mas este é o nosso grande facto: Estou realmente, vitalmente vivo. Todos os outros que passaram pela mudança chamada morte estão vivos e a progredir em direção a uma vida mais plena. Insista nessa corda. Continue. Não deixe que a sua mente se desencoraje ou se confunda. Nada do que lhe possa escrever tem qualquer importância comparada com isto. Sou chamado.

Sei com o que está a lidar. Está sujeita ao ridículo e ao tipo de publicidade que é mais difícil de suportar. Mas ataque. Faça chegar a palavra. Não corrija muito as minhas anotações. Deixe-as sair como vierem, diretamente. Não servem apenas para confortar as pessoas daí, mas para aliviar os rapazes daqui. Eles preocupam-se terrivelmente com os seus familiares. Alguns poucos que sabem o que estamos a fazer perseguem-me

constantemente para os ajudar a contactar os seus. Eles fazem esforços contínuos para comunicar.

Pense na situação assim: Uma criança (por exemplo) está a gritar e a soluçar nos terrores de um pesadelo. A mãe tenta acordá-la, tranquilizá-la e dizer-lhe que está segura nos seus braços, contra o seu peito, que está tudo bem. Mas ela não consegue fazê-la ouvir e entender. Aí tem isso. É a mesma coisa, exatamente. Acorde-os, mãe. Cale os seus soluços. Os braços eternos não falham. Está tudo bem. «Se assim não fosse, Eu vo-lo teria dito.»

Não discuta. Não podemos convencer ninguém contra a sua vontade. Deixe-o acreditar ou negar. Você é apenas uma mensageira. Um aceita o sossego que oferece, ou não. Talvez, quando esta página for impressa, a luz-que-está-para-vir esteja a brilhar sobre a Terra. Sem dúvida que o mistério que nos obscurece é provável que seja em breve levantado.

O trabalho das raparigas jovens no campo de batalha é uma revelação. Elas são o mesmo tipo de raparigas que você costumava convidar para os fins de semana: bonitas, cultas e tudo isso. Mas passaram por uma espécie de transformação enquanto ainda estão na carne. Isto é, os pequenos e tilintantes adornos de tolice caíram e deixaram um espírito fino. Mas as mulheres em casa não estão a fazer o suficiente. O sacrifício tem de ser feito. Todos serão reduzidos à alma antes de isto acabar. Não fale de casas, joias, criados e terras quando os homens estão a reconstruir os alicerces da Terra com as suas próprias mãos.

Sim. Dormimos e acordamos revigorados. Dizem-me que precisaremos de alimento à medida que avançarmos. O pai e a mãe de Jack vivem numa casa e têm comida e água. Penso que absorvemos água, principalmente. Mas quando passamos por nascentes, inclino-me para beber.

O instrutor (anjo) de quem lhe falei está a pôr Charlie Spenser na linha. Ele deixou claro que não pode haver separação permanente de duas partes de um todo. Parece que toda a gente está ou estará casada. Os dois serão um só espírito. Deduzo da sua declaração que o casamento é consumado aqui.

Admira-se como suportamos as maldições que devemos ouvir? Dizem-me que todos esses sons são produzidos pelos gases do terror e fazem parte do despedaçar e rasgar das almas atormentadas. Não creio que a Inteligência Divina considere essas explosões. Claro que somos punidos por desafiar a lei. Isso acontece em todas as partes dos mundos espiritual e material. Mas (e quero ser cauteloso aqui, porque não tenho a certeza de ter percebido bem a grande ideia) alguns dos nossos piores pecados antigos mostram-se pequenos em comparação com outros de que nos orgulhávamos bastante e a que nos referíamos como «defeitos». Não posso dizer quais são. Suponho que cada um sabe os seus.

É pena que não consiga convencer a mãe do Cooper de que ele está bem. Ele está mais do que bem. E pode servir para ilustrar um ponto que indiquei recentemente. Sabe como ele era fraco e dissipado? Bastante imprestável e tudo isso? Bem, ele é um dos homens mais estimados aqui. Claro, provou que tinha coragem quando saltou da trincheira com aquela granada e salvou a sua companhia. Contei-lhe isso. Mas ele tem uma qualidade, uma espécie de compaixão por todos os homens, que o faz sobressair acima do resto de nós. É difícil medir um homem. Há tantos padrões confusos. É um pouco mais fácil aqui.

O nosso uso dos termos «aqui» e «ali» é provavelmente enganador. Nesta fase, como expliquei, não estamos separados de vocês; quero dizer que não estamos afastados das influências e condições da Terra. Não sei como procurar expressões que transmitam a verdade simplesmente a todos os que possam ler

estas cartas. Se vamos chegar às pessoas com isto, devemos dar alguns passos para interessar um editor. Que tal ver——? É melhor pensar nisso. Não posso aconselhar. O meu julgamento não presta.

Não sabemos quando seremos enviados para algum outro campo. Lembra-se de que fomos chamados de volta uma vez, quando quase tínhamos alcançado um importante porto de partida deste ambiente. O assunto destes pontos de saída interessa-me muito. Parece que existem certas vias definidas de intercomunicação. Não voamos para cima, para alguma outra esfera. Viajamos por canais estabelecidos. Estou muito ansioso por descobrir o que isto significa exatamente, e espero poder informá-la.

Deve haver alguma razão pela qual, entre todos os milhões que passaram as linhas, ninguém definiu as fronteiras dos mundos invisíveis. Nós discutimos o assunto aqui e chegámos a acordo de que a linguagem se torna inadequada, ou entramos em condições intraduzíveis. Além disso, podemos começar a contar o tempo pelo calendário dos mil anos. Com a consciência de que em breve estarão connosco, não pensamos em enviar-lhe descrições do que irá ver. Uma coisa não devemos perder de vista. Esta é a terra dos vivos, e os entes queridos estão seguros.

Apanhei um gatinho na minha tenda. Um anjo que passava disse-me, calmamente, para o pousar. Havia algo curioso no seu olhar. Não percebi bem. Isto vai interessá-la. Mas ajude-me a manter o nosso assunto claro. É fácil desviarmo-nos para labirintos de perigo, embora haja um caminho perfeitamente reto e limpo a seguir, se assim o quisermos. Penso que é importante que avise as pessoas deste perigo. Dizem-me que é particularmente aparente nesta zona. No entanto, em qualquer zona, a alma carrega os seus próprios meios de defesa.

As almas estão a ser fundidas nestas chamas e purificadas. A bravura dos homens é aplaudida pelos anjos. Já os vi correr para acolher algum pequeno rapaz que deu a vida para salvar outros. Essa é a qualidade de Cristo – a forma mais elevada de amor.

Nenhum poder humano pode parar a guerra. O combate pode continuar até que as gerações agora na Terra sejam todas transferidas para os mundos espirituais. Deus não intervém. Não podemos conhecer os Seus propósitos. Só sabemos que aqueles que morrem ainda vivem.

Muitos rapazes na minha tenda falavam sobre a agonia peculiar da incerteza que as mães têm de suportar. Jack Wells falou daquela noite no Getsémani, quando os discípulos dormiram. Mas em algum lugar daquele jardim estava uma que não dormiu. Maria vigiou toda a noite escura. As mães são assim agora.

Não há método na comunicação interespacial. A confusão da preparação é desnecessária e perturbadora. Não precisamos dos auxílios materiais do papel e do lápis, pois as nossas mentes conversam. Recomendo as transcrições porque está a relatar estas notas com um propósito. Queremo-las tão exatas quanto possível. Claro que eu me embaraço. Mas manteremos o plano em vista.

O combate continua sem cessar. Não partilhamos o seu sentimento de horror e dor apavorantes. Vemos, antes, as hostes de jovens limpos a chegar para fundar a sua verdadeira democracia. Talvez fosse melhor escrever «aumentar» em vez de «fundar».

À medida que avançamos, verifico que estamos menos inclinados a criticar os esforços ou a condenar os fracassos dos outros. Alguma coisa de verdade deve estar nas mentes até dos farsantes que tentam materializar espíritos e pôr mesas a saltitar por uma sala. Os povos primitivos foram ensinados por meio de

espetáculos grosseiros. Mas agora temos uma forma mais adequada à nossa inteligência em desenvolvimento.

Contei-lhe sobre o meu trabalho de rádio. Parece-nos indicar uma mudança no plano, um movimento da parte do Senhor para intervir. Todos nos perguntámos porque é que Deus não varreu os Hunos da sua maldade. Mas supomos que a humanidade tem permissão para se esgotar antes de a Divindade intervir. Quais são as palavras no Livro? Se o Senhor não estender a Sua mão, toda a carne perecerá da Terra. Por favor, procure a redação exata.

Não paremos agora para rever o que disse e corrigir incoerências. O caminho desenrola-se continuamente, e eu obtenho vários ângulos de visão. Ainda não estou a ver muito que seja tão diferente da Terra como a conhece. Diria que a diferença está principalmente na minha nova agudeza de perceção.

Wells faz viagens ocasionais ao local onde os seus familiares vivem. Cito-o, particularmente, porque o conhece. Quando lhe pergunto como é lá fora, ele diz para eu esperar e ver por mim mesmo. Isto pode ilustrar o ponto que tenho tentado fazer. Perguntei-lhe sobre o casamento da sua irmã mais velha e do marido dela. Ouvi dizer que os casados se incorporam num só corpo. Isso não é exatamente como parecia à primeira vista. Os dois que amam e casam são um em espírito e agem e pensam como uma só alma. Mas são separáveis em forma e capazes de seguir os seus caminhos independentes.

Fiz amizade com Ann. Ela é brincalhona como uma criança, e gosto dela. Mas não somos mentalmente companheiros. Lembra-se de um poema de que gostou, da Senhora Colson, sobre o riso no Céu? Bem, há riso aqui, sem dúvida. Não poderia repetir uma piada ou qualquer coisa especial que pudesse ser rotulada de humorística, dita ou feita. Mas há uma espécie de alegria que encontra expressão no riso.

O Cooper voltou para a Inglaterra. Senti a falta dele e perguntei ao Jack onde ele tinha ido. Ainda não percebo. Hei de informá-la. Estou entusiasmado com notícias. Tenho de ir.

Tenho uma tarefa delicada aqui, mãe. Não posso falar dela sem autoridade superior. Se a receber, sei que posso contar com o seu julgamento e bom gosto. Consultei Wells, que está mais avançado do que eu. Espere sozinha por isto.

Há muitos operadores de rádio aqui, e estamos ocupados. Melhorámos imenso no nosso trabalho e somos capazes de decifrar qualquer código. Os operadores alemães não nos conseguem ver quando andamos por perto. Mas um homem não pode ser especialista em rádio a menos que tenha um sentido finamente desenvolvido. Eles sentem-nos, isso é certo. E têm medo.

Mãe, não é um pensamento novo, mas é verdade que todas as formas de vida são criadas duais. Falámos do humano e do espiritual apenas de passagem, porque sou terrivelmente ignorante, ainda agora. Mas a Natureza também tem dois lados: material e etéreo. Tudo é duplicado, a floresta, o riacho, a paisagem. Esse facto não torna o meu local de residência mais tangível para si? Devia tê-lo dito mais cedo se tivesse ouvido falar disso.

Sim, sei com o que está a contar ao tentar transmitir isto. Pobrezinha da minha mãe! Os vizinhos acham que ela é maluca. Mas se conseguir que alguns tentem escrever, eles põem as coisas a andar. Explique como é simples. Um lugar, um lápis, um bloco de papel e um coração a chamar o nome de um rapaz. Isso é tudo o que é necessário.

Tenho permissão para lhe dizer que o Cooper, por causa da sua compreensão e compaixão, foi enviado de volta para casa como instrutor. O seu corpo, sustentado por algum princípio de vida que não posso explicar, esteve todo este tempo num hospital de reconstrução atrás das linhas francesas. Pode vê-lo com os seus próprios olhos. E saberá que qualquer homem que tenha atravessado a Terra de Ninguém e regressado tem uma mensagem de Deus para o mundo.

O Wells está a apressar os seus preparativos para partir. Não sei se devo ir com ele ou não. Antes espero que sim. E, no entanto, não quero cortar a nossa linha de comunicação. Penso que, depois de deixar este ambiente, terei maior dificuldade em comunicar. Como já disse antes, entrarei, talvez, em condições menos traduzíveis. A linguagem comum pode ser insuficiente. Só isso pode explicar as mensagens fúteis transmitidas através de médiuns. Ainda assim, o espírito é livre para viajar, e é provável que encontre uma maneira de continuar as minhas cartas para si e de lhe dar as informações que me sejam permitidas.

Espera que eu não vá, querida? Bem, posso ficar por aqui indefinidamente. Muitos estão a chegar, no entanto, e parece que podemos ser transferidos. Uma razão faz-me estar bastante inclinado a ir. O Jack falou-me da sua irmã mais nova ontem à noite. Ela é, ao que parece, uma grande favorita dele. Disse que gostaria de a ver. E ela apareceu! Uma visão, na realidade, em resposta ao meu desejo. Não acredito que o céu tenha uma visão mais doce. Vi-a claramente: morena, de olhos azuis, com um rosto de grande brilho e bela cor.

Até este momento em que estou a relatar-lhe as circunstâncias, parecia milagroso, fora da ordem natural das coisas, que eu pudesse evocar a imagem desta rapariga. Mas agora apercebo-me de que essa faculdade é a mais comum do mundo. Você está a exercê-la agora, quando pensa em mim e

nela. Aqui está um ponto, mãe. Talvez possa desenvolvê-lo. Você projeta o seu pensamento para qualquer cena ou atrai para si a visão que desejar. As palavras, de uma ou várias sílabas, abrem as inteligências de todas as formas conhecidas. Mas as faculdades da criatura feita à imagem de Deus estão, na sua maioria, subdesenvolvidas, inertes. Pense nisto em termos muito simples. Fomos feitos à imagem de Deus. Não vagas semelhanças com Ele, mas imagens. Consulte a palavra nas melhores autoridades.

Devíamos ser capazes de realizar tudo. A princípio, tentei dizer que o ouvido interno e a visão interna devem ser abertos para tornar a comunicação tão fácil quanto natural. Disto, tenho agora a certeza, dependem as relações sociais dos mundos. Ver-nos-emos cara a cara quando nos livrarmos das películas adquiridas que bloqueiam a visão e dos obstáculos que impedem os caminhos do som.

Uma boa parte do velho temperamento parece estar a agarrar-se a mim. Hoje, meti-me com alguns Boches no campo de batalha e senti uma onda de ódio e fúria impossível de descrever. Investi entre os feridos como um louco. Mas Ele estava lá, a cuidar. Quase não sei como me fui embora.

Falei com o Wells sobre isto, mais tarde, na minha tenda. Ele disse que devemos deixar de pensar em Cristo como sendo apenas nosso. Citou as Suas palavras, quando a multidão uivava à Sua volta no Calvário:

«Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem.»

Pode ser que as condições peculiares do nosso trabalho aqui tornem os meus juízos um pouco tendenciosos. Suponho que noutros locais, por exemplo na América, as pessoas que saíram devem ver muitas coisas sob luzes completamente diferentes.

Estão a morrer à vossa volta, todos os dias. Devia ser perfeitamente simples comunicar com elas. Estamos a deter-nos no êxodo militar pelas razões que já expusemos.

Mãe, penso muitas vezes nos dias em que era um menino. Como sempre foi boa e paciente comigo. Não se esqueça, em todo este esforço para dar conforto a outros corações, de que o mesmo velho amor do seu rapaz está no seu coração por si.

Recebi o seu telegrama a chamar a minha atenção para a afirmação bíblica de que no céu nem se casam nem são dados em casamento, e não sei o que dizer. Parecia (até me dar este abalo) que a Bíblia confirma tudo o que tenho conseguido dizer-lhe. Talvez o cronista se tenha enganado nesta citação em particular. Porque o amor e o casamento estão certamente em botão e flor aqui. Posso ver este facto com os meus próprios olhos. Muitas das coisas que lhe escrevo recolho de outros, confiando em si para eliminar o que não contribui para o grande plano, ou qualquer incoerência flagrante que possa roubar a alguma alma uma migalha de conforto. Não se preocupe com muito mais. Esta é uma mensagem e requer pressa.

Claro que há relatos e relatores falsos aqui. Não tanto criadores de mentiras, mas dramaturgos naturais que veem todas as coisas de forma exagerada e espetacular. Depois, há os simbolistas que escrevem as revelações.

Qualquer crítico me teria na mão, e todos eles vão atrás de si, se conseguir arranjar um editor que aceite isto. E, no entanto, é provável que encontre um mundo mais disposto a ouvir, abertamente, tal mensagem do que nunca antes. No fundo da consciência humana sempre existiu uma crença nas coisas espirituais. Essa crença esteve misturada com o terror do desconhecido e foi negada por causa desse medo. Agora, a mão

de Deus aproxima tanto os Seus mundos que eles podem sussurrar um ao outro.

O Cooper retomará a sua antiga vida na Terra, e a mãe terá o seu filho. Mas ele não será o mesmo. Nenhum daqueles que regressam será o mesmo. Anjos, vestidos com caqui manchado e desbotado, percorrerão as ruas familiares. Ouça-os.

Os cães vêm e vão livremente, para trás e para a frente através da linha invisível. Dizem-me isto como um facto. Eles não precisam de deixar os seus corpos naturais para se associarem aos que morreram. Muitas vezes seguem os seus donos. Outros animais não têm bem estes privilégios, mas, após a dissolução, aparecem aqui. Posso não ser claro. Muitas vezes sinto um certo embaraço em dizer coisas que, eu próprio, outrora teria chamado de treta. Mas creio que são verdadeiras, sim.

Tente lembrar-se, mãe querida, de que não sei muito mais do que sabia quando a deixei. Isto é, não me foi dada sabedoria alguma. No entanto, as minhas perceções estão mais vivas, e a minha inclinação natural é encorajada. Tenho todas as oportunidades para aprender. Suponho que regras arbitrárias devem estar na base deste sistema harmonioso de vida. Mas não se fazem sentir. Nenhum de nós é afligido por «não farás» ou «farás». Parecemos andar mais ou menos como queremos. Mas queremos mover-nos com energia entusiástica; se não quiséssemos, suponho que sentiríamos o pau afiado.

Não temos aulas na aceção comum do termo. Mas os homens com interesses semelhantes reúnem-se e trocam informações. Aprendi muito sobre rádio que espero comunicar noutra ocasião; através de um técnico, talvez.

Quero sugerir-lhe que mantenha estas notas completamente separadas de tudo o resto que lhe escreva. Não faça um grande livro. Que sejam apenas algumas páginas para esconder na manga

de um enlutado. Chame-lhe um livro de manga, se quiser. Penso que isso pode transmitir uma ideia. Mas, em qualquer caso, mantenha-o livre de assuntos ou especulações fora do plano principal, que é: conforto para a humanidade despojada pela guerra. Continue nisso! Não há morte! E não deixe que nenhuma teoria atraente a desvie. O tiroteio é contínuo e terrível. Tenho de me pôr ao trabalho de guiar os rapazes para lá. Eles virão sem medo.

Sente a necessidade de informações mais definidas sobre esta existência antes de sair para falar da imortalidade. Mas tem tudo o que o seu Bob inculto lhe pode dizer, e mil vezes mais em João. Leia o capítulo catorze outra vez. Está tudo lá: todo o plano da vida eterna, quero dizer, da vida contínua. Não vejo aqui mansões. Mas, como já expliquei, formamos uma de muitas brigadas ou divisões especiais de soldados, e estamos agora em serviço ativo de socorro na zona de guerra.

Temos tendas e equipamento; falamos, andamos e escolhemos os nossos companheiros. Amamos, gostamos ou evitamos outros, de acordo com os nossos próprios impulsos. Parecemos como parecíamos na carne. Quase parece que apenas tivéssemos saído das nossas peles, como as cobras fazem. Um processo natural, familiar às pessoas simples, mas demasiado simples para ser considerado por aqueles caçadores de borboletas que tentam apanhar a alma com rede. Por favor, corte isso, mãe. Pode, no entanto, deixar a comparação com a cobra; penso que encerra alguma verdade.

A premissa está certa, não está? Tem-na clara? Não há morte. A vida continua sem entraves nem obstáculos. Estamos muito ocupados. Não se fala em paz aqui. Deduzo do que os anjos dizem que a guerra continuará até que muitos mais dos valentes tenham passado por este vale e tenham partido para formar uma nova democracia noutro plano. Estou a relatar impressões e não

tenho autoridade para as minhas conclusões, exceto a autoridade da minha própria inteligência. Não se aterrorize, mesmo que haja uma invasão da América. A coisa mais fácil da vida é a morte.

Jack Wells e eu somos muito amigos. O nome da irmã dele é Alice, e ela cresceu no país além, onde a família dele vive. Parece que todos alcançam ou regressam à maturidade. A juventude floresce e desabrocha, mas não decai. Posso evocar a visão dela a qualquer momento. Mas quero-a perto.

Cristo anda continuamente entre os feridos. Os moribundos veem-n'O, e os feridos são curados pela Sua mão. Muitos me disseram isso, e várias vezes senti-O perto. Uma vez, por um momento, vi-O, já lhe disse.

Mantenha uma mente sem emoções, querida. A sanidade e a simplicidade são essenciais ao nosso propósito. Não se desvie para nenhuma tangente de descrição nem empreenda análises. O que está aqui está aqui. Algumas pessoas encontrarão o que esperámos dar-lhes. Outras terão de encontrar consolo de maneiras diferentes.

Compreendeu, não compreendeu? Que eu já não paro e dito estas coisas para si? Falo consigo enquanto faço as minhas tarefas, ou estou deitado a descansar, ou sigo marchando pelos meus caminhos. É quase certo que seremos ordenados a seguir dentro de algumas horas. Destino desconhecido. Mas onde quer que seja, viajarei com curiosa ansiedade. Hei de lhe contar tudo o que puder. Pode ser que se regresse a esta fronteira para fins de comunicação. Isso desenvolver-se-á mais tarde.

Cuide da sua saúde. Tem uma tarefa que não deve deixar de cumprir. Pode enfaixar algumas das mais dolorosas feridas do mundo. Mantenha as suas forças e percorra os lugares de lamento na Terra, e diga e saiba: «O teu filho vive.» Essa é a sua parte.

Não é tolo tentar convencer alguém de seja o que for? Que palavras há para provar ou refutar que a vida foi, é e sempre será? Se alguém não se apercebe agora, naturalmente e sem argumentos, de que é uma alma imortal, um dia aperceber-se-á. Porquê apressá-lo?

Estou em marcha. E estou a pensar em si, nas verdades eternas, no espanto de um rapaz que caminha ao meu lado e na terra que fica para além do nosso Jordão. E através e por cima de todos estes outros pensamentos, há algo que os permeia com uma espécie de fragrância eletrizante. É o amor, creio, mãe.

Estamos a passar por uma terra devastada e, no entanto, triunfante. Senti imensa surpresa ao ver em toda a sua beleza uma grande catedral que tinha sido destruída. O anjo disse que todos esses edifícios de oração e canto são espirituais e estão para além da profanação dos vândalos. Os tijolos serão restaurados para se conformarem com a ideia imperecível. Não quero tornar-me metafísico (de forma confusa). Só quero dizer que estou a melhorar na visão espiritual. Quando partimos antes, lembra-se, só conseguia ver o óbvio: corpos partidos de carne e de pedra. Hoje, vejo as estruturas imortais.

É tão simples, querida. Aqui estou eu na estrada aberta que toda a humanidade percorre, indo em direção às oportunidades ampliadas que me aguardam. Tenho estado a falar com o rapaz. Ele não tem mais de catorze anos. Mas lutou a sua luta. O Spenser colocou-o sob a sua proteção. Não quero dizer isso literalmente. Nenhum de nós tem asas. Mas isso lembra-me o que ia dizer-lhe sobre os mensageiros. De alguma forma, aqueles antigos gregos devem ter estado em contacto com este lado do mundo. O Olimpo deve ter penetrado o invisível. Por exemplo, estes mensageiros usam pequenas asas nos pés. Não sei se crescem lá ou não. Um passou por nós há pouco, pisando o ar com uma graça incrível.

Hermes renascido. Eles são empregados entre algum comando superior e o nosso.

O Spenser resignou-se a esperar que a sua rapariga se junte a ele. Há tanto para fazer que o tempo passa com grande rapidez, dentro e fora da luz e da escuridão. Temos as mesmas divisões naturais que vocês têm. Porque não haveria de ser assim? Ainda estamos na Terra. À medida que passarmos, podem surgir diferenças de que não temos consciência, mas, na medida do possível, mantê-la-ei informada.

Chegámos agora a um rio de beleza transcendente. Sempre senti, e estou mais impressionado do que nunca com este sentimento agora, que um rio é mais espiritual do que qualquer outra expressão da natureza física. Pode ser que este seja o nosso porto de saída. É. Recebemos ordem de parar. Um desejo parece animar-nos a todos: correr e nadar neste rio brilhante. Deitámos fora as nossas vestes exteriores e estamos a mergulhar. Adeus por agora. Estou a correr para a água, como costumava correr para o velho ribeiro do moinho, formigando de alegria...

As notas tomadas na altura das sessões a partir das quais esta narrativa foi extraída foram preservadas e estão na minha posse; e estas notas estarão ao dispor de quem quer que deseje vê-las como corroboração. Os insucessos foram registados tanto como os considerados bem-sucedidos, para que o leitor possa chegar a uma verdadeira compreensão do caso e contar com uma exposição imparcial.

Nada foi omitido, exceto quando a mensagem no Teste com Livro teve três ou mesmo mais pontos de contacto, e alguns entre estes foram considerados pelo destinatário como sendo de natureza demasiado privada para serem publicados. Quando tal acontece, o leitor é notificado da supressão.

No Apêndice I deste volume, é dado o relato de Mrs. Leonard sobre a sua primeira apresentação a Feda.

Um ponto requer ênfase.

A nossa convicção de que falamos com o nosso Filho não se baseia apenas na evidência destes Testes com Livros. Eles não são mais do que outras tantas lâminas num prado verdejante, algumas gotas claras nas águas do consolo que têm sido, e permanecem, uma corrente inesgotável; mas têm uma reivindicação primordial acima das formas de comunicação espiritual mais vulgarmente conhecidas. Tal como o sistema de Correspondência Cruzada, foram concebidos para fornecer prova de uma agência descarnada.

Muitos que anseiam por comunicar com aqueles que partiram receiam a ação da telepatia a operar entre a sua própria mente e a mente do médium. Estes Testes com Livros destroem a possibilidade de tal telepatia e exigem do longo braço da Coincidência um braço muito longo, de facto. Nos melhores casos, as mensagens foram rastreadas e provadas como apropriadas, em livros descritos e encontrados em casas desconhecidas do médium (como nos Testes com Livros I. e II., e Testes com Livros X. e XI.), e desconhecidas tanto do médium como do destinatário (como nos Testes com Livros XIII. e XIV.). Quando assim é, pode conceder-se que fornecem um forte argumento a favor da continuidade da personalidade para além da sepultura.

Pamela Glenconner.
Wilsford Manor,
Salisbury,
Julho de 1920.

NOTA PRELIMINAR E EXPLICATIVA

Por Sir Oliver Lodge, F.R.S.

NOTA PRELIMINAR

Pedem-me que diga aos leitores deste livro como surgiu o curioso fenómeno agora conhecido pelo nome de «Testes com Livros» e qual é o seu provável significado.

Parece ser parte de um plano, concebido por aqueles que estão a comunicar connosco do «outro lado», para fazer chegar mensagens de uma maneira que não possa ser atribuída a qualquer variedade vulgarmente reconhecida de atividade subconsciente por parte do médium, nem à telepatia ou leitura de pensamentos entre o médium e a pessoa que está a receber as mensagens. Esta é, sem dúvida, a aparência; e é o que considero ser a verdade.

Após a morte, em 1901, de F. W. H. Myers — que estava bem ciente da nossa dificuldade em aceitar a comunhão espiritual, ou a continuidade da atividade mental dos mortos, como uma explicação autêntica ou provável da lucidez indubitável de um médium em transe—descobrimos gradualmente que, como suplemento às comunicações domésticas mais vulgares e simples, que há muito são conhecidas e ainda continuam, estavam a ser empregues certos dispositivos especiais—a maioria deles aparentemente iniciados por Myers—cujo objetivo era claramente reduzir o número de explicações alternativas e, especialmente, eliminar a telepatia de pessoas vivas como um elemento necessário na interpretação do fenómeno.

O primeiro sucesso nesta direção mais elaboradamente probatória foi encontrado no sistema de Correspondência Cruzada; isto é, a obtenção de mensagens semelhantes ou correspondentes, quase simultaneamente, através de três ou quatro médiuns amadores ou escritores automáticos diferentes, alguns dos quais viviam em países diferentes e não se conheciam entre si.

Estas senhoras escreviam de forma bastante independente e espontânea, e muitas vezes não entendiam o significado do que escreviam; mas a sua escrita dizia-lhes para enviarem os textos incompreensíveis para a Central Office da S.P.R. em Londres, presumivelmente para estudo posterior. Um investigador, que tinha a vantagem de poder cotejar os manuscritos, descobria então que as frases desconexas, as citações literárias aparentemente aleatórias, exibiam uma coerência e correspondência inconfundíveis entre si e, além disso, eram suscetíveis de uma interpretação significativa e característica.

Esse é o sistema de Correspondência Cruzada que, começando de forma simples, se tornou gradualmente muito elaborado e tem sido objeto de relatórios consideravelmente extensos, embora ainda não completos, em vários volumes recentes dos Proceedings da S.P.R.

O próximo método adotado, pelo que é agora considerado o Grupo de Comunicadores da S.P.R. do outro lado, foi o envio de alusões literárias mais ou menos obscuras e a invenção de problemas clássicos de tal complexidade e erudição essencial que estavam além do alcance do médium transmissor e eram muitas vezes incompreensíveis à primeira vista para as pessoas que os recebiam e estudavam. Por vezes, de facto, eram suficientemente recônditos para confundir eruditos clássicos vivos, até que alguma dica ou pista era fornecida pelo suposto autor do problema, momento em que o significado do todo se revelava subitamente.

Os exemplos mais conhecidos deste tipo de problema são os dois chamados, respetivamente, «O Batismo de Estácio» e «A Orelha de Dionísio», ambos habilmente relatados pelo Rt. Hon. G. W.

Balfour. Outro, decididamente mais simples, de data anterior, estava contido em respostas dadas automaticamente a uma

pergunta sobre Lete; este foi relatado na sua primeira fase por Mr. J. G. Piddington, e na sua segunda fase por mim mesmo {Proceedings da S.P.R., Vols. XXIV e XXV).

Um terceiro método surgiu agora e tem sido empregue em intervalos durante e desde a Guerra, consistindo no desenvolvimento do que se chamam «Testes com Livros». Destes, temos agora um grande número de registos independentes, que estão a ser examinados por Mrs. Henry Sidgwick e serão devidamente relatados por ela, em devido tempo. O objetivo evidente deste terceiro método é enviar mensagens de tal forma que sejam incompreensíveis, não só para o médium de comunicação e para a pessoa que as recebe, mas para todos, até que a pista seja seguida e a mensagem descodificada, momento em que o significado deverá ser inconfundível. Se testes deste tipo são realizados com sucesso, é evidente que nenhum tipo simples de leitura de pensamentos pode ser invocado ou considerado uma explicação racional.

O método consiste em especificar o número de uma página num livro, ele próprio indicado apenas pelo seu lugar numerado numa dada prateleira de uma estante cuja posição é descrita, numa casa à qual o médium não precisa ter tido acesso, embora uma casa presumivelmente, ou geralmente, bem conhecida do suposto comunicador. A ideia é que uma frase seja subsequentemente encontrada nessa página por quem quer que siga as instruções e identifique o livro, e que essa frase transmita suficientemente uma mensagem pretendida, ou mostre uma semelhança de pensamento com o que foi dito de outra forma, ou seja apropriada às circunstâncias reais ou à ligação passada entre o comunicador e o destinatário pretendido.

A coincidência fortuita sugere-se como a primeira explicação óbvia; mas embora a coincidência fortuita possa servir para alguns casos, o número de tais testes já recebidos é, a esta altura,

suficientemente grande para tornar essa explicação extremamente difícil—e, de facto, quase a exclui. No entanto, é uma questão que deve ser seriamente discutida, pois será inevitavelmente perguntado—na verdade, a pergunta faz-se a si mesma—como pode tal poder, o poder de saber ou perceber o que está numa certa página de um livro não aberto, invisível e distante, ser possuído por alguém, seja descarnado ou não?

Como podemos supor que tal poder seja possível? Como pode o feito ser realizado de outra forma que não por engenho pré-arranjado e enganador?

Não desejo antecipar o veredito que está agora a ser preparado, baseado num longo e responsável exame dos factos; mas para mim, a questão não é uma que possa ainda ser respondida. Mesmo a condição sugerida acima como naturalmente de esperar—que o livro seja um familiar ao comunicador—mesmo essa parece não ser realmente essencial. Há evidências de que, por vezes, mediante um esforço especial, um livro lacrado prescrito, ou um livro na casa de um estranho, pode ser parcialmente lido, ou alguns detalhes nele corretamente dados, por um comunicador especialista. E é até afirmado, de maneira responsável, que algumas características sobre a primeira página do Times do dia seguinte podem ser percebidas, desde que o material já tenha sido composto em tipo. (Ver uma série de artigos do Rev. C. Drayton Thomas em Light durante a primeira metade de 1920.)

Qual pode ser a relação deste singular poder clarividente e até que ponto afeta a nossa evidência para a sobrevivência, é um assunto aberto a discussão; porque pode ser argumentado que se todos os tipos de registos podem ser lidos por meio de uma faculdade humana clarividente, então uma prova de sobrevivência, baseada na suposição de que alguns tipos de informação recebida supernormalmente devem ser rastreados até

uma fonte extraterrena, torna-se cada vez mais difícil ou incerta. Com esse argumento, no entanto, não tenho nada a ver na presente ocasião.

A existência do poder de ler num livro fechado não é uma descoberta nova; já tinha sido demonstrada de forma muito clara por aquele conhecido automatista de uma geração passada, Mr. Stainton Moses, mestre na University College School, em Londres: os detalhes do teste sendo relatados no seu livro chamado Spirit Teachings (p. 33 da Memorial Edition). Este poder inesperado e curioso tem sido atribuído por vezes à hiperestesia, por vezes à clarividência; mas chamar ao poder qualquer um destes nomes não é uma explicação, tal como chamar «telepatia» a uma faculdade não é uma explicação.

Se sou pressionado a dizer que explicação, se alguma, começa a parecer-me plausível, tenho de confessar que estou em dificuldade. Só posso dizer, sem preconceito e sem esperar muito acordo, que me parece provável que para explicar todas estas coisas teremos de admitir o acesso a um conjunto de fenómenos mentais até agora ignorados pela ciência. Pode até descobrir-se que algumas das coisas agora, e no geral sabiamente, relegadas para o monturo da superstição terão de ser desenterradas e reconsideradas.

Parecemos estar no limiar de uma posição algo análoga à de uma tribo selvagem isolada quando entra pela primeira vez em contacto superficial com visitantes de países mais desenvolvidos do que o seu—pessoas que possuem poderes estranhos e inexplicáveis.

Tal incursão de uma civilização superior ou estrangeira seria ressentida; as afirmações sobre a existência de uma raça branca seriam ridicularizadas; e o intercâmbio poderia ser proibido pelos sacerdotes; mas, em última análise, para melhor ou para pior, os

factos teriam de ser aceites e incorporados no conhecimento comum.

Tais ampliações da experiência, se súbitas, devem estar cheias de perigo; e aqueles que resistem e se opõem à incursão podem estar a prestar o seu tipo de serviço ao tornar a sua aceitação lenta e gradual. As pessoas em geral ainda não são chamadas a enfrentar tal posição; é provavelmente indesejável que o sejam. Enunciei-a como uma hipótese cuja discussão vejo surgir no futuro—futuro de modo nenhum distante—, mas não precisa de ser considerada, por agora, como um resultado necessário dos factos.

A primeira coisa é certificarmo-nos dos factos e desenvolver uma explicação mais tarde. Se recusássemos sempre atender ou utilizar um facto até o compreendermos e termos uma teoria sobre ele, estaríamos na posição absurda de recusar reconhecer a verdade da afirmação de que objetos não suportados se movem em direção ao centro da Terra; pois, no atual estágio do nosso conhecimento, o «peso» não é compreendido.

O caminho mais simples é rejeitar os factos completamente como manifestamente impossíveis, mas o aparentemente simples não é necessariamente o verdadeiro; além disso, é uma atitude que nos estulta opor-nos aos factos, recusar aprender com eles e correr o risco de negar a realidade apenas porque não nos damos ao trabalho de investigar e compreendê-la. Os factos são relatados de forma idónea e são dignos de exame crítico; embora os críticos farão bem em não se decidir precipitadamente, mas em esperar pelo prometido relatório detalhado e cauteloso.

O resultado pode ser ampliar a experiência em alguns aspetos atualmente insuspeitados. Pensou-se impossível, noutra época, analisar quimicamente as estrelas, porque nenhuma partícula delas podia ser colocada nos nossos tubos de ensaio.

A verdade é reconhecida como simples apenas quando é adequada e plenamente apreendida. Os fenómenos da análise espetral estavam, há alguns anos, a tornar-se tão surpreendentemente complexos que afligiam alguns físicos com uma espécie de desespero; as linhas num espetro eram tão numerosas, tão estranhamente agrupadas e tão artificialmente variáveis; no entanto, vemos agora que o resultado vai ser uma bela teoria simples da estrutura dos átomos—uma teoria que unificará todas as formas de matéria e exibirá a sua espantosa variedade como resultado da combinação ordenada de alguns ingredientes muito simples. As multifacetadas notas da orquestra estão a fundir-se numa sinfonia harmoniosa.

Assim será, sem dúvida, com estes factos psíquicos, quando os compreendermos. Podemos fazer hipóteses, mas fingir formar qualquer teoria sobre os Testes com Livros neste momento seria prematuro; eles representam evidentemente um esforço para provar a existência de poderes inesperados, mas para decidir como esses poderes são exercidos e a quem pertencem, devemos esperar até que, mediante estudo adequado, possamos formular uma teoria razoável que resista ao teste do tempo e ao influxo de mais experiência.

Enquanto essa experiência não chega, mantenho a minha, e a de muitas pessoas, hipótese quanto à fonte, embora não ao método, destes Testes com Livros.

Alguns dos jovens mortos na Guerra têm sido muito enérgicos e bem-sucedidos em obter testes deste tipo bastante difícil. Nem todos eles: Raymond não provou ser hábil neste método particular, embora o tenha tentado ocasionalmente, com um sucesso, no entanto, na minha opinião, dificilmente acima da coincidência fortuita. Mas muitos outros tiveram mais sucesso, e algumas pessoas cuidadosas deram-se ao trabalho de registar e subsequentemente verificar as suas mensagens da maneira

rigorosa exigida pelos padrões da S.P.R. Estes serão, sem dúvida, tratados criticamente no relatório esperado em devido tempo de Mrs. Sidgwick.

Entretanto, estou pessoalmente convencido de que Lord e Lady Glenconner, entre outros, receberam um número de excelentes testes deste tipo, principalmente através do seu filho mais velho; e o relato daqueles com que eles e os seus amigos foram favorecidos está agora incorporado na narrativa que se segue.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO
NOTA PRELIMINAR E EXPLICATIVA
PARTE I
OS TESTES COM LIVROS DAS «NUVENS», I E II
(De The Letters of Lord Edward Fitzgerald; e de Lotus and Jewel, por Edwin Arnold.)
TESTE COM LIVRO III
("Deus sabe que estou contigo", dos Poems of Matthew Arnold.)
TESTE COM LIVRO IV
(A mensagem "Wolfgang", de Lewes' Life of Goethe.)
TESTE COM LIVRO V
(O Teste com Livro de George Washington, de The Life of George Washington.)
TESTE COM LIVRO VI
(O Teste com Livro de Brackett, de The World We Live In, por E. A. Brackett.)
TESTE COM LIVRO VII
(O Teste com Livro do título de The Story of Asseneth.)
TESTE COM LIVRO VIII

(O Teste com Livro das Mulheres na Guerra, de War Poetry, por X.)

TESTE COM LIVRO IX

(O Teste com Livro Earth's Overwhelming Strife, de Poems of Pleasure.)

TESTE COM LIVRO X

(A mensagem para os Amigos no Batalhão, da dedicatória de War Poetry, por X.)

TESTE COM LIVRO XI

(O Teste com Livro de She.)

TESTE COM LIVRO XII

(O Teste com Livro do "Escaravelho", de Trees, publicado por Jack, de Edimburgo.)

TESTE COM LIVRO XIII

(De Juan de la Cruz, The Dark Night of the Soul.)

TESTE COM LIVRO XIV

(O Teste com Livro do "Vale da Decisão", título e subtítulos, por Edith Wharton.)

TESTE COM LIVRO XV

(O Teste com Livro de Agnes Weston.)

TESTE COM LIVRO XVI

(O Teste com Livro "Love Endures despite Death's sombre will", de Windlestraw.)

TESTE COM LIVRO XVII

(O Teste com Livro da "Visão do Peregrino", de Poems, por Oliver Wendell Holmes.)

TESTE COM LIVRO XVIII

(O Teste com Livro dos "Círculos", de The Mysticism of Colour.)

PARTE II

A SÉRIE DRAYTON THOMAS

TESTE COM LIVRO XIX

(O Teste com Livro do Eclesiástico.)

TESTE COM LIVRO XX
(O Teste com Livro das Oito Palavras.)
TESTE COM LIVRO XXI
(O Teste com Livro do Doutor Donne, de Walton's Lives.)
TESTE COM LIVRO XXII
(A mensagem para os irmãos de E. W. T., Teste com Livro, de Ardours and Endurances.)
TESTE COM LIVRO XXIII
(O Teste com Livro de The Memoir of E. W. T.)
TESTE COM LIVRO XXIV
(O Teste com Livro do "Caravanning" e "Reflection".)
TESTE COM LIVRO XXV
(O Teste com Livro do título de Paradise Lost.)
TESTE COM LIVRO XXVI
(O Teste com Livro do "Triumph of Life".)
TESTE COM LIVRO XXVII
(O Teste com Livro "Fruit is at thy feet", de Poems of Shelley.)
RELIGIÃO E ESPIRITUALISMO
APÊNDICE I
(Relato de Mrs. Leonard sobre a sua apresentação a Feda.)
APÊNDICE II
(Excerto do Fédon, dos "Diálogos Divinos" de Platão.)
APÊNDICE III
(Um Poema de Emily Bronte.)
APÊNDICE IV
(O Teste com Livro do "Times".)
CONCLUSÃO

PARTE I

CAPÍTULO I

Teste com Livro I

Edward Wyndham Tennant 1 e George Heremon Wyndham 1 estão envolvidos neste teste. Foi dado através da mediunidade de Mrs. Leonard, controlada por Feda, em 19 de abril de 1917, na sala de estar de Wilsford Manor, Salisbury. Pamela Glenconner tomava notas; estando também presentes Mrs. Guy Baring, David Tennant, Ava Bodley e Josephine Wilkinson.

Feda. "Bim trouxe George outra vez; ele está tão contente que as suas mensagens chegaram à Mãe. Têm agora um Teste com Livro para ela, para que ela possa ter a certeza de que é George a falar-lhe. Tem algum livro com que ele estivesse ligado? Cor verde escura perto do livro. Veja na página 27, se conseguir encontrar este livro, diz ele, e no lado esquerdo da página há uma mensagem dele. Ou algo que possa tomar como uma mensagem dele."

1 Edward Wyndham Tennant, conhecido como Bim ao longo destas páginas, filho de Lord e Lady Glenconner, e George Heremon Wyndham, filho do Coronel Guy Wyndham, irmão de Lady Glenconner.

Estas indicações foram enviadas para a família de George. O seu pai tinha vindo recentemente viver para Clouds 1 e tinha colocado os livros que trouxera consigo em prateleiras na sala de estar. Procurou primeiro entre os livros que tinham pertencido a George, mas descobriu que consistiam apenas em alguns velhos livros de lições, sem nada de aplicável; procurou então entre os outros livros um encadernado em verde. O primeiro volume que retirou foi The Memoirs of Lord Edward Fitzgerald (por Thomas Moore, editado por Martin MacDermott, Downey & Co., 12 York Street, Covent Garden, 1897). Este livro está ligado a George, pois o autor é o trisavô de George. Na página 27, as palavras que abrem um parágrafo são as seguintes:

«O que não daria eu para estar convosco para vos confortar, queridíssima Mãe»

«Garanto que a narração dos factos acima é precisa.»

(Assinado) Guy Wyndham.

1 A residência rural em Wiltshire, a casa dos Percy Wyndham.

Mrs. Leonard nunca visitou Clouds, nem lá esteve.

Teste com Livro II.

Edward Wyndham Tennant e George Heremon Wyndham, comunicando através da mediunidade de Mrs. Leonard, estão também envolvidos neste segundo Teste com Livro. Foi obtido em 25 de julho de 1917, na sala de estar de Wilsford Manor, Salisbury, com Pamela Glenconner a tomar notas; estando também presentes David Tennant, Olivia Wyndham, Olive Baring e Leila Piatt.

Feda (falando através da mediunidade de Mrs. Leonard).

"Bim e George vão fazer outro Teste com Livro para mostrar que o último não foi por acaso. Bim é muito habilidoso nisto. Por favor, arranje um lápis, diz ele, e tome tudo com muito cuidado.

"Num lar perto daqui, no quarto de uma senhora, um quarto de canto, não bem quadrado, ele dá a letra C. . . ." {Nota.—Feda não nomeou a altura da prateleira, mas indicou uma altura com a mão, que David Tennant estimou em 1,35 metros.) "O sétimo livro na prateleira, contando a partir do canto do lado esquerdo da lareira. A letra G é também dada. A palavra sétimo . . . sétimo ... ele dá a palavra sétimo." (Isto foi repetido, com insistência.) "Na página 84—ou 48 ... uma página com muito branco, pouco escrito, apenas muito pouco na página. E o que está na página

pode ser tomado como uma mensagem. Há algo que lida com o Passado e o Futuro também, não necessariamente o Passado e o Futuro imediatos."

Pensou-se, pela letra C ter sido dada, e "um lar perto daqui" ter sido mencionado, que Clouds era novamente a intenção: uma casa onde a avó de George Heremon e Edward Wyndham Tennant vivia. Fez-se uma busca na sua sala de estar, que é um quarto de canto e não bem quadrado.

Na posição indicada há quatro prateleiras, cada uma dividida em duas. O Coronel Wyndham retirou primeiro o sétimo livro a partir do canto na primeira divisão da penúltima prateleira de cima, mas não encontrou nada de aplicável. Retirou então o sétimo livro na segunda divisão, que era Lotus and Jewel, por Sir Edwin Arnold. Na página 84 encontrou apenas uma quadra, estando a página de resto em branco; era a última de um poema que era o sétimo de uma série, intitulado A Casket of Gems, 1 e era também o sétimo volume da edição. Dizia o seguinte:

«Não os alcançaremos, senão com a Terra como Vaso,

O Céu por nosso Mar, e por longa Jornada, a Vida—

Mas se o amor governa, por fim as nossas velas poderão aninhar-se

Recolhidas, naquelas Ilhas Longínquas, para além da tempestade e da luta!»

As indicações dadas pareciam aqui cumprir-se, exceto uma alusão ao Passado e ao Futuro; mas no mesmo poema, página 83, e nas páginas seguintes, descobriu-se que "As Ilhas Felizes" e "O Paraíso" são descritos, e ocorrem os versos:

"Onde a maravilha do 'donde' e do 'porquê' e do 'para onde' se mostram;

O Passado percebido, o Futuro certo e conhecido"

1 Kegan Paul, Trench, Trübner & Co.

"Onde a Morte não vem, nem a Mudança, nem o Ódio, nem o Cuidado"

"Onde encontraremos amigos e amantes deliciosos

E não ouviremos palavra de Ai em lábio algum, ..."

«Para lá navegar!»

O livro estava por abrir.

"A declaração acima sobre este Teste com Livro é precisa."

(Assinatura) Guy Wyndham.

Incluo aqui a seguinte carta do meu irmão, o Coronel Wyndham. Ele escreve a Lady Trowbridge, que naquela altura estava a recolher os Testes com Livros no interesse da Society for Psychical Research.

Clouds,

East Knoyle,

14 de julho de 1918.

Cara Lady Trowbridge,

Envio-lhe todas as informações que posso sobre o assunto. O primeiro teste é muito bom, desde que se permita considerar o livro ligado ao meu filho.

O segundo teste é certamente notável. Sem dúvida que há discrepâncias, mas o facto principal é que as indicações dadas foram suficientes para que as passagens fossem facilmente encontradas.

Atentamente,

Guy Wyndham.

Teste com Livro III

Este Teste com Livro foi dado novamente através da mediunidade de Mrs. Leonard, controlada por Feda; o comunicador desta vez sendo o Capitão Evelyn Piatt do 1.º Batalhão dos Coldstream Guards, que foi morto em França em 15 de maio de 1916; ele estava a enviar uma mensagem para a sua esposa, que estava sentada com Pamela Glenconner para comunicação em 25 de julho de 1917, em Wilsford Manor, Salisbury.

Após algum tempo de conversa através de enunciados em transe, Feda disse:

«Ora aqui está um Teste com Livro. Está nesta casa, no rés-do-chão. Encontrará o livro perto da porta, com letras douradas. É o décimo livro na prateleira contando a partir da porta. A letra A é proeminente. Ar... há duas mensagens para ela na mesma página.»

Na biblioteca do rés-do-chão, a cerca de meio caminho do chão até à prateleira mais alta, o décimo livro contando a partir da porta descobriu-se ser os poemas de Matthew Arnold. 1 É um volume verde com letras douradas. Voltando à página 37, encontrámos o soneto que começa:

«Deus sabe que estou contigo...»

e os versos finais são os seguintes:

«Se a tristeza no longo e desgastante espetáculo

Em que os grandes da Terra são inquietados.

Se pensamentos, não ociosos, enquanto diante de mim fluem

Os exércitos dos sem-abrigo e dos mal-alimentados—

Se estes são vossos, se é isto o que sois,

Então sou vosso, e partilho o que sentis.»

Este foi um Teste com Livro com três pontos de contacto; os outros dois foram interpretados com sucesso, mas sendo de caráter privado, não são aqui dados.

Mrs. Piatt teve de sair apressadamente para apanhar

um comboio, dando-me as notas, com indicações. E foi assim que aconteceu que, nesta altura, sem saber da importância atribuída à existência de uma testemunha do procedimento, procurei este teste e o encontrei, sozinha; por isso, como evidência, não tem valor; mas o endosso da destinatária é dado de bom grado.

1 Na Canterbury Poets Series. Editado por William Sharp

"Reconheço a fonte de onde este Teste com Livro é extraído e considero-o inteiramente aplicável. Especialmente nas passagens finais da mensagem, nas partes deste Teste com Livro que prefiro suprimir, reconheço alusões que só ele, que pretende estar a comunicar, poderia ter conhecido."

Talvez seja oportuno observar aqui que Mrs. Leonard não estava hospedada na casa. Ela percebe tão bem o significado do trabalho que está a ser feito através dela, que compreende a necessidade que tenho quando registo que ela vivia noutra casa, visitando Wilsford apenas nas horas reservadas para as sessões, e partindo imediatamente após estas terminarem.

CAPÍTULO II

Teste com Livro IV

Para compreender a pertinência da mensagem contida no seguinte Teste com Livro, devo contar algo do cenário e mencionar pormenores relativos às pessoas que diz respeito.

Edward Wyndham Tennant, conhecido como Bim, o remetente da mensagem, é o mais velho de quatro irmãos. Quando caiu na Batalha do Somme em setembro de 1916, o seu irmão mais novo, David, tinha catorze anos. As aventuras de David e o seu plano geral de vida sempre atraíram Bim, que sentia grande prazer na sua infância. A Mãe deles lembra-se de Bim lhe contar que, uma vez, numa multidão barulhenta de crianças, David, então um pequeno rapaz de seis ou sete anos, se aproximou dele e, completamente alheio à turba que os rodeava, disse: "Bim, sabes que Sírio é uma estrela de primeira grandeza."

Depois voltou ao jogo.

David conhecia uma família de amigos na aldeia com quem costumava brincar. Quando acabava as lições e desejava a sua companhia, ele sinalizava e gritava por eles através dos prados alagadiços, de pé no relvado; e o grito de resposta deles, fraco à distância, e o seu aparecimento rápido, a sair por todos os buracos da sebe, era uma das observações preciosas de Bim.

David conduzia todos os seus passatempos com imprevisibilidade e potência. O zelo com que perseguia as suas ocupações diárias era igualado pela sua absorção nos livros que eram lidos em voz alta nas horas da noite.

A Mãe contava-lhes histórias ou lia-lhes contos, e ela lembra-se de Bim lhe dizer: "Durante todo o tempo em que estás a ler em voz alta, adoro olhar para David a ouvir, com os seus grandes olhos escuros."

O vínculo entre estes dois, o mais velho e o irmão pequeno, era muito forte, e muito depois de os dois rapazes mais velhos terem ido para a escola, a frase "Mãe e Filho" era usada por Bim em relação a David e à sua Mãe.

Station Hotel,

Crewe,

23 de outubro de 1917.

Feda (falando por Bim através da mediunidade de Mrs. Leonard).

«Ele diz agora que vai enviar uma Mensagem com Livro para o seu irmão David; diz que David não deve pensar que é paternalista, como se ele ainda fosse um rapazinho. É, no entanto, especialmente para David.

"Isto está na casa em Londres, e deve ser encontrado num quarto no rés-do-chão. A página é o número 14, e a mensagem está a três quartos da página para baixo. Está no oitavo livro na terceira prateleira contando da direita para a esquerda. Encontrará algo redondo ligado ao livro em questão.

"Perto dele há um livro que fala de grandes espaços— grandes, grandes espaços" (levantou as mãos acima da cabeça). "É um livro que fala das estrelas."

Ao regressar a Londres, fui à biblioteca em 34 Queen Anne's Gate, uma sala no rés-do-chão, desconhecida de Mrs. Leonard.

1 4.ª edição. Smith Elder & Co., 15 Waterloo Place, 1890.

Na terceira prateleira encontrei o oitavo livro, contando da direita para a esquerda, como sendo Lewes' Life of Goethe. 1 Dois livros depois deste havia um volume chamado Astro Theology, or the Demonstration of the Attributes of God, from a survey of the Heavens. 1

Na décima quarta página do oitavo livro (Lewes' Life of Goethe) encontrámos a seguinte passagem:

"Numa bela tarde, quando a casa estava silenciosa, o Mestre Wolfgang, com o seu copo na mão e sem nada para fazer, encontra-se a olhar para a rua silenciosa e a fazer sinais telegráficos para os jovens Ochsenstein que viviam em frente. Para fazer alguma coisa, começa a atirar a louça para a rua, encantado com o barulho que faz e estimulado pelos irmãos Ochsenstein, que se riem dele do outro lado da rua. A indulgente Mãe regressa e vê a travessura com horror de dona de casa, até que, derretendo-se em simpatia, ri tão calorosamente como a criança. . . .

"Esta Mãe empregava as suas faculdades" (continua a passagem) "para contar histórias para seu e seu próprio deleite. 'A todos os fenómenos naturais,' escreve ela, 'eu dava um significado. Enquanto pensávamos nos caminhos que vão de estrela em estrela, e que um dia habitaríamos as estrelas, e quando pensávamos nos grandes Espíritos que lá encontraríamos, eu estava tão ansiosa pelas horas de contar histórias como as próprias crianças. Lá estava eu sentada, e Wolfgang segurava-me com os seus grandes olhos negros!"

1 Astro Theology, por W. Derham. 6.ª edição. Impresso para W. Innys no West End de Saint Paul's, MDCCXXXI.

A passagem termina com as palavras:

"Que vislumbre encantador de Mãe e Filho."

Este Teste com Livro trouxe tamanha convicção aos membros da família de Bim, que quando foi encontrado e lido em voz alta foi recebido com o riso do reconhecimento imediato. Apenas uma última indicação restava ser seguida, a que falava "de algo redondo ligado a este livro." E considerou-se descoberta quando, virando para a frontispício, se viu que representava a reprodução de uma miniatura pintada emoldurada por uma moldura redonda preta.

Tentar descrever o brilho feliz nos corações do círculo familiar de Bim quando esta Mensagem com Livro foi lida seria, em letra de imprensa, impossível. Há, no entanto, momentos bem conhecidos de todos aos quais pode ser comparado: quando uma carta desejada chega; quando uma porta se abre e uma presença querida está diante de nós; quando, em suma, aquele que esteve ausente está em casa novamente. O riso corre de lábio em lábio, e os olhos falam de contentamento. Tal momento era agora deles; estavam felizes; e era Bim, como antigamente, que os tinha alegrado.

Garantimos que os factos deste caso são como acima representados, e estivemos presentes no encontro da mensagem.

(Assinado) Glenconner.

David Tennant

Station Hotel,

Crewe,

23 de outubro de 1917.

Feda (falando através de Mrs. Leonard para Edward Wyndham Tennant). «Este é um Teste com Livro, agora, para a

sua Mãe. Não é suficientemente bom, diz ele, é tão vulgar, mas servirá como sinal de que o está a enviar.

«Ele diz que o encontrarão na mesma sala do rés-do-chão, como o de David, no décimo sexto livro contando da direita para a esquerda, página 27.

«A letra S é proeminente na página de rosto. Há um livro de Merey—Meri—algum nome como 'Merry'—perto dele na mesma prateleira.»

O livro, ao procurar, revelou ser The Life of George Washington. 1 Na página de rosto, Soldier and Statesman segue o nome. Na 27.ª página há uma alusão à família de George Washington, seis filhos no total, um morrendo na infância—o que é idêntico à família de Edward Wyndham Tennant, que supostamente estava a dar o Teste com Livro; e segue-se uma alusão à recordação de George Washington da afeição do seu Pai:

«E ao cuidado formativo da sua Mãe,» continua a passagem, «ele atribuiu a origem de tudo o que tinha alcançado.»

Na mesma prateleira, três livros depois do especificado, havia um volume de Merriman, The Sowers.

1 Por James Harrison. Heroes of the Nations Series. G. P. Putnam & Sons. 1906.

Atestamos a verdade do acima exposto.

(Assinado) Glenconner,

David Tennant.

Esta sala era desconhecida de Mrs. Leonard.

CAPÍTULO III

Teste com Livro VI.

17 de dezembro de 1917

Feda (falando através de Mrs. Leonard), após algum tempo dedicado à comunicação através de enunciados em transe:

«Agora Bim diz que está a enviar uma mensagem; um Teste com Livro para a sua Mãe. Diz que está na sala de estar, no lado da estante perto da porta. Devem olhar na terceira prateleira e pegar no quinto livro contando da esquerda para a direita; virar para a página 83. Diz que a passagem alude à sua vida presente e ao que vocês sentem sobre ela. Diz: 'Dize-lhe que o seu amor por mim transpôs o abismo, e o amor mostrou o caminho.' Repete que 'o amor mostrou o caminho.'»

Ao regressar a casa, quando procurei entre os livros, encontrei o quinto livro na terceira prateleira contando da esquerda para a direita como sendo um intitulado The World We Live In, escrito por Brackett e publicado por Richard Badger, Boston (The Gorham Press, 1909).

Na página 83 li:

«O caminho para o Mundo Invisível

Está cheio de esperança e alegria indizível.

Com o rico desabrochar do Amor e o ar fragrante,

Actos desinteressados e oração silenciosa.

Quem procura subir por outro caminho

Demorar-se-á muito, extraviar-se-á,

Pois só o Amor pode apontar o caminho.»

Agora volto às minhas notas, tal como tomadas na altura. Continuam assim:

«Na página anterior, bem, não propriamente a página anterior, diz ele—mas virando a folha antes—encontrará uma alusão a uma coisinha que teve há muito tempo. Algo que costumava usar; tinha-o quando era rapariga; diz que sorrirá quando encontrar isto, mas as palavras aplicam-se.»

Olhei para a página 82, e aqui encontrei um interessante endosso das indicações dadas, pois essa página estava em branco. Isto era, evidentemente, a razão pela qual se disse a Feda para dizer "não propriamente a página anterior, mas virando a folha antes," pois no verso da página em branco encontrei cinco linhas impressas, o parágrafo final do capítulo. A passagem diz o seguinte:

«O Espiritualismo caminha de mãos dadas com a beleza e a simplicidade de Cristo.»

Ora, entre a coleção de joias que era minha antes de casar está um fino anel dourado. É um anel de noivado da Normandia, e tem o desenho de mãos entrelaçadas. É um anel triplo num pequeno pino central, que mantém os três anéis juntos; abre-se com as duas mãos a separarem-se, revelando o desenho de dois corações no terceiro anel. Bim conhecia bem este pequeno objeto; sabia também que era meu antes de casar, e o seu plano de construção é, verdadeiramente, "de mãos dadas." No entanto, até regressar a casa e encontrar a passagem que continha a alusão, não fazia ideia a que "coisinha" ele se referia.

Agora cito mais uma vez das minhas notas.

Feda. «Quinto livro; perto dele há um volume de carácter histórico, não aceite como histórico (e sabe, diz ele, que se interessará em saber que o espírito de uma Era Egípcia prevalece

novamente neste tempo? mas isto é difícil de explicar claramente agora), e na página 103 do quinto livro encontrará uma alusão a uma época, um período no tempo, mais do que a um lugar.»

Nesta página, a passagem dizia o seguinte:

«Temos uma forma de culto sob o nome de Cristianismo que remonta a milhares de anos antes da Era Cristã.»

Mais uma vez volto às minhas notas.

«Um livro de carácter histórico, não aceite como histórico, diz ele.»

Teste com Livro VII.

O quinto livro, como vimos, era o de Brackett; o seguinte encontrei ser The Story of Asseneth, a narrativa lendária da esposa de José. Esta história é incluída por Vincent Beauvais no seu Speculum Historiale, compilado por ele no Século XIII, pelo que se adequa bem à descrição "não aceite como histórico," e o facto de Bim, subitamente e entre parêntesis, aludir ao Egito neste ponto, enquanto lidava com o Teste com Livro, é de interesse vivo.

Pode-se ver a ligação na sua própria mente, com o Egito, e o livro que tinha escolhido. Ele sabia o fascínio que a sua Mãe sentia pela ideia de vidas anteriores vividas no antigo Egito. Sabia de uma história de sonho que ela uma vez sonhara, cuja cena se passa no Egito; e sabia, também, do dito de um amigo, que, ao ouvir o sonho, exclamou: "Isso não é um sonho vulgar, isso é uma memória, isso aconteceu"; mas, embora soubesse o interesse que a sua Mãe teria no que ele pudesse ter-lhe contado, colocou tudo num parêntesis, à sua maneira viva e rápida, empenhado em prosseguir o assunto principal no momento, que era o seu Teste com Livro.

O seu próprio soneto sobre a «Reencarnação» mostra claramente o quão consciente ele próprio estava do toque do Passado.

«Também me lembro de dias dourados distantes

Quando até a minha alma era jovem; vejo a areia

Redemoinhar numa coluna ofuscante em direção à faixa

Do céu cor de laranja sob um brilho turquesa—

(Algum céu queimado estendido sobre uma terra cintilante)

—E homens esguios e morenos, tagarelando, em azul e ouro,

Conheço tudo tão bem, compreendo

O êxtase da adoração, secular.

Ouve a primeira verdade: a grande alma de longo alcance

Está sempre na mais humilde casca; vejo

Como cada secção sucessiva cobra o seu tributo

Em ciclos desvanecidos da velha memória,

E cada nova vida controlará a vida seguinte,

Até que a perfeição alcance a Eternidade.»

CAPÍTULO IV

Teste com Livro VIII

Obtido numa sessão realizada em 34 Queen Anne's Gate, Londres, 6 de maio de 1918.

Feda. «Agora, diz ele, os Testes com Livros—ele tem dois—ambos para a sua Mãe, e um terceiro que gostaria que fosse tomado como uma mensagem para todos ... todos eles ... (não

consegue transmitir isto muito claramente, mas repete, é uma mensagem para muitas pessoas ... que ele conhece...).

"O primeiro está entre alguns livros perto de escadas; no lado esquerdo de umas escadas."

Ora, se Feda tivesse dito "degraus" em vez de "escadas", teríamos entendido imediatamente; assim, nós que estávamos a ouvir e a tomar notas ficámos completamente perplexos. Um de nós disse: "Não há estantes nas escadas. O que pode significar?"

Feda respondeu: "Bim diz que aquele quarto que não está a ser usado agora; sabem, com escadas lá dentro."

Então reconhecemos o meu quarto lá em cima que,

devido aos ataques aéreos, estava desusado há algum tempo; para entrar neste quarto é necessário descer três degraus. Uma pequena estante está pendurada na parede à esquerda da entrada.

«Agora então, diz ele, que já têm o quarto, procurem um livro de capa cinzenta, um dos livros da fila tem um bocado rasgado na lombada; peguem no segundo livro contando da esquerda e vejam na página 29. As palavras falam do sacrifício e do sofrimento na Guerra; falam da Guerra. Levem-no muito literalmente, diz Bim, senão não estará correto.»

Este quarto era desconhecido de Mrs. Leonard.

Após a sessão, procurámos e descobrimos que o segundo livro na prateleira era um chamado War Poems por X. 1 Na página 29 havia alguns versos aludindo às esposas e mães na Guerra.

«Oh, não se esqueçam disso,

Filho de mãe,

São soldados, soldados,

Todos eles.

1 Martin Secker, No. 5, John Street, Adelphi, Londres.

«Soldados, amando

Os que partiram,

Soldados, soldados,

‘Continuando!’

«O mais orgulhoso regimento

Já conhecido,

Chamemos-lhes

‘O Senhor é seu!’»

Três livros depois deste havia um volume com o título numa etiqueta ligeiramente rasgada e danificada.

«Agora a outra mensagem», continuou Feda, «para a sua Mãe está noutro livro, o quarto livro na prateleira de cima, vejam na página 56.»

Teste com Livro IX

E foi isto o que encontrámos quando procurámos, de acordo com estas indicações:

«Penso que a grande capacidade do homem para a dor

Prova o seu direito de primogenitura imortal, tende certeza

Que nenhuma mente meramente humana poderia suportar a tensão

Da tremenda tristeza que suportamos!»

«A menos que as nossas almas tivessem raiz em solo divino

Não poderíamos suportar a luta avassaladora da Terra;

A mais feroz dor que dilacera este meu coração

Convence-me da Vida Eterna.» 1

Agora, «a mensagem para muitos» tinha de ser tratada.

Feda tinha dito: «Bim diz que vejam na primeira página, há algumas palavras na página de rosto de um dos livros que ele mencionou; deixou passar o momento, e não consegue reunir força suficiente para a transmitir claramente agora... mas é uma mensagem para todos, diz ele.»

Teste com Livro X

Procurámos nas páginas de rosto dos dois livros que ele tinha especificado, e na do primeiro dos dois havia uma dedicatória em que o autor oferece os seus versos àqueles

«No Batalhão do qual regimento tenho muitos amigos»

Bim, nesta sessão, disse através de Feda, que queria que lhe dissessem com certeza se alguma das mensagens nos Testes com Livros não podia ser encontrada, ou «saía errada», como ela disse, porque ele sabe o quão difícil é fazer passar as coisas claramente.

1 Poems of Pleasure, publicado por W. B. Conkey Company, Chicago. 1902.

«Ele só consegue vislumbres,» diz ele, «comparado com tudo o que gostaria de enviar.»

E depois reiterou o quão feliz o faz falar connosco.

«Toda a vossa felicidade volta para mim,» diz ele, «quando um Teste com Livro é descoberto ou temos uma boa sessão como esta, e a sensação de proximidade enche-me de alegria. Envio todo o meu amor, e bênçãos, e pensamentos constantes...»

Havia outros dois pontos neste teste; mas o destinatário das mensagens prefere que não sejam publicados.

Garanto que as indicações dadas e a descoberta dos livros foram como acima declarado.

(Assinado) David Tennant.

Teste com Livro XI

Dos muitos Testes com Livros que recebemos, apenas dois falharam. Um deles foi para um oficial camarada, e a pessoa que recebeu a mensagem não era membro da família de Bim, pelo que possivelmente o canal de comunicação não estava claro. O outro supostamente foi enviado por dois amigos de Bim, e os pormenores foram enviados para mim. Estando na Escócia na altura, não pude seguir as indicações, mas pedi a alguém que o fizesse por mim. Escreveram dizendo que a sua procura não tinha sido recompensada; e penso que a dedução pode ser que os Testes com Livros, para serem recebidos com sucesso, devem ser dados o mais diretamente possível. Não se pode dizer, no entanto, que foi um fracasso total, pois guardei as indicações e, quando regressei a Londres, percorri parte do assunto novamente. Na página numerada 6 para a qual fomos encaminhados, encontrei o índice dos títulos dos capítulos, e estes diziam o seguinte:

«Triunfo.

«Os mortos e os vivos encontram-se. ... O relato de uma das experiências mais maravilhosas e misteriosas.»

O livro em questão era She, de Rider Haggard. Se eu estivesse em Londres na altura em que o Teste com Livro me foi enviado, penso que teria verificado os outros pontos também, mas o quarto tinha sido preparado para a nossa chegada, e uma vez que as passagens nos Testes tinham sido procuradas sem sucesso, não se deu mais atenção.

CAPÍTULO V

O Teste com Livro que vou relatar agora é um que, para a família de Bim, carrega mais convicção da identidade do remetente da mensagem do que qualquer outro entre a rica coleção que é deles; mas para reconhecer verdadeiramente a sua pertinência, devo interromper a sequência contando novamente algo da vida familiar de Bim.

Nos anos anteriores à guerra, a Silvicultura era o principal interesse do seu Pai. Para se educar mais profundamente nisso, foi em 1901 à Alemanha, para ver as florestas de lá, cultivadas sob supervisão governamental, e embora não tenha importado para a sua casa escocesa a drástica regularidade e a monótona severidade do sistema alemão, as plantações e bosques em Glen são, em

consequência, tratados com mais cuidado e inteligência do que as florestas da maioria das propriedades na Grã-Bretanha.

O seu olho treinou-se para um estado de perfeição mais elevado possível para as árvores em crescimento do que é o caso da maioria das pessoas, pois muitas vezes, durante passeios através dos fragrantes bosques de pinheiros, quando surgiam expressões de admiração ou deleite pela bela paisagem, quão constantemente o veredito deprimente era proferido pelo Mestre das Árvores, de que os novos rebentos estavam a ser arruinados por «o escaravelho».

«Vês todas aquelas torções—aqueles desvios súbitos no novo crescimento? Isso mostra que o escaravelho lhes pegou. Não verias os danos nas árvores jovens como eu os vejo; é a maior praga com que temos de lidar...» e muito mais do género na conversa. O tema era tão familiar à família que Bim era conhecido por dizer à sua Mãe, em voz baixa: «Vejamos se atravessamos este bosque sem ouvir falar do escaravelho.» Se o seu Pai era indevidamente pessimista sobre algo, Bim dizia: «Todos os bosques têm o escaravelho.»

Palavras ligeiras para recordar, estas! espuma num Mar de Verão; dificilmente, dirão, dignas de serem recolhidas; e, de facto, nos primeiros meses amargos de luto, pouco recordadas.

No entanto, foi o próprio Bim que as havia de recordar.

Teste com Livro XII

17 de dezembro de 1917.

Feda. «Bim quer agora enviar uma mensagem para o seu Pai. Este livro é especialmente para o seu Pai; sublinhem isso, diz ele. É o nono livro na terceira prateleira contando da esquerda para a direita na estante à direita da porta na sala de estar, ao entrar; tomem o título e vejam a página 37.»

Encontrámos o nono livro na prateleira indicada: era Trees. 1

E na página 36, bem no fundo e continuando para a página 37, lemos:

«Por vezes vêem-se marcas curiosas na madeira; estas são causadas por um escaravelho escavador, muito prejudicial para as árvores...»

(Assinaturas de duas testemunhas do encontro e verificação desta Mensagem com Livro.)

Glenconner,

David Tennant.

1 Trees, por J. Harvey Kelman. Na série «Shown to the Children»; publicado por Jack. Edimburgo.

Se um observador casual estivesse presente quando rastreámos este Teste, «Esta não é uma família de luto,» teria dito: «estas são pessoas felizes.» E teria razão.

CAPÍTULO VI

Teste com Livro XIII.

2 de março de 1918.

Feda falando. «Esta é uma mensagem para o Pai de Bim. Não está no quarto onde Bim geralmente faz os seus Testes com Livros. Isto está no quarto do seu Pai, terceira prateleira a contar de baixo no canto mais afastado do quarto; retire o nono livro contando da esquerda para a direita e veja a página 65. Cerca de meio caminho da página, o mais próximo que ele pode julgar corretamente, encontrará a mensagem. Diz que «sabe tudo o que o seu Pai sente, sabe o quanto ele o ama.» Esta mensagem será o que ele quer que o seu Pai diga quando se lembrar dele e pensar na sua passagem.»

O livro revelou ser The Dark Night of the Soul, de Juan de la Cruz, e a passagem termina assim:

«Que Deus Se digne dar-me a Sua Luz Divina, pois é de facto necessária numa noite tão escura e num assunto tão difícil.»

«Perto deste livro,» continuou Feda, «dentro do comprimento de um palmo dele, há um cujo título sugere o caminho que Bim percorreu desde que partiu.»

«O que é um comprimento de palmo?» perguntámos.

Feda respondeu: «A Sociedade 1 diz que um comprimento de palmo é o comprimento da sua mão quando estendida. Ponha o polegar no livro mencionado primeiro, e depois em qualquer direção em que a sua mão se vire, para cima ou para baixo, ou para qualquer dos lados, o livro certo pode ser encontrado.»

Teste com Livro XIV.

Medindo a distância especificada a partir do nono livro já mencionado, encontrámos The Valley of Decision, de Edith

Wharton; e é interessante notar que a matéria deste romance está dividida sob vários subtítulos, muitos dos quais parecem aplicáveis ao caminho que Bim percorreu:

«Multidões, Multidões no Vale da Decisão.»

«Um Dom da Sepultura.»

«A Velha Ordem e a Nova Luz.»

«A Escolha e a Recompensa.»

«Em Novas Margens Inunda um Novo Dia.»

1 Mrs. Leonard estava nesta altura a trabalhar para a Society for Psychical Research, pelo que era a esta Sociedade que Feda presumivelmente aludia.

Feda continuou:

«Todos estes estão bastante perto do nono livro. Agora retire o quinto livro, diz Bim, da esquerda para a direita, e veja a página 16, e encontre uma mensagem para a sua Mãe. Bem perto do topo da página. Algo que ele está a tentar muito fazer por ela, e com ela.»

Teste com Livro XV

Este livro, o quinto na prateleira contando da esquerda para a direita, descobrimos ser uma autobiografia de Agnes Weston, 1 e no topo da 16.ª página ocorrem estas palavras:

«Para fazer as crianças felizes, e a minha Mãe...»

Estive presente quando estes Testes com Livros foram verificados.

(Assinado) Glenconner.

1 My Life among the Blue-jackets (James Nisbet, 1912).

CAPÍTULO VII

Teste com Livro XVI

Enquanto recebíamos comunicação nesta forma particular, a nossa felicidade não teria sido tão grande se fôssemos as únicas pessoas a receber tal testemunho. Outros, muitos outros, além de nós, estavam a receber Testes com Livros durante as suas sessões com Mrs. Leonard, e este capítulo será dedicado a três recebidos por Mrs. Beadon, que vive em 11 Cheyne Walk, Chelsea, por cuja gentileza me é permitido incluí-los aqui.

Ela escreve:

«Muito obrigada por me deixar ver estes registos. Como eles devem ficar contentes quando apanhamos a mensagem corretamente! O seu filho parece estar a ajudar tantos, e é natural que assim seja, visto que está a ajudar tantos deste lado ao longo das mesmas linhas de conforto; e ele deve sentir que está a trabalhar consigo.

«Espero que ele saiba o quão gratos lhe somos a ambos!

«Aqui está um teste que recebi na semana passada, através de Feda; o seu Filho estava a ajudar nele. Foi-me dito para encontrar a página 39 num certo livro, cuja posição e número me foram cuidadosamente descritos. Foi-me dito que lá estava uma mensagem para mim quando fico deprimida. «Diga-o a si mesma,» foi-me dito, «quando se sentir miserável.»

«Ao procurar, descobri que o volume era o seu livro de poemas, Windlestraw, 1 e na página 39 ocorre sozinho o verso:

«No entanto o Amor perdura, apesar da sombria vontade da Morte

Lê—se duvidares—nestas páginas escolhidas,

Aqui te alegrarás em encontrar estes amantes ainda

A cantar-nos as suas canções de amor, através das Eras!»

«Mrs. Leonard nunca esteve em nossa casa, nem conhece os meus livros, ou onde os guardo.

«Foi belo encontrar tal verso,» continua a carta. «O meu marido não lia poesia com frequência; as suas leituras eram ao longo de linhas que não ajudariam muito a encontrar uma mensagem expressiva. Pareceu-me verdade que o seu filho estava a ajudar, como tem feito tantas vezes, e era tão natural para ele usar as suas palavras.»

1 Um livro de versos de Pamela Glenconner, publicado pela Chiswick Press.

Atentamente,

J. E. Beadon.

Teste com Livro XVII

20 de setembro de 1917.—Outro Teste com Livro obtido numa sessão com Mrs. Leonard. A comunicação supostamente do Coronel Beadon, recebida pela sua esposa, J. E. Beadon, 11 Cheyne Walk, Chelsea.

«Numa sala quadrada, livros no canto, uma fila de livros a correr ao longo da parede, até ao canto a partir da janela. Pegue no quinto livro, contando da direita para a esquerda, página 71 ou 17. (Ambos os números foram repetidos várias vezes.) Sim—71.

«A mensagem não será tão bonita como ele gostaria que uma mensagem dele para si fosse, mas compreenderá que isto é para tornar o teste o melhor que ele puder.»

Este foi um Teste com Livro com sete pontos de contacto. Destes, seis foram rastreados e considerados apropriados.

As indicações continuam da seguinte forma:

(1) Refere-se a uma condição passada.

(2) Tem uma aplicação ao presente.

(3) É uma resposta a um pensamento muito presente na sua mente em certa altura. Esse pensamento já não está consigo agora, especialmente desde que conheceu Feda.

(4) Na página oposta há uma referência a fogo.

(5) Na página oposta há uma referência a luz.

(6) Na página oposta há uma referência a tempos antigos. (Tudo isto não tem nada a ver com a mensagem, compreende, mas é dado para que tenha a certeza de que está na página certa.)

(7) Na mesma página, ou é na página oposta? uma palavra importante que começa por S.

Ora, para tornar a aplicação das indicações acima evidente, Mrs. Beadon permite-me dar os seguintes pormenores:

William Beadon foi morto em ação na Mesopotâmia. O seu corpo foi sepultado pelo Capelão e pelos oficiais na mesma noite da sua morte, onde caiu. O oficial comandante escreveu que todos os vestígios da sepultura tinham sido cuidadosamente apagados para evitar profanação pelos árabes, e a sua localização é agora desconhecida.

Na sala, e na prateleira indicada, Mrs. Beadon descobriu que o quinto livro contando da direita para a esquerda era um volume de poemas de Oliver Wendell Holmes.

Na página 71 leu em «A Visão do Peregrino»:

«O cansado peregrino dorme,

O seu local de descanso é desconhecido;

As suas mãos foram cruzadas, as suas pálpebras fechadas,

O pó foi sobre ele espalhado.

O solo errante, a folha em decomposição

Sobre o relvado foram soprados;

A sua forma fundiu-se na Terra,

A sua memória vive sozinha.»

Agora vejamos as indicações tal como são dadas.

(1) Refere-se a uma condição passada.

(2) Tem uma aplicação ao presente.

Este poema, «A Visão do Peregrino», refere-se aos primeiros dias na América.

A aplicação é ao próprio caso do comunicador,

i. e., «o seu corpo recebeu sepultura reverente e o local de descanso é desconhecido.» E —

(3) É uma resposta a um pensamento muito presente na sua mente em certa altura, que já não está lá agora, especialmente desde que conheceu Feda.

Mrs. Beadon escreve: «Era uma questão constantemente na minha mente nos primeiros dias após ter recebido a notícia, sobre se seria possível identificar o local, com a ajuda dos oficiais que tinham estado presentes no sepultamento, e quando a Guerra terminasse, marcar o lugar com uma cruz. Tenho pensado muito pouco nisto ultimamente, nem me senti minimamente preocupada com isso.»

Voltemos agora às restantes indicações, tal como dadas por Feda na sessão.

(4) Na página oposta há uma referência a fogo.

(5) Também uma referência a luz.

1 Os espiritualistas são felizes, notarão, neste aspeto das sepulturas. Não se preocupam com elas em demasia, nem as veneram. Não os ouvimos dizer: «Fulano foi sepultado em Guillemont,» ou «Foi sepultado onde caiu.» Falam do corpo ser sepultado, não da pessoa. Os Críticos dos nossos dias ainda confundem Sócrates com o seu cadáver. Ver Apêndice I.

Mrs. Beadon encontrou o seguinte verso na página oposta:

«Ainda o raio da coluna de fogo

Ao longo do teu caminho brilhará,

Para iluminar a tribo escolhida que buscou

Esta Palestina Ocidental.»

(6) Há uma referência a tempos antigos.

Esta passagem, dando referência a fogo, luz e a viagem dos Israelitas, cumpre as indicações numeradas 4, 5 e 6.

(7) Este último ponto—«a palavra importante que começa por S»—é a única referência neste teste que não pode ser rastreada.

Ora, Mrs. Beadon voltou à página 17 (o outro número de paginação dado por Feda), e leu:

«A seta do índio, o salão do britânico,

A aresta sedenta do sabre,

A granada quente a estilhaçar na sua queda,

A cunha curva da baioneta,

Aqui espalhou a Morte; porém, procura o local,

Nenhum vestígio o teu olho pode ver,

Nenhum altar—e não precisam dele,

Aqueles que deixam os seus filhos livres.»

Esta estrofe cumpre mais uma vez o número 3 das indicações dadas, e uma luz interessante é lançada sobre a hesitação de Feda entre estes dois números, 71 e 17, contendo ambos, como contêm, a mesma aplicação.

«É notável,» escreve Mrs. Beadon, «que em nenhum outro lugar do volume possa encontrar qualquer referência que cumpra minimamente as condições da mensagem.»

«Garanto que a narração acima dos factos está correta.»

(Assinado) J. E. Beadon.

CAPÍTULO VIII

Teste com Livro XVIII

Foi-me dada permissão para incluir o seguinte Teste com Livro, desde que os nomes dos que o recebem sejam suprimidos.

O rapaz envolvido nele estava em Winchester com Bim.

Numa sessão com Mrs. Leonard, Feda disse à sua cliente que os rapazes estavam «a fazer passar esta mensagem juntos.» Ela disse:

«Bim está com * * *, a ajudá-lo com este Teste.»

As indicações para encontrar o livro foram dadas da maneira habitual, primeiro quanto ao quarto, depois à estante, depois ao número do livro na estante, e finalmente a página, seguida pelas palavras que dizem a substância da mensagem, ou a sua aplicação; mas embora este procedimento tenha sido observado com a meticulosidade habitual, a Mãe do rapaz não conseguiu encontrar nada que correspondesse às indicações dadas.

Eu estava na Escócia na altura, e ela escreveu-me dizendo que esperava que eu fosse vê-la quando regressasse a Londres, pois talvez eu tivesse melhores resultados.

Assim o fiz, e ela deu-me as notas tomadas na altura da sessão. As indicações eram as seguintes:

«Livros numa sala de estar, em direção ao canto da sala; livros numa prateleira que corre em direção a uma janela, livros à altura da cintura... (Não—diz ele que devo ter cuidado—cerca de um metro e cinco centímetros de altura.) Contar da esquerda para a direita, e retirar o quinto livro, e olhar na página 71 ou 17. A mensagem é de * * * para a sua Mãe, e toca na diferença da sua vida agora em relação ao que era antes. Uma parte trata de países estrangeiros, e uma parte do livro trata de círculos.»

(Feda fez aqui com que Mrs. Leonard descrevesse círculos no ar com o dedo.) «Sim—círculos. Menciona coisas circulares.»

Ocorreu-me neste ponto que, como não tínhamos tido sucesso em encontrar nada que se aproximasse das indicações dadas na casa da Mãe do rapaz, possivelmente poderia ser encontrado na nossa própria casa, em 34 Queen Anne's Gate, visto que lhe tinha sido dito que os dois rapazes estavam a trabalhar nisto juntos. Então fiz uma busca em casa, levando comigo, a seu pedido, as notas das indicações.

A biblioteca em 34 Queen Anne's Gate não é uma sala quadrada—é oblonga, mas com uma janela ligeiramente curva. Os livros estão nas prateleiras que correm entre a lareira em direção à janela. Retirei o quinto livro, contando da esquerda para a direita, de uma das divisórias mais próximas da janela. Era The Mysticism of Colour, de Finetta Bruce, publicado por Ryder, 164 Aldgate Street, Londres.

Procurei na página 17 e li:

«Os dois lados são tão dependentes um do outro para a sua existência como uma moeda o é do seu verso e anverso... O que pensaríamos do homem que imaginasse como irreais qualquer pessoa, lugar ou objeto que não pudesse realmente ver? ... Muitas vezes mostramo-nos ser crianças muito pequenas quando tratamos o Invisível como não existente, porque nesta fase da nossa evolução está oculto à nossa vista.»

Voltando às notas, vi que «uma parte do livro trata de países estrangeiros», e encontrei que um capítulo inicial do volume fala do México e do Egito, descrevendo os meios usados para transmitir mensagens à distância, e os métodos primitivos usados no antigo Egito para o mesmo fim.

Procurando agora os círculos, voltei à página 71, e descobri que a partir dessa página até à página 75 a escritora trata do arco ou linha curva do arco-íris, que, se completado, deve formar um círculo, e ocorrem as palavras:

«Embora apenas metade do todo seja vista por nós, a outra metade deve existir,» e desenhada na página está o diagrama de um círculo, e outro é mostrado na página seguinte.

Esta Mensagem com Livro foi obtida em novembro de 1917, e o meu marido estava presente na biblioteca quando a rastreei, seguindo as indicações dadas.

«Atesto que os factos como acima declarados estão corretos.»

Glenconner.

PARTE II

A SÉRIE DRAYTON THOMAS

«Saúda o Invisível com uma aclamação.»

CAPÍTULO IX

Teste com Livro XIX

Durante o inverno de 1917 e os primeiros meses da primavera, tínhamos recebido tantas mensagens e tanto consolo através das minhas sessões com Mrs. Leonard, que me ocorreu que deveria desistir por um tempo de ter quaisquer sessões e deixar o tempo para outros, mais recentemente enlutados. Nessa altura, se alguém esperava marcar uma consulta, não era antes de três meses ou mais que conseguia uma sessão marcada, tão assediada estava esta médium por clientes, tão vasto era o campo do seu trabalho. Eu tinha estado sentada durante três meses no

interesse da S.P.R., pois as nossas comunicações tinham sido de natureza tão probatória que o Comité, ao assumir os serviços de Mrs. Leonard, pedira-me para ser uma das clientes que ela podia receber.

Durante três meses, Mrs. Leonard foi a funcionária assalariada da Sociedade, que desejava investigar os seus notáveis poderes de mediunidade. Era-lhe permitido receber apenas as clientes que a Sociedade enviava, e estas eram, com poucas exceções, anónimas para ela. Um representante da Sociedade acompanhava invariavelmente estas clientes, para tomar notas. As minhas sessões foram durante os meses de janeiro, fevereiro e março; depois disso, desisti, pela razão acima dada. No entanto, durante os meses seguintes, enquanto eu estava fora no campo, Bim conseguiu fazer chegar várias Mensagens com Livro através de outra cliente, então desconhecida para nós.

Este era o Rev. Charles Drayton Thomas, de South Hill Lodge, Bromley, Kent, que estava a ter uma série de sessões com Mrs. Leonard, recebendo notável testemunho da verdade da continuidade para além da sepultura. Ele publicará os resultados em breve, diz-me, mas estes Testes com Livros particulares em que Bim participou, ele generosamente nos cede inteiramente para incluirmos na nossa coleção. Na nossa consideração são valiosos, vindo como vieram através de um desconhecido para nós, e embora em alguns destes testes tenha havido um ou dois pontos que não conseguimos rastrear, na direção principal ou mensagem central de cada um, aplicavam-se de forma mais convincente.

O primeiro desta série é interessante pelo facto de estar ligado a um sonho meu. Sei que ao contar isto corro o risco de perder a simpatia de muitos leitores. Para algumas pessoas, basta mencionar um interesse em sonhos para que rapidamente o avaliem como um lunático; um lunático moderado, possivelmente, mas ainda assim um lunático. No entanto,

terminarei a minha história, lembrando com toda a humildade que este caminho já foi percorrido antes.

Desde a infância, tenho a faculdade de sonhar com coerência. Sei o que Stevenson quer dizer quando escreve sobre os Brownies lhe darem temas para a sua pena. A maioria de nós, em graus variados, tem alguma perspetiva sobre outro mundo, e sonhar é uma janela tão boa como qualquer outra.

Tive uma série de sonhos em que Bim está comigo; ao acordar, lembro-me das suas palavras, e tenho um sentimento tão grande de felicidade e euforia no dia seguinte que acredito plenamente que estes sonhos são entrevistas.

Neste sonho em particular, no final de maio de 1918, ele falou das memórias da sua própria vida, um livro em que eu estava então empenhada. Era para mim uma tarefa difícil, um trabalho de amor mais penetrante do que alguém pode compreender: todos os dias era a espada a virar-se na ferida. No entanto, tinha de ser feito, porque o tesouro não deve ser escondido. Uma coisa que a tristeza me mostrou é que tudo o que tenho de bom neste aspeto deve ser partilhado.

Bem, neste sonho, Bim e eu conversámos. Ele pegou nas provas na mão, e eu disse-lhe o quão difícil achava, como me esforçava para escrever, e como me sentia desajeitada e impotente. Escrevê-lo era como trazê-lo à luz novamente, uma parturição moral. O parto é indolor, eu disse, comparado com escrever memórias de alguém que se ama.

Ele disse: «Mas não tens ideia do quanto me ajuda estar contigo. Só há uma coisa! Estás a elogiar-me demais.»

Respondi-lhe: «Sim, isso ocorreu-me, e tenho-me perguntado se sou capaz de fazer um retrato verdadeiro. No entanto, digo a mim mesma, ninguém me pediria para me sentar e contar os teus

defeitos. Devo escrever como te conheço e desenhar-te como és visto por mim.»

Vi a felicidade no seu rosto; mas ele disse novamente, em tom de repreensão: «No entanto, estás a dar-me demasiado elogio; é tudo elogio a mim!»

E eu respondi no meu sonho:

«Mas olha para o texto que tomei como lema para o livro:

"Há aqueles que deixaram um nome atrás de si

Para que os seus louvores fossem relatados!"

E no meu sonho abracei-o, dizendo:

"Este livro é para relatar o teu louvor."»

Então acordei.

Agora, para tornar clara a aplicação da mensagem seguinte, devo aqui registar que este texto que tomei para o lema das Memórias é do Eclesiástico, Capítulo xliv.

A 2 de julho recebi uma carta de Mr. Drayton Thomas. Ele era então desconhecido para mim. Escreveu que estava a ter uma série de sessões com Mrs. Leonard, e que a sua desculpa para se apresentar devia ser o facto de ter sido duas vezes solicitado por alguém que se dizia ser meu filho para me escrever e enviar uma mensagem. Esta mensagem, fora-lhe dito, estaria num Teste com Livro, e as indicações para o encontrar foram ditadas. O volume seria encontrado entre os seus próprios livros, na sua biblioteca, e, finalmente, com muitas mensagens de amor, fora-lhe dito: «Dize-lhe que compreenderá a referência.»

«Procurei o teste,» continuava a carta. «Escusado será dizer que a referência não tem aplicação a mim mesmo. Espero que

significique algo para si. Posso pedir-lhe que me escreva e diga se encontra alguma aplicação nela?»

Mr. Drayton Thomas tinha procurado entre os seus livros seguindo as indicações dadas, e na página indicada, no volume especificado, encontrou um tratado sobre o Eclesiástico, mencionando o capítulo quarenta e quatro.

CAPÍTULO X

Para além da aplicação central, o Teste com Livro anterior tem outros aspetos interessantes. O capítulo de onde o texto foi retirado (Capítulo xliv.) era bem conhecido de Bim desde os versos iniciais:

«Louvemos agora os homens famosos

E os nossos Pais que nos geraram,»

até ao fim. Lembro-me de uma conversa com ele sobre isso, em que ele disse: «Coloco isto no topo da prosa inglesa.» Ele tinha, além disso, a sua própria aplicação humorística do versículo 6, e dizia que pertencia particularmente ao seu Pai. Recordo uma ocasião em que a família estava prestes a sair para a Igreja num domingo. Pediram a Bim que fosse ver se o seu Pai estava pronto, e ele voltou dizendo: «Ele não tem intenção de ir à Igreja hoje. Está sentado na sua biblioteca, mobilado com habilidade, vivendo pacificamente na sua habitação.»

Durante esta primavera de 1918, quando não estávamos a ter sessões com Mrs. Leonard, lembro-me de ter dito: «Ele nos dará uma mensagem de alguma forma.» E à medida que o seu aniversário se aproximava, falávamos frequentemente dele, e sentia-me confiante de que ele nos daria algum sinal da sua

presença; por isso, quando tive o sonho de que escrevi, senti que era suficiente e fiquei contente. Mas agora ouçam isto:

Mr. Drayton Thomas diz-nos que foi duas vezes solicitado nas suas sessões com Mrs. Leonard para nos escrever, e que só o facto de ser um estranho o tinha impedido de o fazer. Ele enviou a carta quando o pedido foi repetido com insistência. Recebemo-la no dia seguinte ao aniversário de Bim—2 de julho.

Ora, para além da mensagem, será fantasioso ver uma alusão no versículo inicial a um dia de nascimento?

CAPÍTULO XI

Teste com Livro XX

Volto agora às cartas de Mr. Drayton Thomas, caso o meu leitor as deseje em corroboração dos factos.

Ele escreveu o seguinte:

South Hill Lodge,

Bromley, Kent.

Cara Lady Glenconner,

Como está familiarizada com Mrs. Leonard e a natureza das suas sessões, posso dispensar explicações que de outra forma seriam necessárias. Feda expressou o desejo de que eu verificasse, remetendo-me a si, as indicações dadas pelo Teste com Livro.

Caso não possua o volume, terei prazer em deixar uma cópia em sua casa. É o Vol. II. da Encyclopedia Biblica, editada pelos Profs. Cheyne e Black, publicada por Black & Adam em 1901. A página indicada por Feda para o teste parece ser a 1177, e trata do Eclesiástico.

Das quatro referências adicionais

a este livro, três foram precisas. Ficaria

muito interessado se puder arranjar tempo para me dar a sua opinião. Feda dá o número 21, e encontrará a matéria do livro dada sob parágrafos numerados.

Muito sinceramente seu,

C. Drayton Thomas.

Respondi; e Mr. Drayton Thomas escreveu o seguinte:

«... Estou profundamente interessado na sua carta na sequência da minha pergunta, e aqui está o volume em questão. Feda diz: 'Todo o livro tem algo a ver com eles, está ligado a eles de alguma forma,' por isso vou deixar o volume em sua casa hoje, após a Palestra, para que possa inspecionar as passagens à vontade.

«Muito sinceramente seu,

«C. Drayton Thomas.»

Ele deixou o volume, como prometeu, na mesa do hall em 34 Queen Anne's Gate, na noite de 4 de julho. A Palestra que tinha ocorrido nessa data específica era um trabalho sobre «Simbolismo» que eu tinha estado a preparar algumas semanas antes. Isto eu tinha lido em voz alta a uma audiência na galeria de pinturas do 34, e quando o último dos presentes tinha saído da casa, desci à biblioteca.

Ao passar pelo hall, vi o livro de que Mr. Drayton Thomas tinha escrito. Ansiosamente, levei-o comigo para folhear as passagens eu mesma, para ver se alguma alusão adicional se tornava aparente. Não tinha nenhum número de página para me guiar, pois as palavras de Feda tinham sido mais vagas do que o habitual neste aspeto, por isso abri o volume ao acaso, olhando para as primeiras páginas do livro, e aí encontrei uma lista de palavras em que não menos de oito dos símbolos estavam enumerados, que figuram no trabalho que eu acabara de ler a uma audiência na Galeria: Águia, Páscoa, Este, Oeste, Norte, Sul, Morte e Interpretação.

Sentimos que neste teste Bim não poderia ter dado evidências mais convincentes de estar ciente das nossas atividades e ocupações. Estes Testes com Livros particulares foram dados a Mr. Drayton Thomas em 30 de maio, sincronizando exatamente com a altura em que eu estava a ler um livro sobre Simbolismo e a fazer trabalho de pesquisa nesta linha de pensamento; um facto de que ele e Mrs. Leonard estavam ignorantes.

CAPÍTULO XII

Teste com Livro XXI

Este é um extrato da carta de Mr. Drayton Thomas, escrita em 24 de agosto de 1918, e recebida por mim em Glen, em Peeblesshire, Escócia.

Bromley, Kent.

«Fiquei agradavelmente surpreendido ao receber a mensagem anexa para si na minha sessão de ontem. Escusado será dizer que não sei nada dos factos aqui declarados, e ficarei contente em saber se se revela inteligível para si.

«Atentamente,

«C. Drayton Thomas.»

(De uma sessão do Rev. C. Drayton Thomas realizada com Mrs. Leonard em 23 de agosto, em Datchet.)

Feda. «Bim ficou contente com a mensagem que fez passar em julho—era perto de um aniversário, e o teste referia-se também a estudos em que eles tinham estado recentemente empenhados. Ajudou muito o seu Pai, e ele está muito contente com isso. Agora aqui está outra para eles, desta vez na Escócia. O quarto fica no que se pode apenas chamar de rés-do-chão, e fica à direita, e não é bem quadrado.»

(Isto é interessante, pois não há salas de estar em Glen estritamente no rés-do-chão, todos os quartos ficam num piso nove degraus acima do hall de entrada, os quartos dos criados ficando dez degraus abaixo, no lado norte, para uma cave.)

Feda continua:

«Ao entrar no quarto, os livros estão na parede à direita, a uma altura de cerca de um metro a um metro e cinco centímetros do chão.

«Dize-lhes para pegarem no quarto volume a partir da esquerda e abrirem na página 74. Há uma passagem aí que Bim escolhe para enviar como mensagem dele.»

Seguindo estas indicações, entrando no quarto pela sala de estar, 1 (pois há duas portas) o volume selecionado revelou ser Walton's Lives, e a página 74 continha a seguinte passagem, referindo-se à vida do Doutor Donne:

«Aquilo de que tive conhecimento a seguir é que ele costumava ir uma vez por ano, senão mais vezes, à amada Octon (a sua casa), onde dizia que encontrava tanto a cura para todos os cuidados, pela companhia que ele chamava de ‘o mobiliário vivo do lugar’, como um restaurador pela naturalidade do que ele

chamava o seu ar natal. ... No verão antes da sua morte, trocou por uma viagem ao Winchester College, para a qual escola tinha sido enviado, 1 e ‘Encontro agora,’ escreveu, ‘que ao estar agora nesse mesmo lugar onde estive sentado quando era rapaz, fui (sou?) levado a lembrar-me daqueles mesmos pensamentos da minha juventude que me possuíam...’»

A passagem continua:

“Quando a sua melhor parte, aquela parte que não pode morrer, se despiu da mortalidade, com tanto contentamento e alegria quanto a fragilidade humana é capaz, o círculo da sua vida foi completado; ele, morrendo de uma maneira digna do seu nome e família, digna da confiança que lhe foi confiada, para serviço do seu Príncipe e da sua Pátria.»

1 Este quarto foi consideravelmente alterado desde então. Quando o Teste com Livro foi dado, havia apenas um armário envidraçado com livros, à direita ao entrar pela sala de estar. Quando a sua melhor parte, aquela parte que não pode que, contendo livros valiosos, estava sempre fechado à chave. Estes eram os únicos volumes na sala, exceto uma pequena estante no chão que continha alguns velhos livros de lições em desuso. Há agora outros dois grandes armários envidraçados embutidos na parede, pelo que as indicações dadas no Teste com Livro já não se aplicam.

1 Edward Wyndham Tennant andou na escola em Winchester.

É aqui que devo chamar a atenção para uma luz clara que só seria observável pela família de Bim. Está na frase, «o mobiliário vivo do lugar». Este era um dos termos de Bim, «mobiliário»; e ele usava-o para as pessoas; era uma das suas palavras.

Uma olhada no papel com as instruções enviadas por Mr. Drayton Thomas mostrou-nos que um ponto de contacto adicional ainda estava para ser encontrado:

«Bim diz, agora no início deste livro, na primeira página, há uma mensagem para a sua Mãe.»

Todo este tempo eu tinha estado empenhada na preparação das Memórias do meu filho (que foram publicadas entretanto na Bodley Head); e penso que era a isto que ele se referia, e à constante comunicação que mantive com ele desde que morreu. Pelo menos para nós, a aplicação pareceu imediata quando olhámos para a primeira página e lemos:

«Era um trabalho digno de ser empreendido, pois entre os dois havia um conhecimento tão mútuo e uma tal amizade, contraída na sua juventude, que nada senão a Morte poderia forçar uma separação; e embora os seus corpos estivessem divididos, as suas afeições não estavam, pois o Amor seguiu a fama dos amigos para além da Morte, e da sepultura esquecida.»

«Ouvi os Divinos dizerem,» continua a passagem, «que aquelas virtudes que eram apenas faíscas na Terra, se tornaram grandes e gloriosas chamas no Céu.»

CAPÍTULO XIII

Teste com Livro XXII

Enquanto estávamos em Glen nesse outono, Bim enviou uma mensagem para os seus irmãos, novamente através da gentil mediação de Mr. Drayton Thomas.

«Primeiro,» disse Feda, «ele quer assegurar-lhes que se interessa por tudo o que fazem, que sabe tudo sobre os seus movimentos, que pode estar com eles em tudo o que estão a fazer.

Quer que procurem esta mensagem na mesma sala, na mesma prateleira onde a outra mensagem foi encontrada, apenas na extremidade direita da prateleira. O último livro da fila, página 8.»

Procurámos conforme indicado, e o último livro da fila, o que toca na parede, era Ardours and Endurances, de Nichols. 1 Na página 8 há um poema intitulado «Farewell to Place of Comfort», no qual, escolhendo aqueles que pareciam aplicáveis, ocorrem os seguintes versos:

1 Chatto and Windus, MCMXVII, Londres.

«Não dirão que parti com o coração pesado;

Amo-os a todos, mas agora devo partir

Como quem vai tentar um Mistério. . . .

«E agora as lágrimas não são minhas; tenho libertação

De toda a dor anterior e posterior;

Como o meio do mar, embalo-me em paz sem limites

Acalentado pela caridade da chuva do mar profundo....»

e depois seguem-se algumas linhas que retratam vividamente a paisagem imediata de «a sua casa, a amada Octon», Glen, em Peeblesshire:

«Oh pinheiros bronzeados, tardes de ouro e azul,

Suave declive melado, lagos crepusculares com suas bordas abaixo,

Árvores silenciosas, vale tranquilo a dissolver-se no orvalho...»

«Fomos felizes. ...

Feliz agora, vou-me.»

CAPÍTULO XIV

No final da sessão de onde foram derivadas estas belas mensagens, Mr. Drayton Thomas perguntou se Bim estava presente, dando-as ele próprio?

Feda respondeu: «Ele não está aqui agora; esteve aqui enquanto eu lhe dava as suas indicações, e enviou os seus melhores agradecimentos por ter aceitado as suas mensagens. Ele está particularmente contente, porque estes Testes com Livros ajudaram especialmente o seu Pai.»

Neste ponto, darei o endosso da testemunha, que retive desde o final do capítulo anterior.

«Atesto a verdade da narração anterior; estive presente na procura dos livros. O seu lugar na prateleira, e os números nas páginas em que as mensagens foram encontradas, estão de acordo com as indicações dadas.»

(Assinado) Glenconner.

CAPÍTULO XV

Durante os meses de inverno do ano de 1918, eu estava

«Ainda a alimentar a esperança invencível,

Ainda a agarrar a sombra inviolável,»

investigando ao longo de outras linhas de atividade espiritualista, e obtendo testemunhos tão notáveis nestas direções como os que recebi nos Testes com Livros anteriores. Isto, no entanto, encheria um volume por si só, e não o vou incluir aqui, por mais tentada que esteja a fazê-lo pelo interesse de mostrar como, também nesta direção, as entrevistas-em-sonho se cumpriram.

Um dia, a natureza completa do sono será reconhecida, e descobrir-se-á que não é apenas uma provisão da natureza destinada a descansar o corpo, mas principalmente uma via de escape para a alma. Todos os mortais bebem desta fonte límpida e são revigorados por ela, mas apenas alguns se lembram ao acordar. E qual é a natureza do gole? Uma compreensão da razão do sofrimento, a compreensão da Lei Divina, e o reencontro com aqueles a quem chamamos os Mortos. Consolação.

Esta é a razão pela qual não há separação para os ressuscitados. Aqueles que morreram não estão separados de nós como nós estamos deles. Não há luto no Paraíso, e isto porque o sono é uma condição psíquica, e eles podem alcançar-nos então; mas não nos treinámos para trazer de volta a memória.

Há muitos exemplos, entre os poetas e os santos, de inspiração obtida durante as horas silenciosas do sono.

Um dos hinos mais belos escritos por Cowper foi obtido desta forma. Ele escreve numa das suas cartas incomparáveis:

«Comecei a compor versos ontem de manhã antes do amanhecer, mas adormeci no final dos dois primeiros versos. Quando acordei novamente, o terceiro e o quarto foram sussurrados ao meu coração de uma maneira que tenho frequentemente experimentado.»

E Vaughan escreve:

«E como os anjos em alguns sonhos mais brilhantes

Falam à alma do homem enquanto ele dorme,

Assim alguns pensamentos estranhos transcendem os nossos temas habituais

E espreitam para a glória.»

Se este pensamento for seguido, ver-se-á que, com o sabor particular da personalidade, o caráter do intercâmbio espiritual estará de acordo. Cowper, uma alma gentil e sofredora, tão irrepreensível como uma flor e aspirando continuamente ao sublime, receberá nestas horas o benefício que advém da expressão de uma contrição pungente, com toda a sua alegria renovadora e sustentadora.

Vaughan «comunga com os anjos», recebendo aqueles pensamentos estranhos que tanto «transcendem os seus temas habituais» que o levam a exclamar:

«Ó Pai da Vida Eterna e de todas

As glórias criadas sob Ti,

Retoma o Teu Espírito deste mundo de servidão

Para a verdadeira liberdade.»

E Coleridge construiu cúpulas de prazer majestosas e ouviu dulcimeres, e bebeu o leite do Paraíso.

Assim, cada um vai para o seu próprio lugar no sono, como na morte, pois um é apenas a semelhança do outro, fornecendo identicamente, libertação.

Sono e Morte, os Irmãos Gémeos, levaram a forma do divino Sarpédon.

«Gostaria,» disse o meu Tio Toby, «gostaria de estar a dormir.» Foi o seu único e suficiente comentário ao ouvir a história dilacerante de Lefevre. A exclamação de alguém que procura escapar à dor. Uma saída.

E esta porta abre-se todas as noites, para os cansados e os tristes. Talvez as palavras na Bíblia devessem ser lidas:

«Deus dá aos Seus amados no sono.»

«Os Seus amados» sendo a alma do homem. 1

Após a primeira semana em que soube da minha perda em 1916, vi Bim três vezes, uma vez com os meus olhos despertos—com a lama do campo de batalha ainda no seu uniforme—mas disso não escreverei—e depois disso uma série de sonhos levou-me até ele. Era como se estivesse ausente com ele, e invariavelmente feliz. Estes sonhos deixavam uma impressão duradoura ao acordar, mais do que uma recordação de palavras. Caminhava com ele, segurava-lhe o braço, ele inclinava-se para mim falando animadamente à sua maneira; ou estaríamos sentados juntos numa atmosfera de infinito contentamento e lazer.

1 «Levanta-te, meu amor, minha bela, e vem comigo.» Não é o Salvador a falar a uma Igreja (terá Ele outro templo senão o

coração humano?), nem é claramente uma canção de amor oriental. É a voz de Cristo a falar à alma do Homem.

Tão grande era a sensação de consolo após um destes sonhos, que o facto de ele ter morrido parecia, ao acordar, quase negligenciável; durante horas depois, eu estava envolvida numa sensação sustentadora de alegria.

Mas estes sonhos são novamente diferentes em natureza dos sonhos-história. Algum dia terei de os recolher todos.

Pouco antes do Natal do ano de 1917, Bim disse-me através de Feda que iria ter alguma ajuda de uma maneira que ela não podia explicar. «Algum acontecimento agradável.» Acrescentou: «seria em Glen.»

Na noite de 27 de dezembro, tive um sonho esclarecedor e interessante, e no meu regresso a Londres em janeiro, Bim fez-lhe, através de Feda, uma alusão reconhecível.

CAPÍTULO XV

Teste com Livro XXIII

Depois de alguns meses de inverno em Londres, estávamos novamente em Wilsford em maio de 1919; mas antes de deixar Londres, tive uma sessão com Mrs. Leonard, num ponto da qual Bim falou particularmente das Memórias da sua vida em que eu estava então empenhada, mostrando um conhecimento claro da fase que eu tinha atingido no meu trabalho. Um ponto pareceu-me especialmente característico. Citarei das minhas notas tomadas na altura da sessão, 28 de fevereiro.

Feda disse: «Há algo que ele gostaria de dizer sobre outro homem; ele está um pouco perplexo com isso. De alguma forma, dá-me a impressão de dois homens. Não sei o que eles têm a ver

com isso—mas é como se cada um pudesse ter a ver com isso, e se você o tivesse dado àquele que ele não conhecia? Porque havia um homem que ele conhecia, diz ele, de alguma forma, e ele pensou que você o teria dado a ele. Alguém que era tão amigável; pelo menos Bim diz que se sentia amigável em relação a ele, embora—coisa engraçada—nunca o tivesse visto, diz ele. Ainda assim, continua a dizer que pensava que você lhe teria dado o livro.»

Agora, para compreender isto, devo explicar que Mr. Blackwell, de Oxford, tinha publicado o livro de versos de Bim, Worple Flit, e uma série de cartas tinha passado entre os dois sobre este pequeno volume; cartas de natureza invulgar para tal relação. Como tudo o que Bim empreendia, são vívidas, cordiais, pessoais e completamente afastadas da poeirenta linha dos negócios, primeiro por causa do coração caloroso de Bim, e segundo por causa do intenso prazer e gozo que ele obtinha da preparação deste pequeno livro.

(Ele reviu as provas na véspera da Batalha do Somme, e uma das suas cartas fala de ter lido alguns dos seus poemas aos seus amigos entre os oficiais do Batalhão, e do prazer que recebeu por causa da sua aprovação.) Escreveu sobre o interesse que Mr. Blackwell estava a demonstrar nos seus poemas, e constantemente, como as cartas que tenho comigo mostram, ele pedia a sua opinião em assuntos relacionados com a produção do livro.

Ora, sabendo tudo isto, parece-me inteiramente adequado e característico que Bim se surpreendesse por o manuscrito das Memórias ter sido dado a Mr. John Lane para publicação.

Este é um exemplo muito bom do proveito e conveniência que se deriva da comunicação espiritual, para além da fonte

curativa de consolação que pode ser. Pequenas coisas podem ser corrigidas, pequenas perplexidades removidas, e o dar e receber trivial, e a ondulação e fluxo na corrente familiar da vida doméstica, podem ser mantidos e continuados.

Eu disse a Feda em resposta: «Compreendo; diz-lhe que teria oferecido o livro ao seu amigo—Mr. Blackwell—mas vendo o poema Green Gardens in Laventie no The Times, Mr. John Lane tinha-me escrito, perguntando, no caso de eu escrever alguma biografia, se lha daria; e sentindo que este pedido era uma homenagem a Bim, concordei.»

Feda. «Está bem. Ele está satisfeito; sabia que havia alguma boa razão, diz ele, só queria saber tudo sobre isso; agora vai dar-lhe um Teste com Livro, diz ele, depois de ter falado consigo sobre isso. Gosta da capa, está satisfeito com isso e com a encadernação. O título estava errado no início, estava fora do sítio, e tudo esmagado; diz que não devo dizer isso, mas as letras eram demasiado grandes, mal arranjadas.»

(Isto era verdade. Quando a amostra da capa nos foi submetida, as letras do nome estavam esmagadas, devido a demasiado ter sido colocado numa linha. O seu irmão Christopher reescreveu as palavras do título para mim, colocando o nome numa linha, e o nome do regimento na linha abaixo, libertando assim o estilo e aliviando a aparência apertada.)

Feda continuou: «Ele está tão contente com a dedicatória! As últimas palavras disto são o que ele gosta. Gosta muito disso, diz ele, mas porque é que o mudou no final? Isso deixou-o tão feliz.»

As palavras da dedicatória são as seguintes:

«Encorajada pelo pensamento do espírito de Boa Camaradagem de Bim, e recordando que o seu primeiro pensamento é sempre o de partilhar o que é seu, dedico este livro

a todas as Mães que sofreram a mesma perda. Elas perdoarão a sua imperfeição, e tudo o que eu achei bom para contar do meu filho aqui, sentirão ser verdadeiro dos seus. Que a Luz do Consolo brilhe sobre elas.»

Agora repare neste ponto. Quando escrevi a dedicatória pela primeira vez, a última frase era «Que a Luz do Consolo brilhe sobre elas, como tem brilhado sobre mim.»

Posteriormente, risquei as palavras «como tem brilhado sobre mim», com o fundamento de ser sempre fraco e geralmente irrelevante mencionar-se a si próprio em conversa ou por escrito. Pela Luz do Consolo, queria dizer Espiritualismo, e o meu desejo era que outros fossem consolados tanto quanto eu o tinha sido, mas, no entanto, risquei as últimas cinco palavras.

Agora aqui tem Bim a dizer:

«Porque é que o mudou no final? Isso deixou-o tão feliz.»

Sim—porque nessas cinco palavras Bim lia uma confissão aberta de que tínhamos sido consolados, e quão grandemente através do seu próprio amor infalível, ele sabe.

Citarei novamente o meu registo:

«Algo na página 5 agrada-lhe particularmente, diz ele. Uma gargalhada entre você e ele. Bem, pode tomá-lo como um todo, mas há um pedaço especial na página 5, diz ele, para você olhar e recordar.»

Eu disse neste ponto: «Mas as provas estão na editora agora, e o que figurava como página 5 quando as tive para corrigir pela última vez já não será assim marcado, devido às interpolações que alteram a paginação.»

«É por isso que ele lhe dá particularmente este Teste com Livro, porque não o pode verificar até receber as provas novamente. Quando voltarem, veja a página 5.»

As notas de uma sessão são sempre lidas em voz alta à família no meu regresso, e os dias de espera passaram bastante devagar para todos, tão ansiosos estávamos por ver a referência.

Quando as provas voltaram, encontrei nessa página uma descrição de uma festa noturna que Bim tinha dado. (Eu própria o tinha ouvido, nessa ocasião, ao telefone no Cavendish Hotel, Jermyn Street, não só a convidar, mas a implorar a convidados ausentes que viessem.

«Vá lá! Todos os que eu gosto estão aqui! Tens de vir!»

«Não importa—levanta-te e veste-te outra vez, e vem—vai!»

«Esplêndido... está bem...»

Ele levantou-se do telefone e disse-me: «Ela disse que já se tinha deitado, mas vai levantar-se outra vez.»

Rimo-nos juntos.

Eu disse: «Que tributo ao teu sucesso como anfitrião! deixar a cama para ir a um Baile...» e o seu rosto feliz respondeu-me, enquanto ele seguia novamente o seu caminho entre a multidão.) 1

Quando as provas voltaram, olhei para a página 5 e li o seguinte:

«Estas reuniões sociais eram organizadas com uma precipitação característica, por vezes devido à exigência do tempo, os convites sendo feitos por telefone, enquanto os convidados já convidados entravam em fluxo pela porta. ... Há casos conhecidos de pessoas que se levantaram das camas para

onde já se tinham recolhido, se vestiram de novo e se apressaram com prazer, embora atrasadas, para a cena festiva.»

1 Edward Wyndham Tennant, 4th Gren. Guards. Por Pamela Glenconner. Publicado por John Lane.

«E,» acrescenta um destes, «ele era o melhor e mais querido dos companheiros!»

Podemos testemunhar a verificação do Teste com Livro como descrito acima.

(Assinado) D. F. T.,

Glenconner.

CAPÍTULO XVII

Teste com Livro XXIV

Na primavera do ano de 1919, estávamos mais uma vez estabelecidos em Wilsford, e em 31 de maio recebi o seguinte do Rev. Drayton Thomas:

South Hill Lodge,

Bromley, Kent.

31 de maio.

Cara Lady Glenconner,

Tenho novamente o prazer de lhe enviar uma mensagem recebida ontem.

Creio que estes Testes com Livros irão longe para desacreditar a hipótese da telepatia como uma explicação suficiente da mediunidade em transe.

Espero que este se prove exato em muitos pontos, senão em todos.

Se for bem-sucedido, e de natureza não demasiado privada, ficaria muito contente em ter o seu relato das descobertas.

Muito sinceramente seu,

C. Drayton Thomas.

Este foi um Teste com Livro com seis pontos de contacto, quatro dos quais rastreámos.

Citarei as indicações.

(1) «Este teste é da mesma sala em Wilsford que antes; olhe para a direita ao entrar pela porta. Terceira prateleira acima, pegue no quarto livro da esquerda, página 33, e leia um pouco mais de meio caminho acima da página, e encontrará 'Como os pensamentos da minha Mãe aparecem agora, para mim'.»

Seguindo estas indicações, encontrámos o livro, e a passagem que parecia aplicável dizia o seguinte:

«Nem Thayer nem qualquer outro escritor atribui importância suficiente à reflexão. ... Por esta razão, trato da reflexão com considerável extensão.»

Ora, parece-me haver dois tipos de Testes com Livros; por vezes, a característica é uma atmosfera de alusão, uma tendência geral de significado, na substância de uma determinada página ou em todo o livro, em vez de qualquer ponto ou ditado reconhecido. O acima parece-me um Teste com Livro desta natureza, visto que todo o capítulo trata da descrição da vida vivida num elemento, e

de como aparece aos habitantes de outro; mostra como as condições do seu ambiente podem tornar a vida, por exemplo na água, praticamente invisível. 1 Nesse caso, a intenção geral da mensagem parece suficientemente evidente.

(2) «Dentro de um palmo deste livro está um cujo título expressa algo ligado a David, e com o que Bim o estava a ajudar, há pouco tempo...»

O livro que foi prontamente encontrado em conexão com estas indicações estava a um palmo do livro primeiro nomeado; intitula-se Caravanning and Camping Out: Experiences in the Open Air, de Herbert Stone, publicado por Herbert Jennings. David é um devoto do caravanismo, e a sua cama fica no jardim durante todo o verão.

As indicações continuam:

(3) «Ao ficar de frente para estes livros, notará uma pequena figura branca.»

Assim é. No painel de carvalho à direita destes livros está pendurada uma fotografia de uma criança de quatro anos, vestida de branco.

1 Marvels of Fish Life, de Francis Ward. Publicado por Cassell & Co. 1912.

As indicações continuam:

(4) «Bim diz, na secretária desta sala, em cima dela, está algo ligado a ele.»

Na secretária desta sala está uma grande fotografia emoldurada tirada dele em 1915, mas colocada lá dezoito meses depois.

A fotografia da criança de branco foi pendurada aqui alguns meses antes deste Teste com Livro ser dado, e mais de dezoito meses após a visita de Mrs. Leonard.

Durante esta primavera, recebemos outros Testes com Livros através de Mr. Drayton Thomas, 1 mas encerrarei a série agora, não porque diminuam em excelência, mas porque estou ansiosa por evitar os longos e detalhados relatórios que caracterizam a maioria dos livros de interesse psicológico.

Acredito que a luz da comunicação espiritual arde tão fracamente em grande parte devido à massa de detritos que os seus devotos amontoam sobre a sua chama esguia. Ela chega até nós já demasiado obstruída pelas superfluidades e analfabetismos do controlo, e é ainda mais confundida pela identidade apenas parcialmente varrida do médium.

1 De Shelley, Browning e Burns.

Quão pouco, então, precisamos do toque final e geralmente destrutivo do seu expositor, que, com demasiada frequência, da sua chama vital deixa apenas

«Um punhado de cinzas cinzentas, há muito, muito tempo em repouso.»

Por isso, evitarei sobrecarregar este livro com uma massa de material, dando apenas mais duas mensagens que recebemos nesse verão, através do mesmo canal e da mesma fonte, embora cronologicamente devessem ter tido lugar anterior.

CAPÍTULO XVIII

Teste com Livro XXV

South Hill Lodge,

Bromley, Kent.

6 de maio de 1919.

Cara Lady Glenconner,

O anexo fala por si. Ficarei muito interessado em saber quantos dos seis itens são bem-sucedidos.

Muito sinceramente seu,

C. Drayton Thomas.

Das notas de uma sessão com Mrs. Leonard, em 2 de maio de 1919.

Feda. (1) «Ora, o teste de Bim está no escritório em Wilsford. É à direita ao entrar. A prateleira está a cerca de noventa centímetros de altura, e o livro é o terceiro a partir da esquerda. Veja na página 29. Tem um resumo de acontecimentos em que Bim estava interessado.

(2) «Dentro de um palmo do acima está um livro cujo título sugere ‘desmoronar-se’.

(3) «Uma fotografia nova está perto destes livros. Não estava lá anteriormente.

(4) «Um móvel importante na sala foi recentemente movido para o lado oposto.

(5) «A vista da janela é diferente do que costumava ser. A vista é diferente. Feda está perplexa sobre como uma vista pode ser diferente, mas ele diz: ‘Algo mudou, e faz com que a vista pareça diferente, mas diz que só as pessoas que vivem na casa saberão disso.’»

Um ponto de contacto neste teste não pudemos verificar. Tomarei os itens agora separadamente, começando pelo último.

(5) «A vista da janela mudou de alguma forma; é diferente do que costumava ser.»

Isto é verdade. Uma grande amoreira que está no relvado perdeu três dos seus ramos recentemente. O primeiro caiu no verão de 1918, e outro caiu no verão seguinte. Uma grande porção de madeira morta foi então cortada da árvore, para aliviar a sua constituição e preservar o que ainda estava vivo. Isto não impediu, no entanto, que mais um ramo caísse, com o resultado de que, quando este Teste com Livro foi dado, uma grande abertura na árvore tinha sido efetuada, revelando os prados alagadiços à direita para além do rio, e causando uma mudança acentuada na vista. A excelência deste ponto no teste é evidente, se notar a atenção chamada para o facto de que apenas «as pessoas na casa saberão disso»; e assim é, pois a amoreira ainda está de pé; apenas aqueles que se recordam dela como era anteriormente verão a diferença.

(4) «Um móvel importante na sala foi movido para o lado oposto.»

Na semana anterior a este Teste com Livro ser recebido, o piano de cauda tinha sido deslocado para o sentido contrário àquele em que estivera durante anos, o teclado virado para a direção oposta; mas há aqui uma discrepância, pois Feda disse «Um móvel importante na sala foi movido», implicando na mesma sala em que o Teste com Livro devia ser procurado. O piano, no entanto, estava noutra sala.

(3) «Uma fotografia nova está perto destes livros; não estava lá anteriormente.»

Isto está correto.

(2) «Dentro de um palmo está um livro cujo título sugere ‘desmoronar-se’!»

Isto revelou ser uma alusão à Queda do Homem, na grande cópia de Paradise Lost; na página oposta a 201 está a ilustração de Blake da «Queda de Lúcifer»: ele é mostrado, com todos os seus anjos, a cair de cabeça.

(1) «Terceiro livro contando da esquerda no escritório de Wilsford, página 29. Um resumo de acontecimentos em que Bim estava interessado!»

O livro revelou ser o Volume III. das Poetical Works de Shelley, editado por Shepherd, e publicado por Chatto, Windus & Co. em 1888; uma edição em papel grande limitada a cem exemplares. Na página 29 lemos The Triumph of Life.

Nessa página, e até à conclusão do poema, encontrei os versos que se seguem.

Devo deixar claro que nesta passagem, de acordo com o nosso costume, apenas os versos aplicáveis são tomados. Aqueles

descartados são representados por linhas pontilhadas, o que, por um lado, respeita a métrica do poema e, ao mesmo tempo, mostra abertamente que tomamos apenas os versos que parecem ser os pretendidos. Isto parece-nos legítimo, mas neste caso particular algo para além da mutilação e seleção ocorreu. Não é notável, seguindo este plano de eliminação, que uma passagem tão bela e tão completa como a que aqui se apresenta surja como resultado do Teste?

Certamente não é como Shelley a escreveu; mas não parece ter adquirido uma intenção própria?

Teste com Livro XXVI

De THE TRIUMPH OF LIFE

«; assim sobre a minha vista

Irrompeu uma nova visão, nunca antes vista;

E a forma bela definhou na luz que vinha.

Como véu por véu o esplendor silencioso cai

De Lúcifer, entre a crisólita

Do Nascer do Sol, antes que tinga os topos das montanhas.

E como a presença daquele mais belo planeta,

Embora invisível, é sentida por quem espera

Que o seu caminho do dia termine como o começou

No sorriso daquela estrela, cuja luz é como o perfume

De uma junquilha quando as brisas da tarde a acariciam,

Assim soube eu, no severo excesso daquela Luz,

A presença daquela forma que sobre a corrente

Se movia, enquanto eu me movia ao longo do ermo
Mais vagamente do que um sonho que aparece de dia;
Uma luz do céu,
A nova Visão,
e o carro frio e brilhante
Com solene velocidade e música atordoante cruzou
A floresta, ... de alguma guerra terrível
Triunfantemente regressando

Eis uma maravilha digna da rima
Daquele que dos mais profundos abismos do inferno,
Através de cada Paraíso, e através de toda a glória
O Amor guiou sereno, e que regressou para contar
A história maravilhosa,
Como todas as coisas são transfiguradas exceto o Amor!»

CAPÍTULO XIX

Teste com Livro XXVII

Tivemos tantas mensagens enviadas desta forma através de Testes com Livros, que até fui descuidada em mantê-las com as suas indicações juntas, pelo que algumas estão neste momento indisponíveis; mas há uma delas que gostaria de incluir aqui, em reconhecimento do prazer que trouxe consigo, embora não possa dar os pormenores, pois não tenho as notas comigo.

Trouxe prova de quão de perto aqueles que nos amam do Outro Lado nos conseguem seguir, e quão seguramente estão

cientes dos nossos pensamentos e atividades. Para tornar claro este significado, devo dizer que o livro em que eu tinha estado a trabalhar estava finalmente perto da conclusão. Tinha corrigido as provas finais e devolvido ao impressor, dizendo a mim mesma: «Finalmente—isso está feito.» Com os pensamentos e o coração mais leves, estava em paz.

Nessa semana, recebi um Teste com Livro através de Mr. Drayton Thomas, e a passagem nos poemas de Shelley para a qual as indicações me levaram diz o seguinte:

«O trabalho que te roubou tantas horas

Acabou, e o fruto está aos teus pés;

Não mais, onde os bosques para formar um caramanchão

Com ramos entrelaçados se misturam e encontram,

Ou onde, com som como de muitas vozes doces,

Cascatas saltam entre verdes ilhas selvagens,

Que para o meu barco solitário formavam um retiro solitário

De árvores musgosas e ervas daninhas, serei visto—

Mas ao teu lado, onde ainda o meu coração sempre esteve.»

Esta última mensagem, e outra para a qual não tenho espaço agora, combinaram tão perfeitamente com os nossos pensamentos quando as recebemos, que não temos a menor dúvida de que foi intenção de Bim nos indicar conclusivamente que ele habita entre nós, e que os nossos sentimentos e pensamentos lhe são conhecidos.

Quando tal comunicação pode ser estabelecida, a Sepultura é roubada da Vitória, e o coração ouve com renovada compreensão as palavras:

«Não vos deixarei órfãos.»

CAPÍTULO XX

«Quem vai lá?»

«Amigo.»

«Dá a Senha.»

«Serviço.»

«Passa, Amigo, está tudo bem.»

Maravilho-me que a Igreja veja as atividades do Espiritualismo como antagonistas ao seu ensino. No seu ataque central ao pensamento materialista, deveria ser reconhecida como uma valiosa aliada. Pois o Espiritualismo identifica o material com o universo espiritual. Aqui e agora, diz ele, somos seres espirituais; aqui e agora, no mundo material, o mundo espiritual se revela diante de nós, e dentro de nós mesmos estão escondidos poderes tais como se acredita pertencerem apenas a anjos e semideuses.

Este mundo, tal como o percebemos com visão limitada, não está completo, nem está separado do resto do universo. Em todas as épocas, e em todas as religiões, houve alguns que souberam isto, e que habitaram em comunhão consciente com outros estados de ser. Igualmente verdade é que estes tiveram constantemente de enfrentar ou fugir da hostilidade dos ignorantes.

Aqueles de nós que têm a nova revelação no coração sentem-se gratos por, na Conferência de Lambeth, realizada recentemente, o assunto do Espiritualismo ter recebido destaque, e é bom que assim tenha sido. A Igreja não pode dar-se ao luxo de ignorar ou negar o Espiritualismo dos nossos dias, porque é uma coisa viva e trouxe a Palavra viva a muitos.

Não estou a aludir agora aos fenómenos físicos, embora significativos, mas refiro-me ao ensino por trás do culto do Espiritualismo. E qual é o seu ensino? É a renovação da Promessa Divina: «Não morrerás, mas viverás.»

«Mas não é esta a mensagem que a Igreja dá ao seu povo?», dirão. «Porque se desviar para a ouvir de outros?» Bem, consideremos este ponto. É esta a mensagem que a Igreja tem estado a transmitir? Não tem ela, no passado, insistido mais na ressurreição do corpo do que na imortalidade da alma? Nas Sagradas Escrituras, em lado nenhum nos é dito que as nossas formas físicas ressuscitarão novamente. Onde aparecem textos que ensinam este grosseiro mal-entendido da verdade, foram mal traduzidos, seja acidentalmente ou de propósito. Tomemos o exemplo conhecido do capítulo dezanove de Job. A tradução correta é: «Embora depois da minha pele este corpo seja destruído, contudo sem a minha carne verei a Deus.» No entanto, nunca o ouvimos ler assim. O velho erro é perpetuado.

Não quero dizer que a Igreja ainda acredita na ressurreição do corpo; ninguém pensa agora que a dissecação seja inimiga da Manhã da Ressurreição; (e, no entanto—pode acreditar-se?—foi essa a razão pela qual durante anos a dissecação foi ilegal, e o progresso da ciência médica seriamente retardado, enquanto, no seu interesse, prevalecia a odiosa prática do roubo de cadáveres); mas quero dizer que aumentaria infinitamente a influência da Igreja se ela reformulasse algumas das formas de culto, corrigindo afirmações erradas e reanimando a sua grande maquinaria com um novo influxo desta verdade. Não é bom para as almas das pessoas continuar a dizer o que sabem que não é verdade, e é tão desonesto como algumas das acusações feitas contra o Espiritualismo.

O cerne da dificuldade sentida por algumas mentes é que o Espiritualismo é frequentemente referido como uma religião,

como se, em si mesmo, a sobrevivência fosse um facto religioso; mas o Espiritualismo não é, em sentido algum, uma religião. Não é mais divino sobreviver à Morte do que viver um período de existência terrena. O que se pode verdadeiramente dizer do Espiritualismo é que, se a sobrevivência à Morte for cientificamente estabelecida e aceite, torna a crença numa Ordem Divina muito mais fácil e, portanto, uma vida espiritual mais fácil de encontrar.

A Igreja está acorrentada pela doutrina medieval, e muitos dos seus ritos e o caráter dos hinos escolhidos estão totalmente fora de sintonia com a tendência de pensamento do povo. E, no entanto, por vezes quase pareceria que a doutrina da Ressurreição do Corpo ainda tem hoje os seus adeptos. Teria havido o amargo clamor que ouvimos sobre os cemitérios em França e a forma das lápides se o ensino da Igreja tivesse sido mais claro sobre este ponto? Teria sido demonstrado tão grande desejo de trazer os corpos de volta de onde caíram tão honrosamente? Os enlutados ficam a olhar para a cova, e há um grande som de choro. E é aqui que o Espiritualismo pode ser mais benéfico. Ele avança com as palavras brilhantes: «Porque buscais os vivos entre os cadáveres?» Certamente esquecemos muitas vezes o significado destas palavras?

Recebi flores prensadas, tufos de erva, fotografias, até um desenho a lápis da sepultura onde jaz o corpo do meu filho. Estas ofertas são enviadas com a maior ternura, e são recebidas por mim com gratidão, mas parecem estranhamente irrelevantes. Olho para aquela porção particular de solo em França como poderia olhar para qualquer guarda-roupa numa das escolas que ele frequentou, que em tempos guardou as suas roupas. Parece quase risível ligá-lo à sepultura. No entanto, não se pode esperar corrigir isto facilmente. O pensamento de rebanho centra-se nos

cemitérios. A Raça Humana sempre se agarrou à sua Mortalidade; a única coisa de que tinha certeza, vejam.

E, no entanto, movimentos tão grandes como a Ciência Cristã e a Igreja Universal, a Ordem dos Místicos Cristãos, e os seguidores do Novo Pensamento, são sinais de que muitas pessoas superaram o ensino arcaico. Vejamos o serviço batismal na ordem da Oração Comum. Está cheio da ignorância monástica da Idade Média, escuro com as ameaças de um Deus de Ira. Ou consideremos os ritos da Quaresma, o serviço da Sexta-Feira Santa tal como é geralmente observado. Quão materialista é a tendência do pensamento, quão fortemente se insiste no lado corporal da morte de Cristo, quão fortemente a Crucificação é enfatizada. Aqui está novamente o culto da sepultura. Ou será a relíquia de uma crença no Grande Sacrifício que há de aplacar o Deus de Ira para com o Homem, Sua criatura? Se assim for, o Espiritualismo pode novamente agir beneficamente se for reconhecido, pois o seu ensino é que é a Vida de Cristo que nos há de salvar, não a sua crucificação.

O caráter do serviço quaresmal é insalubre; imerso num cego humor de solene miséria. Assim como a «boniteza» é o flagelo da Arte, a «solenidade» tem sido o flagelo da Religião. Tanto é considerado «secular» pela mente da Igreja, ao passo que a Nova Dispensação revela que não há nada secular exceto o pecado.

Não estou a ignorar o Serviço Pascal, mas aqui, novamente, a ênfase, certamente, é colocada sobre uma falsa suposição; pois a Igreja prega a Ressurreição de Cristo como um ato divino e único, enquanto nós sabemos que não é na Sua Ressurreição que testemunhamos a Divindade. É porque em Vida Ele nos mostrou o que todos podemos ser, e na Morte, o que todos estamos a fazer, que Ele reclama para sempre a nossa adoração e o nosso amor.

«O povo que jazia nas trevas viu uma grande luz.»

Há, no entanto, sinais de uma mudança na atitude rígida da Igreja, e que ela mude não é apenas para seu próprio bem-estar, é importante para o bem-estar do Espiritualismo. Precisamos da sua simpatia. Os espiritualistas enganam-se se pensam que a sua vela ao vento brilhará para preservação a menos que a nobre estrutura da Igreja seja colocada como uma lanterna à sua volta; mas para a própria Igreja, uma mente aberta em relação ao crescimento deste assunto é imperativa.

Que ela supere o seu preconceito, e «experimente este Espírito, se é de Deus.» Experimentar o Espírito, no entanto, significa que os eclesiásticos devem ler os melhores livros sobre o assunto, filiando-se à Sociedade de Investigação Psíquica, e eles próprios devem realizar um círculo de investigação, e isto com uma mente imparcial, durante pelo menos três anos antes de chegar a uma decisão. Devem fazer um curso de Teosofia, e quando se tiverem esclarecido quanto à constituição psíquica do Homem, encontrar-se-ão aptos a servir e ajudar almas em ambos os lados da sepultura, pois há muitas do lado de além que necessitam de ministração.

A religião aceite ensina a Comunhão dos Santos, e nós falamos da comunicação das almas. Há alguma diferença senão no grau? Os mortais devem ser almas primeiro antes de serem santos, o fruto deve amadurecer. A colheita, antes de estar no celeiro, está na erva, e Cristo demonstrou no Seu próprio exemplo que, após a morte, é bom encontrar e falar com os nossos amigos.

Aqui alguém dirá: «Isso é completamente diferente; aquilo a que nos opomos é ao médium.»

Esta é uma observação que se ouve constantemente; representa grande requinte, refinamento, um gosto impecável. «Se tenho de morrer, morro; mas não toques no meu topete, diz o Pavão»—e tão verdadeiro é isto, que se poderia perverter o texto

e dizer que com estas pessoas «o gosto perfeito expulsa o Amor», pois eles preferem infinitamente não ouvir falar nem de nem de «preciosos amigos escondidos na noite sem data da morte» a ferir os seus próprios sentimentos.

Eles gostariam de comunicação, mas não a querem desta forma; mas ao protestarem contra um médium estão ao nível de quem possa dizer: «Gosto de um piquenique, mas tem de haver um cesto?» ou «A música é um grande consolo, certamente, mas oponho-me ao instrumento.»

Infelizmente, o progresso neste assunto foi retardado por centenas de anos através do massacre em massa na Idade Média daqueles com poder psíquico chamados bruxas; 1 e no atual estágio de desenvolvimento, os serviços de um médium, para comunicação espiritual, são geralmente essenciais.

Mas aqui está um ponto em que os espiritualistas devem mostrar discernimento. Que sejam circunspetos quanto ao caráter daqueles que escolhem, e tendo encontrado um médium que respeitam, que se sintam contentes e constantes, pois o canal aprofunda-se e a corrente se fortalece, com regularidade e uso.

Uma mudança que a Igreja fez é de importância. Antes da Reforma, o dia seguinte ao Dia de Todos os Santos era observado como um dia em que recordar e rezar pelos fracassos humanos, pelos errantes, que tinham partido da terra sem despertar, o Cristo místico dentro deles ainda por nascer.

1 Os habitantes das Hébridas, e de outras partes remotas da Europa, são mais ricos em segunda-visão e clariaudiência do que as pessoas de outras regiões, porque a caça às bruxas não foi tão longe. Eles não foram molestados.

Após a Reforma, quando a heresia de mente estreita decretou que a morte física fixava para sempre a condição do indivíduo, o Dia

de Todas as Almas foi obliterado do calendário. Agora, o Dia de Todas as Almas foi reposto, e embora isto tenha sido feito principalmente por um desejo por parte do clero de impedir que as suas congregações acorressem a médiuns para estabelecer comunicação com os mortos, é, no entanto, um reconhecimento tácito pela Igreja da verdade de um dos principais ensinamentos do Espiritualismo.

O erro fundamental que é comummente cometido reside em acreditar que aqueles que amamos estão de alguma forma mudados por terem experimentado o incidente da morte. Ao despojarem-se do corpo material, a sua individualidade não é diminuída nem aumentada. Se desejam comunicar com aqueles que amam, e têm o conhecimento de que isso é possível, fá-lo-ão tão naturalmente como teriam usado o telefone ou enviado um telegrama em dias anteriores.

Por vezes ouve-se a objeção de que os meios de comunicação são tão mesquinhos; mas quando o meu filho estava em França, usou uma caneta para comunicar com a sua Mãe; não achou o instrumento demasiado trivial. Serviu. E é o mesmo agora: ele usa o que encontra ao serviço deste fim, e não há nada de sacrílego ou surpreendente no assunto.

Nas Escrituras, quantos exemplos não estão registados de Deus a falar ao Seu povo através de várias manifestações do Espírito, utilizando até tábuas de pedra? É contrário a uma conceção da Sua inalienável misericórdia que acreditemos que hoje Ele nos fala no espírito daqueles que amamos?

Mas com tudo isto dito, vejamos que nós, que desejamos que a verdade seja estabelecida, sejamos diligentes na separação do falso do verdadeiro. Escolhamos o mais admirável entre as expressões menos dignas das atividades espirituais. Há grande necessidade disto. Que seja desembaraçado da adivinhação, da

fraude, das jocosidades tolas e vulgaridades com que este assunto tem estado demasiado tempo enredado.

É esta odiosa confusão que tanto tem feito para depreciar a verdade; deixou o assunto aberto à justa e forte denúncia da Igreja, por um lado, enquanto, por outro, é entregue à Imprensa, que o trata com imperdoável leviandade. Felizmente, as condições agora existentes trouxeram uma mudança nesta direção. O sofrimento generalizado e a influência da dor têm enobrecido o Espiritualismo.

Foi purificado de muitas impurezas e bastante livre dos defeitos que o caracterizavam antes da Guerra. Se parar para pensar nisso, verá que não poderia ter sido de outra forma; pois de um lado tem o espírito predominante de tristeza exaltada, e do outro a grande multidão de testemunhas. Há tantas mãos estendidas de volta para apertar as nossas aqui, tantos corações ansiosos por nos dizer que ainda estão perto de nós e vivos, que não há lugar para charlatanice, mesmo que as pessoas estivessem inclinadas a ser fraudulentas. «Não há lugar para a morte.» 1

1 Nota do tradutor: A expressão final «There is no room for death» é uma citação ou paráfrase de um conhecido poema ou escrito espiritualista da época, frequentemente atribuído a Victor Hugo ou a outros autores, significando que, na plenitude da vida espiritual, a morte não tem lugar.

Sir Thomas Browne observa algures que a Bandeira da Verdade nunca se arrastaria no pó, não fora o porta-estandarte, e tenho grande receio de que, por minha própria insuficiência, possa comprometer em algum grau o que considero ser verdade. É certo que nenhum assunto sofre tão ricamente nas mãos dos seus adeptos como esta questão do Espiritualismo, e penso que a principal falha está na direção de o confundir com religião.

1 Este poema é dado na íntegra no Apêndice III.

O Espiritualismo, devo repetir, não é em sentido algum uma religião.

Desde os meus primeiros anos, fui educada nesta linha de pensamento e recebi literatura sobre o assunto, mas nunca fui levada por um momento a pensar que devesse ocupar o lugar da religião. Foi dado antes como uma luz de conhecimento à luz da qual ver o ensino do Cristianismo, e nessa luz compreender a narrativa surpreendente do Novo Testamento; e o estudo dos fenómenos do Espiritualismo apoia, em vez de conflituar com, estas narrativas da vida de Cristo; há boa razão para acreditar que alguns dos milagres por Ele realizados foram efetuados através do conhecimento das próprias leis que regem os fenómenos dos nossos dias. E quando consideramos isto, não é deplorável a atitude das pessoas piedosas em relação a este assunto? Considerem a sua ignorância do seu ensino, a sua suspeita, o seu desprezo; no entanto, aqueles que conseguem trazer para ele uma mente imparcial, certamente se tornarão conscientes de uma semelhança entre os seus fenómenos e as experiências dos discípulos do Senhor?

Ao olhar para trás, para os meus primeiros anos, recordo uma experiência com especial gratidão. Foi meu privilégio sentar-me num círculo plenamente desenvolvido e privado, um círculo distinto pela sua autoridade e elevada posição, e notável por fornecer a Frederic Myers muito material que apareceu como evidência no seu grande livro, Human Personality after Death.

Posso resumir muito brevemente o resultado disto; aprendi que a morte é um incidente na vida, e a vida é contínua; que a comunicação com aqueles a quem chamamos mortos, sob certas condições, é possível; que as condições sob as quais existem aqueles a quem chamamos mortos não são muito diferentes das da vida terrena. Aprendi que o Mundo Espiritual é imanente, e que depende de nós próprios até que ponto e com que clareza o

percebemos; e finalmente aprendi que é pela vida de Jesus que seremos «salvos», e não pela Sua morte, e isto apenas na medida em que seguimos, nas nossas próprias vidas, o Seu divino exemplo.

Olho para trás para tudo isto e vejo o seu sólido valor, e as pessoas envolvidas no movimento que visitaram a casa dos meus pais—Edward Maitland, Gerald Massey, Gurney, Myers, Crookes, Mount Temple, Wilberforce—destes ouvi falar, ou ouvi conversar, e os seus livros estavam nas nossas mesas—permitam-me aproveitar esta oportunidade para os saudar e saudar novamente os seus nomes.

Registo isto apenas para deixar claro que, quando chegou o momento de precisar do consolo oferecido pelo Espiritualismo, voltei-me para ele tão naturalmente como as folhas se voltam para a luz. E não num voo de natureza emocional nem numa dependência crédula, mas fi-lo de uma maneira tão prática e de senso comum como teria feito para reservar uma passagem ou enviar um cabo para a Nova Zelândia, se tivesse acontecido que o meu filho tivesse ido para aquela parte do globo.

O último inimigo a ser destruído não é a morte, pois a morte é um meio de progressão. O último inimigo a ser engolido é a separação da morte, pois esta é o resultado do materialismo, e tudo o que obstrui em vez de revelar, guerreia contra Deus. Não reconhecerá então a Igreja o Espiritualismo superior, reavivando assim os fogos nos seus altares, e readquirindo evidências daquelas atividades do Espírito que iluminaram os primeiros anos da fé cristã?

As suas evidências não são senão a sombra de Deus, mas ainda assim algum testemunho da Sua proximidade das almas exiladas dos homens.

«Pois onde estará Deus ausente? Na Sua Face

Está a luz, mas na Sua Sombra também a cura.

Deixe Guido tocar a Sombra e ser curado.»

APÊNDICE I

Relato de Mrs. Leonard sobre o seu Encontro com Feda.

«As mentes vulgares geralmente condenam tudo o que está além do alcance da sua compreensão.»

— Rochefoucauld.

Em dezembro de 1910, conheci duas irmãs, a quem fui apresentada quando estava a visitar uns amigos. Depois de trocarem algumas palavras comigo, uma delas perguntou-me se eu era espiritualista? Respondi que estava muito interessada no assunto, e descobrindo que elas eram da mesma opinião, decidimos sentar-nos juntas para desenvolvimento. Elas vieram a minha casa num dia marcado e escolhemos uma pequena mesa de bambu, e sentámo-nos à volta dela com as mãos apoiadas na sua superfície, mas durante um número considerável de sessões, sem qualquer resultado. Na vigésima sétima sessão, uma das irmãs ficou muito impaciente e, tirando as mãos da mesa, afastou-se e sentou-se a ler um livro na outra ponta da sala. Dentro de dois ou três minutos, a mesa começou a mexer-se. Recebemos mensagens de vários amigos, soletradas por meio de inclinações da mesa; a minha Mãe comunicou, e vários outros, depois um nome comprido foi soletrado começando por F. Não conseguíamos pronunciá-lo, por isso perguntámos se podíamos selecionar algumas das letras e usar essas como nome? A resposta «sim» foi dada, por isso escolhemos F.E.D.A., e foi assim que começou o meu conhecimento com Feda.

Feda disse-nos que era minha trisavó, nascida hindustana, que fora criada por uma família escocesa, e que morrera muito

pouco depois do seu casamento, aos treze anos. Lembrei-me de que a minha Mãe me tinha falado desta antepassada hindustana. Feda disse-nos então que me iria controlar porque «tinha trabalho a fazer através de mim, porque algo ia acontecer no plano da Terra em grande escala e os meus serviços seriam necessários.»

Não fiquei satisfeita com isto, pois queria desenvolver clarividência normal, mas Feda disse: «Não, deves ser controlada, porque de outra forma a tua própria mente interferiria em tudo o que desejamos dar através de ti.» Então comecei a pensar seriamente nisso, embora não quisesse ser colocada em transe.

Continuámos as nossas sessões de mesa, às quais Feda vinha regularmente. Ela era tão útil e consoladora que me tornei bastante afeiçoada a ela, e muitas das mensagens tinham valor probatório, pois foram-nos ditas coisas que não sabíamos, e só depois provámos serem verdadeiras; ela dizia-nos de acontecimentos a ocorrer a uma distância que subsequentemente descobrimos estarem corretos. Continuámos assim durante vários meses, e comecei a sentir que talvez estivesse errada em recusar permitir que ela trabalhasse através de mim. Ela ficou encantada quando lho disse, mas embora nos tivéssemos sentado regularmente durante dezoito meses, ela não conseguiu, de facto, foi apenas quando desisti de tentar e comecei a ficar bastante aborrecida com o processo que ela conseguiu.

Uma noite, sentindo-me muito cansada do que estava a acontecer, pensei ter adormecido por alguns momentos. Quando acordei, fiquei surpreendida ao ver os meus amigos debruçados sobre mim, com grande interesse. Disseram-me que estivera em transe durante uma hora e meia, e que Feda falara através de mim, trazendo muitas mensagens de amigos do Outro Lado. Ela repetira que um tempo escuro estava a chegar, no qual tinha trabalho a fazer, e que eu seria necessária como médium através de quem ela poderia trazer a certeza de uma vida após a morte.

Tivemos muitas sessões; elas não afetaram a minha saúde de forma desastrosa. Estou muito melhor e mais forte de saúde desde que me desenvolvi do que estava antes.

No início, não era fácil para Feda concentrar-se no que era sério ou aconselhável. Ela teve de treinar-se para o serviço; por vezes era difícil fazê-la atender ao que desejávamos. Demorou dezoito meses até que ela se tornasse proficiente.

Quando se tornou capaz de fazer o que queríamos, disse que eu devia dedicar-me profissionalmente. Eu estava muito receosa, pois não pensava que pudesse fazer este trabalho sob encomenda, mas Feda prometeu que cuidaria de mim desde o início.

Comecei por realizar círculos na zona oeste de Londres; desde o primeiro momento, pagaram as minhas despesas. Depois disso, a Guerra rebentou, e em poucos meses as pessoas vinham ter comigo a querer mensagens de teste sobre aqueles que tinham partido. Feda pediu-me então para abandonar as minhas sessões públicas, pois as condições, dizia ela, nem sempre eram boas. Disse-me que num círculo do dia anterior, um rapaz que tinha sido morto na Guerra estivera muito ansioso por falar com a sua Mãe no círculo, mas não conseguira chegar até ela porque duas pessoas presentes causavam uma condição frívola e pouco congenial.

Assim, abandonei os meus círculos públicos e comecei sessões privadas, e muito rapidamente tive muito mais pessoas a querer sentar-se do que podia acomodar.

Feda disse-nos que o benefício do seu trabalho comigo é duplo. É um período de serviço que lhe é exigido, e enquanto ministra aos outros, ela faz progresso espiritual na sua própria alma. Ela teve um período de vida terrena tão curto que, provavelmente, neste trabalho adquire algo do treino e conhecimento que se derivam de um período de existência terrena

Desde o momento em que falou pela primeira vez através de mim até agora, ela tem trabalhado—para usar as suas próprias palavras—«apenas como uma mensageira.»

Gladys Osborne Leonard.

APÊNDICE II

Dos «Diálogos Divinos» de Platão.

«Faremos o nosso melhor, Sócrates,» responde Críton, «para lhe obedecer. Mas como será sepultado?»

«Como quiserdes,» diz Sócrates, «se eu não vos escapar. Ao mesmo tempo,» olhando para nós com um suave sorriso, «não posso,» diz ele, «alcançar o meu fim em persuadir Críton de que este é Sócrates, que discursa convosco e organiza todas as partes deste discurso; e ele ainda imagina que Sócrates é a coisa que em breve verá a morte. Confunde-me com o meu cadáver; e nessa perspetiva, pergunta-me como serei sepultado. E tudo isto após o longo discurso que vos fiz há pouco, para mostrar que, assim que tiver tomado o veneno, não ficarei mais convosco, mas partirei daqui para gozar a felicidade dos bem-aventurados; numa palavra, tudo o que eu disse para vossa consolação e para a minha, é em vão, está tudo perdido em relação a ele. Peço-vos que sejais meus fiadores para Críton, mas de uma maneira contrária àquela em que ele se ofereceu para ser meu fiador perante os meus juízes; pois ele se comprometeu a que eu não fugiria.

Ora, comprometei-vos por mim que, logo que esteja morto, terei partido, para que o pobre Críton suporte a minha morte com mais serenidade, e que quando vir o meu corpo queimado ou enterrado, não desespere, como se eu sofresse grande miséria, e diga no meu funeral que Sócrates está estendido, Sócrates é levado, Sócrates é sepultado. Porque deveis saber, meu caro

Críton,» diz ele, voltando-se para ele, «que falar mal da morte não é apenas uma falta na maneira de discursar, mas também fere a alma.

Deveríeis saber que o meu corpo deve ser sepultado, e que estais à vontade para o enterrar como quiserdes, e da maneira que for mais conforme às nossas leis e costumes.»

Do Fédon: Um Diálogo sobre a Imortalidade da Alma.

APÊNDICE III

Não é covarde a minha alma,

Não treme na esfera tempestuosa do mundo;

Vejo as glórias do Céu brilhar,

E a fé brilha igual, armando-me contra o medo.

Ó Deus, dentro do meu peito,

Divindade omnipresente e eterna,

Vida, que em mim tem descanso,

Como eu—vida imortal—tenho poder em Ti.

Vãos são os mil credos

Que movem os corações dos homens: inefavelmente vãos,

Sem valor como ervas secas,

Ou a mais ociosa espuma em meio ao mar sem fim,

Para despertar dúvida naquele

Que tão firmemente se agarra à Tua infinidade,

Tão seguramente ancorado

Na rocha firme da Imortalidade.

Com amor que tudo abraça,

O Teu espírito anima os anos eternos,

Permeia e paira acima,

Muda, sustenta, dissolve, cria e ergue.

APÊNDICE III 147

Embora a terra e o homem se fossem,

E sóis e universos deixassem de ser,

E Tu ficasses sozinho,

Toda a existência existiria em Ti.

Não há lugar para a Morte,

Nem átomo que o seu poder pudesse tornar vazio;

Tu—Tu és o Ser e o Sopro,

E o que Tu és nunca pode ser destruído.

Emily Bronte.

APÊNDICE IV

«Inteligência Reconhecida.»

Durante o Outono de 1920, enquanto este livro estava a ser preparado para publicação, tive uma sessão com Mrs. Leonard, durante a qual me foi dado um Teste com Livro do mais recente desenvolvimento. É um esquema planeado para obviar ainda mais a possibilidade da operação da telepatia, ou da ação da memória

subconsciente; e para conseguir isto, o Teste é concebido para ser encontrado na primeira página do jornal «The Times» do dia seguinte.

Diz-se que o pai do Rev. Charles Drayton Thomas foi o inventor desta forma de Teste com Livro; e um certo número já foi recebido. É particularmente valioso, pois responde à objeção do cético na comunicação espiritual, que sustenta que podemos reter na memória subliminar o conteúdo de todos os livros que alguma vez lemos, até aos números das páginas, e que, consequentemente, desvaloriza a validade da forma mais usual.

É colocado entre os Apêndices aqui porque este livro já estava demasiado avançado na produção para ser incluído no texto.

APÊNDICE IV 149

TESTE COM LIVRO, 11 de outubro de 1920.

(Indicações.)

1. «Ora, no 'Times' de amanhã, na primeira página, na segunda coluna, cerca de meio caminho para baixo, encontrarão o nome de Stephen.»

(Rastreio do acima.)

Na segunda coluna do «Times» de 12 de outubro, a meio da página, estava o nome Stefano.

(Continuação das indicações.)

2. «Ora, perto dele está um nome 'sugerindo' um lugar que Bim conhecia muito bem, e de que gostava imenso quando estava no Plano Terreno.»

(Rastreio do acima.)

Uma polegada abaixo deste nome Stefano, encontrámos o nome Freda, o nome de uma amiga que costumava convidá-lo para Bournemouth, Fontmel Priory. Quando criança, ele gostava tanto deste lugar que o chamava de «A Casa do Desejo.»

(Ver Memoir of E. W. T. pela sua Mãe.)

(Continuação das indicações.)

«Ora, na primeira coluna, perto do topo, estão os nomes de duas pessoas, nomes na família, que ambas já partiram e estão com Bim no Outro Lado. Uma tem sido frequentemente mencionada nas sessões.»

(Rastreio do acima.)

Na primeira coluna, perto do topo, ocorrem os dois nomes Harold e Pamela. Ambos são nomes na família, ambas as pessoas com estes nomes estão no Outro Lado, e uma delas (Pamela) tem sido mencionada frequentemente durante as sessões de Bim.

(Continuação das indicações.)

«Ora, na terceira coluna, ele pensa que a cerca de cinco centímetros do topo (do jornal?), estão palavras que podem formar uma mensagem para Bim, uma mensagem que ele diz que ‘gostaria de te ter dito no dia 22,’ 1 e não te esqueças, diz ele—são apenas algumas palavras, porque algumas outras palavras perto delas a estragariam.»

(Rastreio do acima.)

Na terceira coluna, a cerca de cinco centímetros do topo—do jornal—estão as palavras:

«O Meu Amor Sempre»

As palavras imediatamente anteriores a esta são, «faça questão de ver a noiva de T: para seu proveito fazê-lo», endossando assim inteiramente o aviso de que «outras palavras perto da sua

mensagem a estragariam»—«apenas algumas palavras: O meu amor sempre.»

1 22 de setembro (1916) foi a data da passagem de Bim.

(Continuação das indicações.)

«Voltando à primeira coluna, está o nome do Senhor, na parte inferior da primeira coluna, e o nome de um parente próximo dele que já partiu. Ambos os nomes estão próximos, a menos de um centímetro e meio.»

N.B.—Feda refere-se sempre ao pai de Bim como o Senhor.

(Rastreio do acima.)

Na primeira coluna, na parte inferior, aparece o nome Edward, e se Feda tivesse dito «conexão» em vez de «parente», o teste estaria completo, pois perto do nome Edward está o nome Alexander, um representando uma conexão próxima com a família Tennant.

Assim, num Teste com Livro com seis pontos de contacto, todos com uma ligeira imprecisão, foram rastreados satisfatoriamente.

Pamela Glenconner.

CONCLUSÃO

E agora o meu trabalho chega ao fim.

Será bom se conseguir levar as pessoas a pensar que há algo que não é mau no Espiritualismo. Na beleza e gentileza do poder por trás destas citações, na consolação curativa que trazem, na Fonte Divina de simpatia de que falam, certamente os leitores deste livro poderão reconhecer algo do escritor daquelas simples palavras?

«Amor Eterno—

de Bim.»

Aqueles que estão descarnados têm a vida mais plena, deles é «um éter mais amplo, um ar mais divino», e se nos amam, o seu desejo é partilhá-lo connosco, e quanto mais puderem fazer isto, maior é a sua felicidade e a nossa.

Para aqueles que perguntariam: «É sábio ou justo trazê-los até nós; devemos mantê-los dentro das nossas condições terrenas?» responderia que não se pode trazer de volta o que nunca partiu, e quanto ao possível detrimento da sua vida através das nossas condições terrenas, responderia que não se limita nem se comprime um dia de Primavera abrindo uma janela. Há suficiente plenitude de calor e ar lá fora para encher uma sala de luz e beleza, e, no entanto, o dia em si não ser diminuído em nada.

Muitas vezes desejo que a verdade desta possibilidade de comunicar com aqueles que amamos e que partiram seja do conhecimento de todos; mas parece que para tantos a necessidade de evidência é demasiado grande—bloqueia o caminho. Esperam no limiar do que poderia ser uma alegria suprema para eles, movidos mais pela desconfiança e por cem outros sentimentos do que pelo amor. O pensamento disto é doloroso; é como fechar uma porta na face daqueles que nos querem servir; um ato indelicado.

É em grande parte verdade que a qualidade da comunicação que recebemos depende muito da nossa capacidade de apreciar o que é dado, pois o ouro está misturado tão profundamente e tão lamentavelmente com escória, que é preciso peneirar e peneirar sem cessar; mas se tivermos uma mente aberta e um coração amoroso, recebemos prova, bem como conforto, em maior abundância do que se pode dizer. Aqueles que não se interessam por isso não terão o conhecimento imposto; e aqueles outros que,

como lemos na Bíblia, «se apegam ao lado da Morte, encontram-no»; mas para todos aqueles que estão prontos a investigar este assunto com imparcialidade e paciência, aguarda

«Uma manhã, que nenhum coração imagina.»

A Morte é uma barreira sem portão, e aqueles de ambos os lados que sabem isto, passam; e «a tristeza e o gemido fogem».

Não há também vida humana?

Não temos nós, criaturas impensadas,

Escravas da tolice, do medo e da contenda,

Vozes de duas naturezas diferentes?

Não temos também?—sim, temos—,

Ecos de não sabemos donde,

Vozes para além da sepultura,

Inteligência reconhecida.

Tais repercussões, o ouvido interior

Apanha por vezes de longe;

Escuta, pondera, tem-nas por queridas,

Pois de Deus, de Deus são.